



**Fabiana Ana da Silva
(Fabiana Vencezlau)**



Foto: Hiêgo Moisés, 2023

CONTAM OS MAIS VELHOS: ANCESTRALIDADE, ORALIDADE E
RESISTÊNCIA NO QUILOMBO DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS -
PE/BRASIL

PORTO ALEGRE - RS
CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS
SALGUEIRO - PE / BRASIL

**FABIANA ANA DA SILVA
(FABIANA VENCEZLAU)**

**CONTAM OS MAIS VELHOS: ANCESTRALIDADE, ORALIDADE E RESISTÊNCIA
NO QUILOMBO DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS – PE/BRASIL**

Trabalho de Dissertação apresentado a/ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos de Literatura/ Pós-Colonialismo e Identidades.

Orientadora: Professora Dr^a Líliam Ramos

**PORTO ALEGRE – RS
OUTUBRO DE 2023**

CIP - Catalogação na Publicação

VENCEZLAU, FABIANA
CONTAM OS MAIS VELHOS: ANCESTRALIDADE, ORALIDADE E
RESISTÊNCIA NO QUILOMBO DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS -
PE/BRASIL / FABIANA VENCEZLAU. -- 2023.
163 f.
Orientadora: LILIAM RAMOS.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Ancestralidade. 2. Identidade. 3. Resistência.
4. Oralessência. 5. Quilombo de Conceição das Crioulas.
I. RAMOS, LILIAM, orient. II. Título.

**FABIANA ANA DA SILVA
(FABIANA VENCEZLAU)**

**CONTAM OS MAIS VELHOS: ANCESTRALIDADE, ORALIDADE E RESISTÊNCIA
NO QUILOMBO DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS – PE/BRASIL**

Trabalho de Dissertação apresentado a/ao Programa Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos de Literatura/ Pós-Colonialismo e Identidades.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Líliam Ramos / UFRGS
Orientadora (Presidenta da Banca)

Prof.^a Mestra Maria Diva da Silva Rodrigues
Examinadora Quilombola

Prof.^a Dra. Ana Tettamanzi / UFRGS
Examinadora Interna

Rita Emanuela Rainho Brás / FBAUP
Examinadora Externa

Prof.^o Dr. Alan Alves Brito / UFRGS
Examinador Externo

DEDICATÓRIA
À minha espiritualidade
À minha ancestralidade
Ao Quilombo de Conceição das Crioulas –
minha base, meu alicerce, meu chão.

É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu. Isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos (Tenório, 2020, pág. 61).

AGRADECIMENTOS

Às pessoas mais velhas quilombolas.

Às pessoas mais velhas indígenas.

Aos meus filhos de sangue, Guilherme, Akin e Benjamim e aos meus filhos de luta THE WSS, Fábria e Lorena.

À AQCC – Associação Quilombola de Conceição das Crioulas.

À Native, Luzia, Cida, Aninha e a todas as pessoas da comunidade que cuidaram ou que se disponibilizaram a cuidar dos meus filhos enquanto eu estudava.

“Azamigas” que são família.

À família de sangue.

Aos meus estudantes – 5º ano B 2022 da Escola Municipal Quilombola José Nêu de Carvalho e às famílias de meus estudantes.

A quem aceitou o desafio de me substituir na turma do 5º ano B, 2022.

Aos envolvidos e envolvidas para que meu afastamento temporário saísse.

Ao motorista Reginaldo.

Aos funcionários da Escola Municipal Quilombola José Nêu de Carvalho que me diziam palavras de incentivo.

À minha prima irmã Silvana pela acolhida em Petrolina quando eu ia ou vinha de Porto Alegre.

Aos irmãos de África que conheci em Porto Alegre, Ibrahima e Djidjoho.

Às amigas que fiz em Porto Alegre.

Às professoras e professores que tive a honra de conhecer por meio das disciplinas.

À minha paciente orientadora Líliam Ramos.

À minha paciente revisora.

A todos e todas que contribuíram direta e indiretamente.

A toda comunidade de Conceição das Crioulas.

A Deus, aos orixás, aos encantados e a todos os espíritos de luz.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Bonecas vivas do Caroá.....	16
Figura 2- Minhas raízes indígenas.....	20
Figura 3- Escola São Domingos Sávio, minha primeira escola formal	22
Figura 4- Às mestras, com carinho.....	23
Figura 5- Recebendo prêmio da Medalha Lucila Angelim.....	30
Figura 6- A vida por um fio.....	33
Figura 7- Ana Maria da Silva – Mãe.....	36
Figura 8- Venceslau José da Silva – Papai.....	37
Figura 9- Maria Ana da Conceição (Maria Vicente) – Avó Materna	38
Figura 10- João Cândido da Silva – Avô Materno.....	39
Figura 11- Alzira Maria da Silva (Alzira de Lourenço ou Alzira Vilante) – Avó Paterna.....	40
Figura 12- José Jilú (José ...) – Avô paterno.....	41
Figura 13- Luzia Maria das Virgens (Maezia) - Bisavó Materna 2	43
Figura 14- Gerônimo Umbelino da Silva (Jilú) - Bisavô Paterno 2	44
Figura 15- Graça Atikum e Fabiana Vencezlau.....	47
Figura 16- Símbolo do Povo Atikum.....	49
Figura 17- Mapa de demarcação do Território Indígena.....	51
Figura 18- Mapa de demarcação do Território Quilombola.....	52
Figura 19- As irmãs Maria da Penha e Jeane Atikum	53
Figura 20- Eu sou porque somos todas e todos nós.....	58
Figura 21- Quantos somos?.....	63
Figura 22- Onde estamos?.....	63
Figura 23- Por região.....	64
Figura 24- Sede da AQCC.....	65
Figura 25- Uma mulher, negra, quilombola, Dona Dina, Tia Dina, Mãe Dina são os nomes que ela carrega	66
Figura 26- Bandeira da AQCC.....	68
Figura 27- Aparecida Mendes.....	69
Figura 28- Bandeira da Comissão.....	72
Figura 29- Givânia Maria da Silva.....	73
Figura 30- Bandeira da CONAQ	74
Figura 31- O Decreto 4887/03 e a vitória.....	76
Figura 32- Do medo ao amor.....	78
Figura 33- Turma do Rolê de Quinta.....	86
Figura 34- Última aula da turma	92
Figura 35- Apresentação sobre o quilombo na disciplina de Poéticas Indígenas.....	93
Figura 36- Mais uma apresentação: do quilombo para a UFRGS	93
Figura 37- Aula de Campo ao Quilombo do Areal.....	95
Figura 38- Minha fonte de energia.....	96
Figura 39- Socialização e Devolutiva.....	98
Figura 40- Vozes da Pedagogia Crioula.....	99
Figura 41- Eu e o mestre Nêgo Bispo.....	100
Figura 42- Última aula da turma	101

Figura 43- A melhor orientadora	108
Figura 44- Levando nossas histórias para a universidade.....	109
Figura 45- Grupo de Estudos.....	110
Figura 46- Bonecas Vivas do Artesanato de Conceição das Crioulas	113
Figura 47- Boneca Francisca Ferreira.....	116
Figura 48- Igreja de Nossa Senhora da Conceição.....	117
Figura 49- Graça Mendes contando sobre a história de origem	118
Figura 50- Boneca Mãe Magá (Margarida)	119
Figura 51- Mãe Joana parteira.....	120
Figura 52- Filha de parteira, parteira é.....	121
Figura 53- Luzia e seu filho.....	121
Figura 54- Boneca Júlia.....	122
Figura 55- Mestra Chiquinha.....	123
Figura 56- Boneca Antônia.....	124
Figura 57- Fuso usado para fiar algodão.....	124
Figura 58- Boneca Madrinha Lurdes.....	125
Figura 59- Boneca Ana Belo.....	126
Figura 60- Boneca Generosa.....	127
Figura 61- Generosa.....	129
Figura 62- Boneca Josefa	130
Figura 63- Josefa	132
Figura 64- Boneca Valdeci.....	133
Figura 65- Valdeci.....	135
Figura 66- Boneca Liosa (Emília)	136
Figura 67- Mestra Liosa e a oralidade.....	137
Figura 68- Boneca Lurdinha.....	138
Figura 69- Lourdinha.....	140
Figura 70- Escola José Néu de Carvalho.....	142
Figura 71- Escola Bevenuto Simão de Oliveira.....	142
Figura 72- Escola Professor José Mendes: O marco para a liberdade	143
Figura 73- Escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralina Mendes	144
Figura 74- Livros do I e II Encontro com as Artes.....	145
Figura 75- Troca de Sabores.....	146
Figura 76- Tradicional Banda de Pífanos de Conceição das Crioulas	146
Figura 77- Meninas do Trancelim de Conceição das Crioulas.....	147
Figura 78- Oficinas nas escolas quilombolas.....	148
Figura 79- Oficina das Bonecas Vivas de Caroá.....	148
Figura 80- Oficina de Angu com Galinha de Capoeira.....	149
Figura 81- Nosso Mestre André Negão.....	150
Figura 82- Comissão de Educação da AQCC.....	151
Figura 83- Lei que cria o Cargo Professor/a Quilombola.....	152
Figura 84- Carta de Princípios.....	153
Figura 85- Filhos da luta.....	155
Figura 86- Primeiro afastamento concedido pelo município para estudante da Pós- Graduação.....	156
Figura 87- Portaria de afastamento temporário.....	156

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1. Da forma ao feito: metodologicamente falando.....	18
2. DAS NARRATIVAS ORAIS AO MUNDO POR ESCRITO	20
2.1 O específico, subjetivo, pessoal, emocional, parcial memorial: o primeiro passo para meu acesso à universidade	22
2.2. Mulheres negras são naturalmente domésticas? A mudança para a cidade.....	26
2.3 O retorno e a autodefinição	28
2.4. Tem machismo em conceição?.....	28
2.5. Educar para a revolução.....	31
2.6. Que não se separe o que a luta e a ancestralidade uniu.....	34
2.7. Minha árvore genealógica.....	36
2.8. O povo indígena Atikum.....	49
3. O EU QUILOMBOLA: PARA ALÉM DOS PILARES	58
3.1 As Bandeiras em mim	64
3.1.1 A AQCC NOSSA FORÇA NOSSA VOZ.....	64
3.1.2 QUILOMBOS DE PERNAMBUCO	70
3.1.3 A CONAQ SOMOS NÓS.....	72
3.2 O Decreto 4887/03 é constitucional.....	74
4. ENTRE ESCUTAS E FALAS: O APRENDER E O ENSINAR NA E COM A UNIVERSIDADE.....	78
4.1 Do texto ao vídeo ou do vídeo ao texto?	79
4.2 Acolhimento que aquece corpo, alma e coração.....	85
4.3 Registros nas e das disciplinas: Por uma universidade que nos leve a pensar e não a obedecer.....	87
4.4 O meu mestrado remoto: minhas primeiras disciplinas.....	88
4.5 Prólogo? O que é? Memórias Decoloniais.....	89
4.6 Quilombo do Areal: histórias diferentes, lutas que se assemelham	94
4.7 A natureza que me recarrega e o racismo que tu carregas....	95
4.8 Artigo ou vídeo? Entre a escrita e a oralidade.....	97
4.9 O dia em que eu ganhei um pai chamado Nêgo Bispo.....	99
4.10 A última do mestrado e o início do doutorado.....	101
4.11 Dissertação: <i>quem não pode com o pote não pega na rudia</i>	107
4.12 O meu <i>Porto</i> mais <i>Alegre</i>.....	110
5. ORALESSÊNCIA: O QUE É DA ANCESTRALIDADE NÃO MORRE	113
5.1 Nossas Mestras Tradicionais.....	115
5.1.1 FRANCISCA FERREIRA: A QUE ABRE CAMINHOS.....	116
5.1.2 MÃE MAGÁ: A QUE TRAZ NOSSAS SEMENTES AO MUNDO	119
5.1.3 JÚLIA: A QUE TRANSFORMA FIBRA EM ARTE.....	122

5.1.4 ANTÔNIA: ENTRE OS FIOS DO ALGODÃO.....	124
5.1.5 MADRINHA LURDES: A ARTE QUE VEM DO BARRO.....	125
5.1.6 ANA BELO: ENTRE A FIAÇÃO E A DEVOÇÃO	126
5.1.7 GENEROSA: G DE GENEROSIDADE.....	127
5.1.8 JOSEFA: A QUE SE BOTA PARA FAZER.....	130
5.1.9 VALDECI: A GUERREIRA.....	133
5.1.10 LIOSA: GUARDIÃ DAS HISTÓRIAS ORAIS.....	136
5.1.11 LOURDINHA: O PATRIMÔNIO VIVO.....	138
5.2. Educação quilombola e educação escolar quilombola.....	141
5.3 O Encontro com as Artes, as Lutas, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas	144
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	157
REFERÊNCIAS.....	159
ANEXOS.....	163
ANEXO 01 DECLARAÇÃO DE PERTECIMENTO ÉTNICO	163

RESUMO

Este trabalho, ao qual chamo de Roda de Conversa, foi realizado no espaço sagrado do Quilombo de Conceição das Crioulas, Salgueiro – Pernambuco / Brasil. Um lugar símbolo de liberdade e que posso chamar de meu. Neste trabalho trago a voz das nossas e dos nossos ancestrais como alicerce das narrativas que são repassadas de geração em geração por meio da oralidade. Essa voz guiada pela espiritualidade que repassa, também encoraja e inspira as gerações atuais e as próximas a continuarem levando adiante as histórias do quilombo por onde passam. Tenho por objetivo fortalecer a tradição oral e valorizar os saberes daquelas e daqueles que não são da academia e que são resistência e produzem conhecimento, mas também dialogar com quem pesquisa, escreve e investiga sobre as mesmas temáticas e aspirações. Em primeiro momento, discuto a questão da mistura de identidades com recorte para os dois Povos Tradicionais: Quilombolas e Indígenas, que constituem Conceição das Crioulas; em um segundo momento, apresento o *eu quilombola*. Em seguida, questiono o que vi, vivi, senti, aprendi na e com a universidade a partir do meu olhar de estudante quilombola, ingressante pelas ações afirmativas. Por fim trago a oralessência das nossas mestras, que nos ensinam e nos fortalecem com nossos saberes próprios tendo como forma de repasse a oralidade. Para assim escrever, me alimentei dos saberes da ancestralidade das minhas mais velhas e mais novas gerações por meio de conversas/entrevistas, assisti vídeos/documentários sobre a comunidade e li outros referenciais de mulheres e homens que dialogam com a minha conversa/pesquisa. Escrevi o que me foi permitido escrever, disse o que me foi autorizado dizer e fiz o que me foi mandado fazer. Eu sou o que somos. Eu sou o Quilombo de Conceição das Crioulas e o Quilombo de Conceição das Crioulas sou eu. Assim foi, assim é, e assim será. Que Deus, os orixás, os encantados e todos os espíritos de luz, continuem protegendo e guiando o nosso povo.

Palavras – chave: Ancestralidade; Identidade; Resistência; Oralessência; Quilombo de Conceição das Crioulas.

ABSTRACT

This work, which I call Conversation Circle, was carried out in the sacred space of Quilombo de Conceição das Crioulas, Salgueiro – Pernambuco / Brazil. A place that symbolizes freedom and that I can call my own. In this work, entitled *Tell the oldest: ancestry, orality and resistance in the Quilombo of Conceição das Crioulas – PE/Brazil*, I bring the voice of our ancestors as the foundation of the narratives that are passed on from generation to generation through orality, and some of them are written here. This voice, guided by the spirituality that it passes on, also encourages and inspires current and future generations to continue carrying on the stories of the Quilombo wherever they go. Its objective is to strengthen the oral tradition and value the knowledge of those who are not from academia and who are resistant and produce knowledge, but also to dialogue with those who research, write and investigate the same themes and aspirations. Firstly, I discuss the issue of the mixture of identities focusing on the two Traditional Peoples: Quilombola and Indigenous, that constitute Conceição das Crioulas; Secondly, I present the quilombola self. Then I question what I saw, lived, felt, learned at and with the university from my perspective as a quilombola student, entering through affirmative actions. Finally, I bring the oral essence of our masters, who teach us and strengthen us with our own knowledge, using orality as a way of passing it on. To write this, I drew on the ancestry knowledge of my older and younger generations through conversations/interviews, watched videos/documentaries about the community and read other references from women and men that dialogue with my conversation/research. I wrote what I was allowed to write, I said what I was allowed to say and I did what I was told to do. I am what we are. I am Quilombo de Conceição das Crioulas and Quilombo de Conceição das Crioulas is me. So it was, so it is, and so it will be. May God, the orixás, the enchanted ones and all the spirits of light continue to protect and guide our people.

Keywords: Ancestry; Identity; Resistance; Oralessness; Quilombo de Conceição das Crioulas.

1. INTRODUÇÃO

Conceição das Crioulas, eu conto a história que minha avó me contava. De como começou Conceição. Falava assim, seis pessoas vindo de lá pra cá, tá entendendo? Por causa que nois vinha correndo, nois vinha fugido, viemo correndo com medo do capitão do mato, aí nessa época que elas chegaram aqui, elas vinham escravizadas. Bom aí foram fiar algodão, as crioulas fiar algodão e aí foram fiando algodão, fiando algodão, iam fiar o algodão e com isso elas pagaram renda da terra de Conceição das Crioulas (Fala extraída do vídeo: CINESESI cultural 10 anos).

Início a minha escrita de liberdade, transgressão e insurgência trazendo a voz de uma anciã do nosso povo, para dizer que é aos pés das pessoas mais velhas, como Dona Liosa, e bebendo da água da ancestralidade, que são repassadas as histórias, os ensinamentos, os ofícios e tudo que faz parte da tradição e do imaginário do Quilombo de Conceição das Crioulas, localizado na cidade de Salgueiro, sertão de Pernambuco, Brasil. Início com a voz de uma mulher para dizer que Conceição das Crioulas é uma comunidade matriarcal que se originou pela luta, força e resistência feminina. Trago primeiro a voz do meu povo para dizer que para nós, quilombolas, a oralidade foi, é e será o elemento mais forte de transmissão de saberes.

Eu, mesmo estando em um espaço acadêmico, peço licença para trazer essas vozes que nem sempre tiveram a oportunidade de frequentar a educação formal, mas são nossos livros, nossos museus, nossas bibliotecas. Elas e eles irão falar comigo nessa dissertação. Nossa comunidade é uma Terra de Mulheres e é em nome dessa resistência que peço licença às minhas e aos meus ancestrais, à minha espiritualidade e à natureza que me rege para que a minha escrita não seja rasa e vazia de sentimentos, emoções e essência. Ao pedir licença invoco a ancestralidade para que me guie nessa escrita que não é minha só, é de um coletivo, e, assim sendo, que a minha escrita sempre seja um ato revolucionário e político.

Contam as pessoas mais velhas que em meados do século XVIII, seis negras chegaram à região e arrendaram uma área de três léguas em quadras.

Começaram a plantar algodão e com a produção e fiação que vendiam na cidade de Flores, situada também no sertão pernambucano, conseguiram pagar a referida renda e ganharam o direito de adquirir o título de suas terras. Não há um consenso quanto ao local de origem dessas mulheres, nem das razões que as motivaram a se deslocar para esta região. Conta ainda a história oral da comunidade que, em 1802, as crioulas receberam a escritura com o carimbo da Torre, dezesseis selos, feita por José Delgado, escrivão do cartório de Flores, fazendo referência à época do Império. Um homem chamado Francisco José, fugido de uma guerra, trouxe consigo uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. Ao chegar nas terras das crioulas, tiveram a ideia de construir uma capela e tornar a santa sua padroeira. Surgiu assim o nome da comunidade: Conceição das Crioulas (Associação Quilombola de Conceição Crioulas/Comissão de Educação. Nosso Território Conceição das Crioulas, 2011, p. 10 e 11).

Conto a história de origem do quilombo citando o livro *Nosso Território Conceição das Crioulas*, pensado e produzido por nós, lideranças, professores e professoras, jovens e crianças da comunidade para dizer que as escritas quilombolas, seja do meu quilombo ou de outros quilombos, se somarão no meu referencial teórico.

Além das vozes das lideranças mais velhas, escritas de pesquisadoras e pesquisadores quilombolas, trago ainda outras referências externas da comunidade e do Brasil, pessoas negras, mulheres, homens de mentes livres, decoloniais e contracoloniais e que irão dialogar comigo também.

Trarei ainda vozes que dialogam com a outra parte de mim, que é o ser indígena. Minha ancestralidade é a junção destes dois povos que se misturam no que eu sou, no sangue que corre em minhas veias, na minha árvore genealógica. Na oralidade, nas leituras, na escrita estará comigo essa parte da minha identidade.

Se a verdadeira liberdade de um povo é poder contar a sua história, tenho por objetivo contar a história do quilombo de Conceição das Crioulas, do local para o global, de dentro para fora, da quilombola que sou para o mundo. Diz um provérbio africano que: “Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caça continuarão a glorificar o caçador”. Nesse contexto, eu quero ser a caçadora, quero glorificar a história do meu povo, quero ser a historiadora das nossas narrativas.

Trago, no segundo tópico, a formação da minha identidade bem como minha árvore genealógica para mostrar a mistura que sou e que, de certa forma, se confunde com o que é o quilombo de Conceição das Crioulas. Para tanto, conversarei com Márcia Nascimento, Nêgo Bispo e Graça Atikum, dentre outras referências, orais e escritas.

No terceiro tópico trago o eu quilombola e minhas bandeiras de luta, me valendo da teoria de mulheres, a exemplo de Selma Dealdina e Bárbara Souza, e da oralidade de Mãe Dina.

No quarto tópico questiono o que é, para que serve e como eu enquanto descendente de povos tradicionais – do povo quilombola com ancestralidade indígena, vi, vivi, senti e aprendi na e com a universidade, dialogando com nomes como Givânia Silva e Matilde Ribeiro e os relatos orais de Valdeci e Lourdinha.

No quinto e último tópico apresento aspectos da minha comunidade pelo olhar de pessoas e elementos do quilombo, nossos símbolos e significados. As histórias, costumes e tradições crioulas serão repassadas pelo olhar e representatividade das 11 bonecas vivas do caroá. As bonecas vivas são mulheres que são homenageadas pela comunidade por conta do seu trabalho e representadas nos mais diversos segmentos. As referências para este tópico são as vozes das próprias mulheres bonecas, que ainda estão vivas, além do Projeto Político Pedagógico (PPP) de Conceição das Crioulas, documento produzido por todos os segmentos das escolas quilombolas e demais lideranças locais e que norteia a nossa educação.

Figura 1- Bonecas vivas do Caroá

<p>Francisca Ferreira</p>  <p>Contam os mais velhos que Francisca Ferreira foi uma das seis negras que deram origem ao povo de Conceição das Crioulas.</p>	<p>Liosa (Emília)</p>  <p>Liosa é uma das mulheres que mantêm viva a história e a tradição de Conceição das Crioulas.</p>	<p>Lurdinha</p>  <p>Lurdinha é professora e artesã, ela é conhecida na comunidade por valorizar a beleza da mulher negra.</p>	<p>Ana Belo</p>  <p>Ana Belo foi uma das artesãs que mantinham viva a atividade mais antiga de Conceição: a arte de fiar o algodão.</p>
<p>Mãe Magá (Margarida)</p>  <p>Mãe Magá era uma mulher a serviço do seu povo. Parteira das mais respeitadas na história de Conceição, ela ficou conhecida como a “mãe de todos”.</p>	<p>Júlia</p>  <p>Júlia foi uma das artesãs mais importantes na arte do caroá e, por sua persistência, garantiu a transmissão desse saber tradicional para os mais jovens da comunidade.</p>	<p>Generosa</p>  <p>Generosa é uma mulher de grande importância no processo de organização do seu povo, ela é também educadora popular.</p>	<p>Antônia</p>  <p>Antônia era uma mulher de personalidade forte e habilidosa fiandeira de algodão, tradição deixada pelas seis negras que fundaram a comunidade.</p>
<p>Madrinha Lurdes</p>  <p>Madrinha Lurdes é uma das ceramistas mais antigas da comunidade, muito respeitada pelo seu trabalho na confecção de louças de barro.</p>	<p>Josefa</p>  <p>É artesã da palha do catolé e produz principalmente esteiras, produtos muito utilizados pelos antepassados como cama.</p>	<p>Valdeci</p>  <p>Ela é boneca faceira E tem bastante saber Sua história é Crioulas Uma homenagem a merecer Como não dá pra dizer tudo Venha aqui conhecer (POEMA DE MÁRCIA NASCIMENTO, 2014).</p>	

Fonte: THE WSS, 2023.

Nesta fala escrita que me propus a fazer com vocês, tenho como maior objetivo levar adiante a realidade quilombola partindo do Território Quilombola de Conceição das Crioulas. Tenho como objetivos secundários, e não menos importantes, afirmar a importância da oralidade, sendo a principal forma de transmissão das nossas narrativas históricas, trazer para o meio acadêmico as diversas formas de conhecimento e de produção de conhecimento para além do eurocentrismo e do patriarcado e escrever de forma acessível e possível de ser entendida pelo público de todas as realidades.

Tais objetivos se confundem com as perguntas que vocês esperam encontrar e que sejam respondidas. Conseguirei eu escrever sobre o que eu sou, quilombola de Conceição das Crioulas? Conseguirei eu trazer as vozes das pessoas mais velhas dentro dessa conversa/pesquisa, valorizando e reafirmando a oralidade? Conseguirei eu fugir da história única, branca, europeia e feita majoritariamente masculina? Eu venho de um lugar diferente, eu penso diferente, eu sou diferente. Responder estas perguntas dentro de uma escrita e de um espaço que foi feito para ser igual ao invés de me bloquear, me deixa mais motivada.

Eu vou escrever sonhando com o dia em que a academia aceite um trabalho final para obtenção de um título de mestrado de forma oral, porque até então, a escrita continua sendo a principal forma. Para mim a escrita é uma forma de colonizar. Eu sou oralidade. Eu sou oralessência. Este termo não existe nos dicionários ou nos livros, pois aqui é a primeira vez que ele é escrito. Oralessência foi a palavra que achei que mais se aproxima do que poderia ser a transmissão da oralidade. Oralessência, para mim, é a essência da oralidade que não se copia, não se transcreve, não se registra a não ser por meio da fala. Por que lemos uma obra de alguém que gostamos, mas quando ouvimos o autor ou autora falar ficamos encantados? Porque a oralidade é a vida em sua essência e a escrita é a impressão da vida.

Eu já falei em uma palestra, e ao terminar um senhor disse que minha fala lembrava Paulo Freire, sendo que eu ainda não havia lido nenhum livro do referido autor. Ouvei também desse mesmo senhor que minha fala lembrava Foucault, e até hoje também não o li. Após uma fala que fiz em uma conferência de abertura em um congresso em Cabo Verde, uma moça disse que a minha fala lembrava Ângela Davis. Uma conterrânea

minha me disse que eu pensava e falava igual a Nêgo Bispo e até então, eu nunca tinha ouvido ou lido o Antonio Bispo dos Santos. O que te parece essa reflexão?

A essa pergunta eu irei responder dizendo que se a arte imita a vida, a escrita imita a oralidade. Ao refletir sobre essas falas, penso que se a minha fala se assemelha com a escrita das pessoas citadas, é porque escreveram bebendo da fonte de pessoas que vivenciaram o mesmo que vivencio. É porque escreveram com base em suas vivências, que podem ser semelhantes às minhas. E se falo e penso igualmente a Nêgo Bispo, é porque descendo da mesma ancestralidade que ele. Nessa minha escrita, que chamarei de Roda de Conversa, trarei mais perguntas do que respostas. Vou questionar mais do que responder e você já deve estar pensando: como assim uma dissertação que não responde? Que não chega a nenhuma conclusão? Pois bem, te convido a sair de todas as caixas e moldes e grades que colocaram em seu ser. Vou cumprir algumas normas e a própria escrita já é uma delas. Mas fugirei de todas as que eu puder porque eu sou livre, eu nasci livre, eu sou fruto da liberdade. Não se aprisiona uma alma que nasceu para ser livre. Minha escrita não seguirá uma linha reta, não seguirá uma lógica e não atenderá a um sistema. No entanto, não quero que fique menos importante. Talvez menos científica e menos acadêmica, mas não menos importante por conta do modo diferente que tenho de escrever, ser, viver e pensar.

1.1. Da forma ao feito: metodologicamente falando

Eu sou contadora de histórias, das histórias do meu povo. Se isso me torna uma pesquisadora, tudo bem. Indo além da fala, para escrever o que trago, precisei fazer muitas desconstruções. Uma primeira foi entender que se a fala é livre, a escrita não é. Uma outra foi entender que o que dizemos dialoga com o que outras pessoas disseram ou dizem e isso deve ser levado em consideração. Se houve o momento de desconstruir, houve o momento de construir outras pontes para continuar levando nossa história adiante, e isso é o mais importante.

Sendo a primeira voz da minha escrita as pessoas da comunidade, bebi da água de lideranças quilombolas como Mãe Dina, Maria da Penha, Lourdinha e Val. Me alimentei também com o rico conhecimento das lideranças indígenas Tia Zefinha, Graça

Atikum e Jeane Atikum. Usei como método entrevistas que eram mais conversas com perguntas norteadoras para melhor condução das mesmas. Assim, pude aprender mais sobre nossas histórias para fundamentar e enriquecer o meu trabalho. Em alguns momentos tive que fazer perguntas as quais eu já sabia a resposta.

Entre no mundo dos documentários produzidos sobre e com a comunidade, a exemplo do *CINESESI cultural 10 anos, Arte nas escolas Quilombolas de Conceição das Crioulas* e *Cartão vermelho para o machismo* e *A voz da pedagogia crioula no Quilombo de Conceição*.

Me irmanei com referências quilombolas por meio de seus livros, teses e dissertações como Silva (2016), Nascimento (2017), Rodrigues (2017), Mendes (2019), Santos (2021), dentre outras e outros.

Mergulhei em narrativas dos parentes indígenas.

Atravessei fronteiras nacionais para somar com as vozes de Kilomba (2021), Fanon (2020), Adichie (2020) e hooks (2017).

Para as fotos das capas, com as pessoas mais velhas, a primeira fiz uma Roda de Conversa na Casa da Comunidade. Para as outras duas capas, fiz consulta indo à casa de cada uma e cada um para explicar o objetivo da foto, perguntar se aceitava fazer parte do trabalho e pedir autorização para tirar a foto. Foi um momento muito rico, pois é difícil você chegar em uma casa de uma pessoa mais velha e sair antes de uma boa conversa.

Para além, pesquisei em sites e li documentos internos como o Regimento Interno da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC) e da Coordenação Estadual.

Tudo que escrevi e que disse por mim, não sou eu, somos nós, porque o que digo foi o que aprendi com o meu povo. O início dessa metodologia não são as entrevistas em si, mas o eu ser quilombo, o eu ser movimento que somando a tantas outras vozes resulta no fiar desse algodão em forma de palavras que se transformará em texto e que chamam de dissertação.

DAS NARRATIVAS ORAIS AO MUNDO POR ESCRITO



Fonte: Wédson Atikum, 2023

Meu Povo

Quem é meu povo?

Meu povo é a mistura de raças, cores, etnias, identidades.

Meu povo são as pessoas mais velhas.

Meu povo são as juventudes.

Meu povo são as crianças.

Meu povo é a mistura de histórias, crenças, saberes e tradição.

Meu povo é a aldeia.

Meu povo é o quilombo.

Meu povo é o povo indígena e quilombola.

Meu povo é coletividade.

Meu povo é ancestralidade.

Meu povo é espiritualidade.

Meu povo é essa mistura linda e rica que são os Povos Tradicionais de Conceição das Crioulas.

A benção, meu pai Tupã.

A benção, meu pai Oxalá.

Saudações Indígenas!

Saudações Quilombolas!

Axé, axé, axé!!!

(Fabiana Vencezlau, 2023)

Digo que meu mestrado é coletivo. Quando entro na universidade, levo comigo as vivências e experiências que aprendi desde criança e que me sustentam na vida adulta. Me acompanham os ensinamentos repassados pelo meu povo, assim como toda a resistência que as pessoas mais velhas transmitem por meio de seus conhecimentos próprios, exemplos e histórias.

A foto do rosto destas pessoas que trago como foto de capa deste capítulo, é uma forma de homenagear a parte de minha ancestralidade indígena. Elas e eles representam aquelas e aqueles que foram minha base na infância. Todo o meu respeito e agradecimento a cada uma e cada um que me recebeu, ouviu e aceitou fazer parte de mais essa etapa da minha vida. Vocês me fortalecem e me inspiram a continuar lutando por nossos objetivos e acreditando em dias melhores para nosso povo. Enquanto a voz mais alta em mim for a voz da ancestralidade e da espiritualidade, estarei no caminho certo.

O objetivo deste capítulo é trazer as raízes, narrativas e vivências, desde a infância, passando pela trajetória estudantil, discutindo temas importantes como o modelo de educação e o machismo até chegar à definição da minha identidade que se confunde com a identidade do povo de Conceição das Crioulas. Ele também visa desconstruir a ideia de que há conflitos entre quilombolas e indígenas, historicizando o processo de luta e resistência dos dois povos, chegando a uma conclusão que vale a pena você conhecer.

2.1 O específico, subjetivo, pessoal, emocional, parcial memorial: o primeiro passo para meu acesso à universidade

Como acadêmica, por exemplo, é comum dizerem que meu trabalho acerca do racismo cotidiano é muito interessante, porém não muito científico. Tal observação ilustra a ordem colonial na qual intelectuais negras/os residem: “Você tem perspectiva demasiada subjetiva”, “muito pessoal”, “muito emocional”; “muito específica”; “Esses são fatos objetivos?”. Tais comentários funcionam como uma máscara que silencia nossas vozes assim que falamos (Kilomba, 2021, p. 51).

Ouvindo o que diz Grada Kilomba, o que fazer? Não escrever? Mudar a forma de escrita? Adequar-se à escrita acadêmica? O respectivo subtítulo é um chamamento a essa reflexão e somente se deleitando nas fibras dessa minha escrita orgânica. Nas linhas que se seguem você descobrirá que trabalho desenvolvi. Ou não...

Eu sou Fabiana Ana da Silva, conhecida como Fabiana Vencezlau. Nasci em Sítio Mulungu, Conceição das Crioulas, zona rural da cidade de Salgueiro/PE. Bem no pé da Serra das Crioulas ficava a escola onde estudei de 1^a a 4^a série.

Figura 3- Escola São Domingos Sávio, minha primeira escola formal



Foto: Wédson Atikum, 2023.

O aprender no campo nunca foi às quatro paredes de uma sala de aula. Naquela época, uma única sala dividida para três turmas, ainda não tinha a estrutura que tem hoje e nem era identificada enquanto escola indígena. O ensinar e o aprender eram livres assim como cheirava a liberdade todas as ações e práticas desenvolvidas pelas duas professoras na época. Tia Maria e Tia Fátima eram seus nomes e me acompanharam da primeira a quarta série.

Figura 4- Às mestras, com carinho



Fotos: Fábila Oliveira (2023) e Wédson Atikum (2023).

Era uma escola pobre de recursos, de estrutura, mas rica de afetos, bons sentimentos e muita vontade de fazer o melhor dentro das condições possíveis. Fechando os olhos, vejo como se fosse hoje aquela arupemba dependurada por cordas e divisórias de mucunã, ali no canto da sala, com alguns livros. No outro canto ficava uma turma e de frente, tinha a porta no meio, divisória natural para as outras duas turmas, que ficavam uma de um lado e outra do outro. Sou capaz de sentir o cheiro do álcool no mimeógrafo, quando rodava o estêncil com nossas atividades. Recordo-me, com doçura, o empenho e o cuidado das professoras nos preparativos para as datas comemorativas, nas quais destaco a comemoração em alusão aos Povos Indígenas, quando o saudoso Miguel nos ajudava nas vestimentas de caroá; o Dia das Mães e todas as músicas que ensaiávamos e o São João e nossa caprichosa quadrilha com figurino florido. Impossível esquecer aquela bola vermelha que parecia não acabar nunca e que usávamos nos recreios, quando o terreiro da escola se transformava em campo de futebol.

Todas essas vivências são chamadas que incendeiam o meu viver e me serviram de base para o que eu sou hoje. Uma educação que valorizava todos os conhecimentos, uma prática na qual quem ensinava aprendia e quem aprendia ensinava tudo com base nos saberes locais e de acordo com a realidade. Todo esse modelo se confunde com o que fazemos e defendemos hoje no que diz respeito ao currículo:

O currículo das escolas quilombolas de Conceição das Crioulas permite que os estudantes aprendam em outros espaços que historicamente ensinam valores, crenças, e outros conhecimentos. Nos movimentos sociais, aprendendo a importância das lutas da comunidade. Na família, valorizando o conhecimento próprio e a continuidade da cultura que passa de geração para geração, nas roças, onde acontecem as formas tradicionais do cultivo agrícola, onde as crianças aprendem a preparar a terra para o plantio, plantar, colher e armazenar o legume para se alimentarem. Nas associações rurais, espaços onde os agricultores se reúnem para discutirem os problemas relacionados à agricultura familiar (Projeto Político Pedagógico de Conceição das Crioulas, 2014,2015, p.23).

No mesmo pé dessa serra, e às vezes em cima dela, ficavam as roças, onde acontecia o preparo da terra, o plantio e a colheita.

Enquanto criança, não participava da primeira etapa, mas quando a roça era na serra, logo via o local escolhido, por conta da fumaça das brocas. No plantio, cabia a mim, enquanto criança, colocar e entupir as sementes nas covas que os mais velhos iam deixando. Na colheita, ia a família toda. Fazia a comida na roça, usando, na maioria das vezes, os recursos oferecidos pela própria natureza, como a catioba, que servia de prato. O milho, o feijão, a melancia, a abóbora e outras variedades faziam parte do cardápio.

Para mim, todas essas vivências contribuíram na minha vida. O contato com a natureza também esteve presente nas brincadeiras, quando corria livre pelos terreiros, ou quando se sentava junto com outras crianças na esteira, no meio do tempo, em noite de lua cheia para ouvir as histórias que os tios contavam ou as adivinhações feitas por Vó. Os galhos dos imbuzeiros serviam de balanço, as trepadeiras serviam de casinha, os sabugos de milho de bonecas e até as paredes dos açudes, de escorregador.

Venho de uma família de doze irmãos, sendo cinco homens e sete mulheres. Me entendi de gente sem mãe, pois ela morreu vítima de Chagas, doença frequente na região. As irmãs mais velhas moravam na cidade, em casa de famílias ricas, para

trabalhar e ajudar no sustento delas próprias e dos mais novos e para, também, tentar continuar os estudos, já que na localidade só tinha até as séries iniciais.

Por volta dos oito ou nove anos meu pai, na sua viuvez, construiu uma nova união, saiu de casa e eu passei a viver perambulando junto com os irmãos mais novos na rebeira toda. Aonde chegássemos, estávamos em casa, então, deste modo, tudo ficava bem.

2.2. Mulheres negras são naturalmente domésticas? A mudança para a cidade

Após a consulta, ao me dirigir à porta, ele, de repente, me chamou. Ele estava olhando para mim, e disse que havia tido uma ideia. Ele, sua esposa e dois filhos, de aproximadamente 18 e 21 anos, estavam indo viajar de férias. Haviam alugado uma casa no sul de Portugal, em algum lugar no Algarve, e ele estava pensando que eu poderia ir com eles. O médico então propôs que eu cozinhasse as refeições diárias da família, limpasse a casa e eventualmente lavasse suas roupas (Kilomba, 2021, p. 93).

Ao trazer Grada Kilomba para este diálogo, reflito sobre a indignação que me causa o fato de parecer natural que nós, mulheres negras, nascemos para o serviço doméstico ou para servir. Na maioria dos casos, que não era o caso da Grada, é nossa única opção.

Em determinado momento da minha vida, devido às circunstâncias, minha família mudou para a cidade. Foi um choque de realidade. A única coisa que deu para levar foi a brincadeira de bola, onde a rua era transformada em campo de futebol e se disputava o espaço entre carros, motos e pedestres. Aquela fileira de casas apregadas, sem quintais e terreiros, onde não se podia viver livremente. Foi preciso reaprender.

Tudo era muito difícil, então aos 11 anos, comecei a trabalhar como babá. Era uma realidade comum. As meninas saíam de suas comunidades para trabalhar como empregadas domésticas nas casas das famílias ricas. A escritora Beatriz Nascimento explicou essa realidade da seguinte forma:

A “herança escravocrata” sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. Seu papel como trabalhadora, grosso modo, não muda muito. As sobrevivências patriarcais na sociedade brasileira fazem com que ela seja recrutada e assuma empregos domésticos, em menor grau na indústria de

transformação, nas áreas urbanas, e que permaneça como trabalhadora nas áreas rurais (Nascimento, 2022, p. 58).

O emprego doméstico era uma forma de garantir o mínimo de sustento, um lugar para ficar e continuar estudando já que, até então, só havia escola que ensinava até a 4ª série, atual 5º ano do Ensino Fundamental I. Dessa forma, pulei uma etapa da minha vida, que foi a adolescência, passando da infância para a fase adulta.

Trabalhava e estudava. Destaco que lembro como se fosse hoje o valor que inicialmente ganhava: 20 reais por mês. Mesmo trabalhando, me dedicava aos estudos. Minha patroa, notando aquilo, disse que quando aparecesse uma vaga na empresa de gás de seu marido, iria me colocar, para assim eu ganhar mais e poder investir em meus estudos, pois já naquela época pensava em ser professora. E assim foi. Com o passar dos anos a vaga surgiu e passei de babá para atendente.

Em 2005 casei, engravidei e me tornei mãe. O marido sendo de Conceição das Crioulas, voltei a morar no meu lugar de origem.

2.3 O retorno e a autodefinição

Afirmar-se quilombola hoje os remete a sujeitos de direito (Silva, 2016, p. 169).

Ao retornar, passei a morar na Vila Centro de Conceição. Até então, ainda não tinha terminado o Ensino Médio. A comunidade tinha avançado nesse contexto também. Mesmo sendo extensão, pude cursar o 3º ano do Ensino Médio na Escola Professor José Mendes, escola na comunidade.

Defini-me quilombola.

Essa definição, para alguns, pode ser dolorosa ou não chegar a acontecer. Por muito tempo fomos vistos como os Negos da Conceição, e isso não era dito de forma positiva e sim como uma forma de inferiorizar, como descreve a pesquisadora Marta Antunes (2016) “Ser de Conceição das Crioulas, ser negro/a era ser alvo de discriminação, discriminação por algo que foge ao seu controle individual – “não tinha jeito” -, por algo que você não tem como mudar: seu local de origem e seu fenótipo”.

Para mim não foi uma escolha minha, mas uma escolha da natureza que me rege e que me fez definir. A minha definição vem do que eu sinto ao ouvir o toque do tambor ou o som do berimbau. Vem da ginga da capoeira que meu corpo faz sem sequer sair do lugar ou do coco que danço sem tirar os pés do chão. Vem da revolta que sinto ao declamar cada verso, cada estrofe do poema de Castro Alves, *Navio Negreiro* e sentir, no âmago do meu ser, os horrores que meu povo, o povo negro sofreu.

Minha definição vem do toque do tambor que me arrepiia o corpo e estremece a alma.

Cada negro e cada negra tem uma dívida com os ancestrais que cruelmente foram arrancados do seu continente, do seu país, dos seus tronos, das suas casas em África, para serem escravizados aqui no Brasil. Para mim é preciso continuar a luta travada por eles. Não posso me abster dessa guerra, onde nenhuma pessoa escolheu travar mais que tem a obrigação de continuar lutando.

Eu escolhi lutar por meio da educação.

A educação em seu sentido mais amplo, aquela que se aprende em todos os espaços. Essa educação que causa liberdade. A educação que transcende os muros das escolas. Eu somo a minha voz à voz da bell hooks (2017) quando ela diz que “A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender” (p.29). A mesma autora ainda complementa dizendo:

Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo (Hooks, 2017, p. 25).

Educar para a transgressão não é fácil, e nem se aprende somente na escola formal. Os movimentos sociais, por meio de suas organizações, são espaços importantes de formação, pensando no educar para transgredir. Nesse contexto, eu encontrei a escola: a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC). Por que não adiantava apenas assumir a identidade quilombola, tinha que estar na luta. Através das formações políticas, ganhei bagagem para representar o movimento quilombola

enquanto jovem, o que me levou a representar a comunidade no I Encontro da Rede Mocambos em São Paulo, tendo a oportunidade de conhecer as lideranças quilombolas nacionais. Enquanto jovem liderança feminina também, o que a levou ao Fórum Social Mundial em Belém do Pará.

2.4. Tem machismo em Conceição?

Muitos desses homens também são lideranças importantes na luta coletiva e certamente, ao se libertarem do seu próprio machismo, podem se converterem em potenciais aliados contra as opressões que vitimam as mulheres. Para o bem de toda a comunidade, esses homens devem ser educados contra a violência de gênero e, desse modo, possibilitar que os nossos meninos sejam homens aliados nas lutas relacionadas aos direitos das mulheres (Mendes, 2019, p.70).

Ao citar a pesquisadora quilombola Aparecida Mendes, explico uma realidade que foi minha, mas que atravessa a vida de muitas mulheres quilombolas, que são as atitudes machistas de nossos companheiros de vida e de lutas. A temática traz à tona reflexões importantes: a questão de gênero deve ser trabalhada somente com as mulheres? Como desconstruir ideias e atitudes machistas de nossos companheiros? Todas essas questões pairavam na minha cabeça porque as atividades não paravam, mas as dificuldades no casamento por conta da luta também não. Frases tipo: “você não vai...” ou “arrume quem cuide de seu filho, pois eu não vou cuidar”... ou ainda: “você vai ter que escolher, ou eu ou o movimento”... eram frequentes. Violências físicas, violências psicológicas, agressões verbais passaram a fazer parte da minha rotina. A escritora Chimamanda (2020) em seu livro *Para educar crianças feministas*, nos alerta dizendo que “Os estereótipos de gênero são tão profundamente incutidos em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade” (p.28). Eu era feliz sendo e fazendo movimento, no entanto, devido às cobranças em forma de ameaças, eu me sentia culpada.

Apesar de todas as dificuldades, eu não desisti. Fiz do próprio movimento meu espaço de libertação. Como mulher, jogava bola e junto com todas as outras que também ousavam jogar, na maioria das vezes tinham que ir para o embate com os homens para

poder ter este direito. O campo e a quadra pareciam ter nascidos para ser frequentados apenas por homens. Mas em Conceição das Crioulas, não dava para ser assim, não podia ser assim, pois muitas mulheres queriam e jogavam futsal e futebol. Dialogando com Márcia Nascimento (2017) ela nos traz a seguinte afirmação:

O Brasil é um país machista e patriarcal e em Conceição das Crioulas as mulheres sempre assumiram um papel de liderança, mesmo no contexto Brasil sertão e até os dias atuais. Na nossa organização social e política há sempre uma predominância das mulheres. Na nossa cultura as mulheres têm um papel fundamental na condução das lutas do quilombo. Suas forças estão sempre levantando outras mulheres lutadoras que nascem, se criam inspiradas na história das mulheres do passado e do presente (Nascimento, 2017, p. 89).

O curta *Cartão Vermelho para o machismo*, contribui inevitavelmente com a discussão sobre o feminismo, na sua relação com a herança de liderança feminina, mas em um ambiente social no geral machista no seio da comunidade (Rainho, 2017). O trabalho é o resultado de uma reflexão feita na oficina de vídeo no âmbito do 1º Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, em julho de 2017.

A comunidade tem orgulho nas mulheres, pela tuta e coragem que ao longo das várias gerações têm revelado ser causa maior na mobilização comunitária para as conquistas de melhoria de vida e direitos quilombolas. Pese embora esse legado, bem como o discurso que a ele está associado, no seio da comunidade vivem-se situações de machismo e preconceito. Assim, um dos subgrupos da oficina de vídeo no Encontro de 2017, levantou esse problema e quis tratá-lo com atenção particular no que diz respeito aos constrangimentos da prática do futebol feminino (Rainho, 2017, p. 192).

Se tem machismo, tem luta. A luta sempre valeu a pena. As mulheres sempre se destacam no futsal em nível local, municipal, estadual e até nacionalmente, quando uma equipe feminina foi vice-campeã nos Jogos Nacionais da Juventude. A equipe tinha homens como técnicos e, para as mulheres de Conceição, isso não é problema, o problema é quando falta respeito, falta espaço por conta de machismo, aí é necessário ir para o embate. Essa luta no meio esportivo rendeu, para mim, o título de primeira técnica de uma equipe feminina em um campeonato que acontecia na cidade. Resolvemos: se não nos respeitam, não servem para serem os nossos técnicos!!! Naquele ano, orgulhosamente e como total oposição ao machismo, duas equipes participaram da

competição e, à frente das equipes, estavam duas mulheres. Se fomos campeãs? Não, não fomos, mas o maior prêmio já havíamos conquistado: a medalha de ouro contra a violência, contra o machismo! Por conta de todas as lutas, a minha história foi indicada a um prêmio municipal chamado Medalha Lucila Angelim e, dentre as várias indicações, eu fui a vencedora.

Figura 5- Recebendo prêmio da Medalha Lucila Angelim



Foto: <https://rondageral.com.br/medalha-lucila-angelim-e-entregue-a-moradora-de-conceicao-das-crioulas-em-salgueiro-pe, 2018.>

Como tudo que faço e que sou, digo que quem venceu não fui eu, mas todas as mulheres de Conceição das Crioulas que lutam por dias melhores, as que vieram antes de mim e as que estão comigo. Eu sou a junção de todas elas. Venceslau era meu pai. O nome que uso atualmente é uma homenagem póstuma a ele. Quando sou perguntada o porquê desse segundo nome, eu digo sorrindo que meu pai era um homem que respeitava as mulheres, não estava nem atrás e nem à frente, mas lado a lado. Aqui, deste solo sagrado que escrevo, somos protagonistas, somos uma comunidade matriarcal desde nossa história de origem. Lutamos contra o racismo, o machismo e

contra tudo e todos, de dentro ou de fora, que representarem opressão e ameaça para nós, mulheres, crianças, jovens, pessoas mais velhas, para o nosso povo.

2.5. Educar para a revolução

Sou professora quilombola
E acredito na educação,
Sou parte de um coletivo
Que defende Conceição,
E a exemplo das seis crioulas
Dos nossos direitos não abrimos mão.
(Rodrigues, 2017, p. 16)

Atualmente, eu sou uma mulher que defende a comunidade na luta pelo território e essa luta passa por tudo que Carlídia Almeida sabiamente diz a seguir:

Os povos tradicionais têm insistido e resistido. Na sua luta pela terra têm preservado suas culturas, seus direitos e seus territórios. Ao mesmo tempo que o conhecimento tradicional aspira à simplicidade e à generalidade, há nele uma sabedoria profunda atenta ao detalhe à singularidade de cada experiência. São esses povos que tem dado exemplos contundentes de como permanecer existindo e resistindo (Almeida, 2020, p. 154).

A luta também continua no enfrentamento a todos os tipos de violência contra a mulher, na busca dos jovens por um futuro melhor, e principalmente na luta pela educação. Eu acredito que as mudanças que queremos na comunidade passam pela educação. Educar para informar, educar para respeitar, educar para entender, educar para sensibilizar, educar para revolucionar. Para tanto, são anseios que a educação formal não consegue abarcar. Para isso, alimentamos um modelo de educação com base na pedagogia crioula:

A pedagogia crioula é o método de ensino pensado, elaborado e vivenciado pela sociedade crioula que tem como fundamento, os conhecimentos ancestrais, a história e a cultura local, sustentadas, principalmente, pela oralidade e pela sabedoria das pessoas mais velhas (Rodrigues, 2017, p. 56).

Ao terminar o Ensino Médio, ingressei logo no Ensino Superior, em 2007. E por gostar muito do exercício da leitura e escrita, optei pelo curso de Letras. Trabalhava para pagar o estudo. Somente a partir de 2012 comecei a lecionar. E, por mais que, desde

2007, estivesse envolvida com o meio educacional, descobri minha verdadeira missão na interação estudante/educadora, na mediação de conhecimento como professora/educadora em sala de aula ou fora dela, através dos livros ou na biblioteca ambulante dos mestres e das mestras, com as pessoas mais velhas, quando, nesses momentos, me torno também estudante, ou através dos livros didáticos.

Nessa troca, com os pés firmes no chão, nesse território onde o aprendizado é verdadeiramente coletivo, uma vez que é vivenciado e repassado, mesmo que às vezes reformulado, a essência vai ficando. Para mim, os educandos precisam saber quem são, precisam saber contar sua própria história e, acima de tudo, entender que no quilombo a educação por si só não se sustenta. Compreendi, assim, a importância de, desde o ensino básico, possibilitar oportunidades para que os indivíduos aprendam quem são, tomem consciência de sua condição de sujeitos históricos, produtores de cultura que agem e interagem no mundo a partir de seu lugar social (Nazario, 2020). Em outras palavras e com o mesmo pensamento, Gessiane Nazário, pesquisadora quilombola, reforça a discussão sobre nossa verdadeira história de origem. Os educandos quilombolas precisam compreender que a educação é um alicerce para a reconquista do território. O território onde se planta, se colhe. Onde se mora, se brinca, se tira o sustento e se mantém a história, a ancestralidade. Onde se vive e se luta para que de fato se tenha a tão sonhada liberdade usurpada do povo, dos ancestrais. O território tal qual está definido no nosso Projeto Político Pedagógico:

Nosso território é um espaço tradicional com características específicas de um grupo étnico que nele vive, que reafirma a sua identidade, fortalecendo seus costumes, tradições e valores. É um espaço de resistência, de lutas coletivas e de conquistas (Projeto Político Pedagógico de Conceição das Crioulas, 2014, 2015, p. 16).

Fabiana Ana da Silva, ou simplesmente Fabiana Vencezlau. Minha história é de luta e a luta é minha história.

Tenho 36 anos, sou professora quilombola, formada em Letras e Pedagogia pela Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC), pós-graduada em Educação Intercultural no Pensamento Decolonial pelo Instituto Federal – Floresta - PE, uma especialização específica para quilombolas e indígenas, pós-graduada em Língua

Portuguesa e Literatura pela Universidade de Pernambuco (UPE) – Garanhuns - PE. Enquanto houver o que estudar, estarei estudando.

Em 2010 sofri um acidente que me impediu de jogar bola. Neste acidente quebrei o pescoço e, por causa disso, não pude mais jogar. Acredito que fiquei viva por um milagre de Deus, o que para mim só aumenta a responsabilidade de estar sempre levando esperança para outras pessoas.

Figura 6- A vida por um fio



Fotos: Arquivo pessoal da autora, 2011.

Estou sempre disponível para contribuir quando solicitada, seja na luta pela educação, pelo território, gênero ou onde a luta me chamar; é uma missão, pois eu nasci para lutar. A luta me libertou e por meio de minha luta eu levo empoderamento para que outras pessoas possam também se libertar.

Tudo que vivi me fez ainda mais forte em todos os sentidos. E levo todas essas vivências para todos os espaços de luta. Acredito no que disse o grande líder Nelson Mandela que: “A educação é a arma mais poderosa que podemos usar para mudar o mundo” E é pela educação que busco mudar para melhor o meu mundo, o Território Quilombola de Conceição das Crioulas.

Desde a origem, lutamos muito para sair da invisibilidade, para enfrentar o preconceito e a discriminação, por dias melhores para a nossa comunidade. Uma comunidade insurgente, revolucionária e contracolonial. Uma comunidade que já

entendeu que o principal processo de liberdade é a libertação das mentes. Um quilombo que já entendeu que, como diz Frantz Fanon (2022, p.32), a descolonização, que se propõe transformar a ordem do mundo, é, como se vê, um programa de desordem absoluta. Então, viva à desordem absoluta!

2.6. Que não se separe o que a luta e a ancestralidade uniu

Somos povos misturados. Esse é um aspecto que aparece com muita convicção ao conversar com as pessoas mais velhas. Elas fazem referência a relatos que ouviam de seus avós e bisavós (Nascimento, 2017). Sabemos também que a história de luta e resistência dos povos indígenas e quilombolas está intrinsecamente ligada, desde o início do regime escravocrata até os tempos atuais e em variados contextos (Rodrigues, 2017). Há relações que perpassam questões como a origem da comunidade, a força, a presença das mulheres e a liberdade, o impedimento de viver em liberdade em função do regime vigente e a aproximação com o povo indígena Atikum (Silva, 2016). Quem é o povo quilombola e o povo Atikum em Conceição das Crioulas? Referencio as pesquisadoras quilombolas conterrâneas para destacar que todas em seus trabalhos de pesquisa falam dessa relação como algo a ser exaltado. Os dois povos são misturas, são luta e resistência e essa aproximação e convivência sempre existiu e não há como separar.

Essa mistura se apresenta em muitas famílias, a exemplo da minha, e tem motivos vários, como a luta pela escravização, e os mais diversos contextos. Antes de me aprofundar nos motivos e contextos, abaixo, apresento um quadro comparativo com informações trazidas sobre a minha família onde eu exponho algumas informações minhas e de minha irmã, Graças Atikum:

Quadro 1- Quadro comparativo

Qual é o seu nome?	Fabiana Ana da Silva	Maria das Graças da Silva
Como é conhecida/chamada?	Fabiana Vencezlau	Graça Atikum
Idade?	36 anos	37 anos
Profissão?	Professora Quilombola	Professora Indígena
Lugar onde mora atualmente?	Quilombo de Conceição das Crioulas – Vila Centro	Aldeia Garrote Morto
O nome do seu pai?	Venceslau José da Silva	Venceslau José da Silva
O nome da sua mãe?	Ana Maria da Silva	Ana Maria da Silva
Lugar onde viveu a sua infância?	Sítio Mulungu	Aldeia Mulungu
Identidade?	Quilombola	Indígena
Movimento que faz parte?	Movimento Quilombola	Movimento Indígena
Principal luta do movimento ao qual você faz parte?	Luta pelo território	Luta pelo território

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Faço esse quadro comparativo para ilustrar a mistura que somos em Conceição das Crioulas e que é reforçado pela fala de Graça Atikum:

Então, justamente, na minha família nós temos duas identidades, eu me identifico enquanto indígena aí nós temos a Fabiana Vencezlau que se identifica enquanto quilombola e isso não é somente entre nós, duas irmãs, somos irmãs de pai e mãe, no entanto uma se identifica enquanto indígena e a outra enquanto quilombola e isso não é nenhum entrave entre nós duas, mantemos uma relação bem familiar, conseguimos dialogar bastante sobre várias coisas e isso acontece não somente entre nós duas, mas também entre outras pessoas. Aqui nós temos é. casamentos entre indígenas e quilombolas e temos outras atividades também que nós fazemos as duas etnias juntas. Então, ser indígena ou ser quilombola hoje não é muito essa questão da gente viver brigando, né? Nós estamos mais unidos do que nunca e mantemos essa relação de uma maneira bem harmoniosa e não romantizada né? Que tem também muitas pessoas que gostam muito de romantizar, nós gostamos de viver a nossa realidade, cada quem cuidando das suas atividades (Atikum, Entrevista concedida dia 11/06/2023).

Eu e minha irmã, filhas do mesmo pai e da mesma mãe, nos autoidentificamos de formas diferentes. A minha identificação é pelo que pulsa mais forte em mim, pela voz que fala primeiro. Peço a paciência de vocês para continuar essa análise a partir da minha árvore genealógica, parte fundamental para continuar explicando essa mistura. Apresento a minha família até meus bisavôs. Para mim, a parte mais difícil dessa escrita,

tendo em vista a dificuldade de juntar as informações. Dificuldades essas que, em alguns casos, me fizeram apresentar apenas o nome. Dos que foi possível, trago fotos e um breve relato do que convivi ou do que ouvi por meio da oralidade. Para essa parte não trago referenciais escritos, mas sentimentos e emoções dos que com elas e eles convivi e dos que não convivi, trago o que “ouvi falar”, o que me foi falado pelas pessoas mais velhas.

2.7. Minha árvore genealógica

Ao fazer a minha árvore genealógica vejo que sou de quatro sítios e comunidades diferentes.

Figura 7- Ana Maria da Silva – Mãe
Nascida e criada no Garrote Morto e quando casou foi morar no Mulungu



Fonte: Arquivo pessoal da família, S.D.

Minha mãe, segundo contam, era uma mulher simples, humilde e paciente. Não tinha tempo ruim para ela. Agricultora, estudou até a 4ª série. Foi mãe de treze filhos. A

primeira morreu ainda criança. Dos doze, todos vivos, são cinco homens e sete mulheres. Quando minha mãe morreu eu era muito nova e praticamente não tenho lembranças dela. Sobre o motivo da morte, há duas versões: uma é que foi de complicações de parto, já que foi pouco tempo após o parto, e a segunda — e mais provável — é que sua morte foi ocasionada por Chagas, doença comum na época.

Figura 8- Venceslau José da Silva – Papai
Nascido e criado no Mulungu



Fonte: Arquivo pessoal da família, S.D.

Meu pai era meu exemplo. Tenho orgulho em dizer que sou filha do Mestre Venceslau. Homem simples, humilde e boêmio. Achava o homem mais bonito de todo o mundo. O seu chapéu de massa era sua marca registrada. Agricultor que estudou

somente até a 4ª série, meu pai não saía de casa sem usar perfume. Para qualquer lugar que ele ia, ele colocava, inclusive para ir para a roça. Com a morte de minha mãe ele constituiu outra família e fez mais quatro filhos, sendo três mulheres e um homem. O que eu mais admirava vê-lo fazer era tocar pífano, atividade que exercia com amor na tradicional Banda de Pífanos de Conceição das Crioulas e, antes de morrer, ensinou o que sabia para as gerações mais novas. Ele morreu de câncer no esôfago, doença ocasionada pelo excessivo consumo de bebida alcoólica.

Figura 9- Maria Ana da Conceição (Maria Vicente) – Avó Materna Morava no Garrote Morto



Fonte: Arquivo pessoal da família, S.D.

Lembrar de Vó é lembrar de doçura como as rapaduras que ela guardava naquele

pote, daquele quartinho que só ela tinha a chave. É lembrar das suas deliciosas comidas feitas no fogão a lenha e nas panelas de barro daquela singela casa de taipa. E se dizem que água não tem gosto, a água do pote de vó, que hoje tem gosto de saudade, tinha o melhor gosto do mundo. Seu semblante era calmo e forte. E aquelas respostas que só ela sabia dar? Vó era do tempo que a alimentação era mais saudável, trabalhavam muito, mas ganhavam resistência. Com a mesma simplicidade e singeleza que viveu, morreu aos 95 anos de morte natural.

Figura 10- João Cândido da Silva – Avô Materno
Morava no Poço da Pedra



Fonte: Arquivo pessoal da família, S.D.

O que eu lembro do meu avô era as pinhas que íamos comer lá na época da Semana Santa. Era tradição os netos e toda a família se reunirem em sua volta. Aquela figura pequena, de cabelos ralos e mais brancos que o capucho de algodão. Foi pouco o tempo de convívio, mas que se eternizou na minha mente e no meu coração.

Figura 11- Alzira Maria da Silva (Alzira de Lourenço ou Alzira Vilante) – Avó Paterna
Nasceu e se criou no Sítio Paula, quando casou foi morar no Mulungu e depois foi embora para Cabrobó retornando após muito tempo



Fonte: Arquivo pessoal da família, 2018.

Ahhh, minha Vó... Eu nunca considerei que a senhora tenha morrido porque a senhora continua viva em mim. Eu sou a senhora e a senhora sou eu. Enquanto eu viver eu nunca sentirei a sua morte por mais que as lágrimas tenham começado a cair antes mesmo da primeira palavra ser escrita. O abraço mais sincero, o olhar mais doce, o colo mais macio, a luz mais divina. Minha maior referência de mulher. O principal símbolo que a mulher pode ser o que ela quiser ser. Que a mulher pode ser livre em todos os sentidos da palavra.

Minha Vó exalava liberdade mesmo quando tudo que ela fazia podia lhe aprisionar. Minha vó era muitas! Fazia muitas coisas e fazia muitas coisas que somente um livro ou

nem mesmo nele, para contar tudo. Por enquanto, deixo registrado que ela era de terreiro onde cultuava os orixás e os encantados, era rezadeira, curandeira, ela era da igreja católica, onde era devota de todos os santos, sempre presente na tradicional Festa de Agosto da comunidade e não faltava a uma romaria de Pe. Cícero Romão, fazia São Gonçalo, dançava toré, liderava cabaré, amava forró, festa. Ela foi tudo que ela quis ser. Ela fez tudo que ela queria fazer. Ela deixou este plano em um dos períodos que ela mais gostava, a Festa de Agosto. Da noite do dia 13 para o dia 14 de agosto de 2020, durante a pandemia, fizemos a despedida da nossa vó ao som de toantes e da Tradicional Banda de Pífanos de Conceição das Crioulas.

Figura 12- José Jilú (José ...) – Avô paterno
Nasceu e se criou no Mulungu. Ainda jovem, saiu para trabalhar fora e nunca mais voltou



Fonte: Arquivo pessoal da família, S.D.

O que eu posso dizer do meu avô paterno? Zé Jilú, como até hoje é chamado, deixou minha Vó Alzira grávida de meu Pai. Viajou em busca de trabalho para conseguir melhor condição de vida para meu Pai. Segundo relatos, seu irmão se apaixonou por minha Vó e, sendo rejeitado por ela, ele se vingou escrevendo para meu avô dizendo que minha Vó já não mais o esperava e que já estava com outros homens. Meu avô, desgostoso, nunca mais voltou. Há também outras versões sobre o seu sumiço.

O fato é que, por um motivo ou por outro, ele sumiu e nunca mais se ouviu notícias do seu paradeiro. Minha avó teve outros maridos, mas nunca esqueceu o grande amor da vida dela, como ouvi tantas vezes ela aos prantos, contar. Até hoje os retratos dele estão nas paredes lá de casa, e é por meio deles que pude ver quem meu avô era.

Ana Generosa da Conceição - Bisavó Materna 1: Não consegui informações.

Antonio Vicente Simão – Bisavô Materno 1: Nasceu e se criou da Vila Centro.

Raimunda Justina da Conceição - Bisavó Materna 2: Não consegui informações.

Cândido Dionízio - Bisavô Materno 2: Não consegui informações.

Maria Vilante da Conceição - Bisavó Paterna 1: Não consegui informações.

Lourenço Mariano da Silva - Bisavô Paterno 1: Nascido e criado no Sítio Paula.

Figura 13- Luzia Maria das Virgens (Maezia) - Bisavó Materna 2
Nascida e criada no Sítio Paus Brancos



Fonte: Arquivo pessoal da família, S.D.

Figura 14- Gerônimo Umbelino da Silva (Jilú) - Bisavô Paterno 2
Nascido e criado no Sítio Mulungu.



Fonte: Arquivo pessoal da família, *S.D.*

Eu nunca pensei que seria tão difícil fazer minha árvore genealógica. Minha pesquisa conseguiu chegar até os nomes de meus bisavós maternos e paternos. No entanto, são muitas informações desencontradas, inclusive em documentos oficiais, o que me levou a pensar em não deixar escrito por aqui. Eu não vou parar de tentar entender e explicar tudo isso, todavia, por enquanto, vou trazer os nomes de acordo com os documentos que consegui, para que não se percam, e aprofundar nos motivos de tantos desencontros em um próximo trabalho, em uma próxima escrita. De antemão vou deixar aqui um exemplo desse desencontro.

Minha avó Alzira, de acordo com a sua identidade, consta seu nome como Alzira Maria da Silva. Um desencontro que achei foi no nome da minha avó paterna, pois na identidade do meu Pai, o da sua Mãe, minha Avó, consta como Alzira Violante da Conceição. Seguindo, vi que há informações desencontradas nos nomes dos pais dela.

Ainda segundo a sua identidade, Vó era filha de: Lourenço Mariano da Silva e Maria Vilante da Conceição.

Na Certidão de Óbito da sua irmã, Francisca, conhecida como Chiquinha, a filiação aparece como: Lourenço José Macário e Vilante Francisca da Conceição.

Cruzando os dados com a Certidão de Nascimento de sua irmã, Luiza, a filiação aparece como Lourenço José e Vilante Francisca.

Meu bisavô paterno, que ora aparece como Lourenço Mariano da Silva, ora como Lourenço José ou Lourenço José Macário, na oralidade de Dona Rita (filha de Luiza) ele é José Macário. Ela que foi criada por ele e até hoje conta suas histórias, diz não saber de onde vó Alzira tirou esse Lourenço Mariano.

Em tudo isso, ficam alguns ensinamentos:

1. O quanto é importante construir nossas histórias enquanto nossos mais velhos ainda estão vivos;
2. A escrita não é verdade absoluta e mesmo na escrita feita em órgãos oficiais, há controvérsias;
3. Pesquisar é como cavar um buraco, quanto mais você tira, mais tem para tirar;
4. Em nosso meio, a oralidade continua sendo a forma de desvendar os mistérios que nem a escrita consegue explicar.

Trazer minha Árvore Genealógica neste trabalho se faz importante para mostrar que eu e minha irmã, Graça Atikum, somos filhas da mesma árvore e, ainda assim, eu sou quilombola e ela é indígena e não tem nada de errado nisso. Quando apresento o nome até meus bisavôs e suas localidades de origem é para dizer que, sendo filha ou filho de Conceição das Crioulas, todo mundo é parente, como é comum ouvir pela boca das pessoas mais velhas que compõem este lugar. Em nosso território as moradias se encontram em duas Vilas e em mais de trinta Sítios (Nosso Território Conceição das Crioulas). Tendo a sua raiz aqui, fazendo a árvore, vemos que pertencemos a mais de um destes sítios, por meio de nossos avós e bisavós.

Por parte de meu Pai, do meu Avô paterno e do meu Bisavô paterno, sou do Mulungu. Por parte da minha Mãe e da minha Avó materna, sou do Garrote Morto. Por parte do meu Avô materno, sou do Poço da Pedra. Por parte da minha Bisavó paterna, sou dos Paus Brancos. Por parte da minha Avó paterna, e dos meus bisavós paternos,

sou da Paula. Isso, de alguma maneira, comprova o que é dito pelas pessoas mais velhas: sendo de Conceição, é todo mundo parente. Se aprofundar ainda mais a pesquisa, certamente descobrirei mais raízes da minha ancestralidade em outras localidades.

Irmãs, filhas do mesmo pai e da mesma mãe, criadas juntas. Eu me defini enquanto quilombola. Ela se definiu enquanto indígena. Minha luta é o Movimento Quilombola. A luta dela é o Movimento Indígena. Graça Atikum é professora indígena, liderança, conselheira local de saúde indígena, ativista da juventude Kyrimbaus, que é um grupo de jovens de base, além de outras funções. Ela é graduada em História com especialização em História e Cultura Afro Brasileira e Indígena. Atualmente está no mestrado em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFCE) para contar a história do povo Atikum de acordo com a realidade e ouvindo as pessoas mais velhas. Quanto ao que fez ela se definir enquanto indígena, ela diz o seguinte:

Costumo dizer, quando me perguntam sobre a minha identidade, que nós, povos indígenas, né? Que a gente sente a força da encantaria, dos encantados de luz. Então a minha identidade está totalmente ligada à força encantada. Foram eles quem me escolheram, por exemplo, enquanto liderança e foram é... Foram eles quem mandaram os sinais para uma liderança mais velha que a gente tem aqui na nossa base que é Dona Zefinha, muito conhecida, uma mezinheira que nós temos aqui na Aldeia Garrote Morto, então por meio dela hoje eu também sou liderança por uma indicação dela, guiada pelos encantos, né? (Atikum, Entrevista concedida em 11/06/2023).

Sobre a relação entre quilombolas e indígenas, tendo em vista que o território quilombola faz divisa com o território indígena, ela diz:

É uma relação muito familiar. Nós sabemos que os quilombolas e os indígenas de Conceição das Crioulas pautam muitas atividades em conjunto, então nós mantemos uma relação de afetividade, uma relação consanguínea, até porque somos irmãos de luta, somos parentes e mantemos essa relação diante de várias atividades que nós costumamos planejar de forma conjunta (Atikum, Entrevista concedida em 11/06/2023).

Sobre a pergunta se há conflitos entre quilombolas e indígenas ela salienta:

Nós temos muitos comentários aí por fora que dizem que os indígenas e os quilombolas só vivem em conflito, quando, na verdade, por meio de várias organizações da nossa base, nós podemos ver que isso são apenas ideias que são semeadas por aí de pessoas que não conhecem a nossa realidade. Então

nós vivemos aqui dividindo o mesmo território, mas estamos também para dizer que não vivemos em conflito e vivemos sim é organizando o nosso povo, né? Não somente aqui no povo Atikum, mas também em conjunto com a comunidade quilombola, sempre que pudemos estamos traçando atividades para fazer de forma conjunta e tentar repassar essa... desfazer na verdade essa ideia né? Que muitos falam que a gente vive aqui brigando quando na verdade não é, basta vir conhecer a nossa comunidade pra ver e mudar um pouco a ideia (Atikum, Entrevista concedida em 11/06/2023).

Quando me perguntam se há conflito entre quilombolas e indígenas em Conceição das Crioulas eu olho para a pessoa e pergunto: você acha que eu brigo com a minha irmã?

Figura 15- Graça Atikum e Fabiana Vencezlau



Foto: Arquivo pessoal da autora, 2020.

Para responder a esta pergunta e a tantas outras, se faz necessário uma breve

historicização de alguns processos aos quais os dois povos tradicionais passaram ao longo da história.

Vou começar essa contação de história pela clássica pergunta que até hoje infelizmente ainda é usada em algumas salas de aulas: **quem descobriu o Brasil?** Aqui eu mudo para: **quem invadiu o Brasil?** Quando os portugueses invadiram essas terras já haviam os Povos Indígenas e suas várias denominações. Nêgo Bispo nos disse que:

Os colonizadores, ao os generalizarem apenas como “índios”, estavam desenvolvendo uma técnica muito usada pelos adestradores, pois sempre que se quer adestrar um animal a primeira coisa que se muda é o seu nome. Ou seja, os colonizadores, ao substituírem as diversas autodenominações desses povos, impondo-os uma denominação generalizada, estavam tentando quebrar as suas identidades com o intuito de os coisificar/desumanizar (Santos, 2019, p. 20).

O mesmo autor, para contestar a denominação forjada pelos colonizadores/invasores/escravizadores, usa, em sua escrita, povos pindorâmicos. Após a resistência indígena em não se deixar escravizar, os invasores foram atrás dos africanos, e para eles usaram a mesma estratégia de dominação que outrora usaram com os povos pindorâmicos. Antonio Bispo dos Santos (2021, pág. 21) argumentou que “os colonizadores, ao chamá-los apenas de “negros”, estavam utilizando a mesma estratégia usada contra os povos pindorâmicos de quebra da identidade por meio da técnica da domesticação”.

Nêgo Bispo ainda afirmou que:

O estranho é que a escola sempre se refere a esses povos apenas como negros e índios, desconsiderando as suas diversas autodenominações. Isso porque para os cristãos é necessário justificar que essas pessoas são apenas “coisas”, que elas não têm “alma” e que, por isso, delas podem se utilizar como bem quiserem (Santos, 2021, p. 20-21).

A segunda análise são os processos de luta contra a escravização. É sabido que ao longo da história os povos africanos e os povos indígenas lutaram juntos contra a escravização. Nenhum deles se rendeu ao processo escravocrata imposto pelos invasores. Aqui em Conceição das Crioulas não foi diferente. Para fundamentar esse processo de luta Márcia Jucilene do Nascimento considera: “As memórias apontam que esses embates ocorreram no final do século XIX para o início do século XX, e que

indígenas e quilombolas se uniam neles na tentativa de combater a força inimiga: os invasores brancos, que queriam a todo custo se apossar das terras das crioulas” (2017, p. 45). A pesquisadora continua dizendo que: “os laços harmônicos existentes entre quilombolas e indígenas se fizeram valer” (2017, p. 46) em uma guerra denominada Guerra dos Urias na qual nós, quilombolas, lutamos junto com os indígenas contra os brancos. Essa união fez com que saíssemos vitoriosos.

2.8. O povo indígena Atikum

Hino de Atikum

O meu Atikum está muito alegre (2x),

É de ver seus índios em cima da Serra (2x),

Reina, reina houa (4x),

Oi cante e dance meus caboclos índios, reina, reina na houa (2x),

ou reina, reina na houa, reina , reina na houa (4x).

Figura 16- Símbolo do Povo Atikum



Foto: Edinalva Silva, 2023.

Assim como o caroá, planta que representa a etnia, o povo Atikum é um povo resistente e forte e que ao longo dos tempos vem mantendo a tradição, a cultura e a sua história. Graça Atikum, liderança do povo explica como se deu a história de origem do nome do seu povo:

O nome Atikum, ele vem aparecer juntamente com o reconhecimento étnico, por

volta de mil novecentos e quarenta (1940). Aí, se a gente for fazer uma pesquisa, a gente já encontra o nome Atikum. Mas o nome Atikum, ele não se deu por conta somente dessa mudança, de, é de nomeações, vamos dizer assim. Segundo os mais velhos, é, este nome Atikum, ele surgiu por meio de um encantado de luz, quando o povo Atikum se reuniu. E aí esse encantado, é, repassou o sinal para um mais velho, e disse que estava na hora do Povo Atikum receber o nome que de fato seria, este que nós nos chamamos hoje, Povo Atikum de Pernambuco. Então, foi o trabalho com a encantaria, que ele acabou repassando esse sinal para os mais velhos, e hoje nós nos chamamos Atikum. (Graça Atikum, Entrevista concedida em 11/06/2023).

No livro *Histórias e memórias do povo Atikum*, a história se complementa:

Os Atikum são uma etnia indígena do sertão nordestino situada na Serra do Umã e seus arredores. No entanto, tanto sua origem quanto seu nome resistem ao longo de mais de 500 anos, passando por transformações e mudanças que os moldaram, tornando-os esse povo guerreiro e forte que resiste desde sempre. (Histórias e memórias do povo Atikum, 2022, p. 11).

Tem como base os ensinamentos das pessoas mais velhas que vão sendo repassados de geração em geração. É por meio das pessoas mais velhas que os mais novos tomam conhecimento da sua história e registram os fatos e acontecimentos para que não se percam.

Ainda de acordo com o livro *Histórias e memórias do povo Atikum* (2022), o território indígena supracitado foi demarcado em 17 de agosto de 1993, a área foi demarcada e homologada através da Portaria 314, assinada pelo Ministro da Justiça. Em 18 de janeiro de 1996, foi registrada, no cartório de Mirandiba, a terra indígena Atikum sob o documento nº 2.918, livro 2 – I, folha 26, com apenas 16.290,1893 de área demarcada.

Figura 17- Mapa de demarcação do Território Indígena



Fonte: Livro *Histórias e memórias do povo Atikum*, 2022.

Essa demarcação está em meu imaginário até hoje. Eu era criança quando faziam o que chamavam de linha. Vi os imbuzeiros serem divididos ao meio e vi casas também sendo divididas pela linha. Um lado ficava dentro do território indígena e o outro lado não ficava. Via as roças ficando de um lado da linha e as casas do outro. Naquela época, não tinha noção do que tudo aquilo representava. Após aquele tempo, muita coisa mudou. Uma das mudanças significativas foi o território quilombola também ter sido demarcado.

A demarcação do território quilombola aconteceu e o título foi recebido em 2000 pela associação quilombola. Corresponde a uma área de aproximadamente 18 mil hectares, de acordo com a Nova Cartografia Social para Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil – Quilombolas de Conceição das Crioulas.

As terras indígenas foram identificadas e demarcadas pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e as terras quilombolas foram reconhecidas e tituladas pela Fundação Cultural Palmares (FCP). E tanto a parte do território que já foi regularizada, quanto a parte deste que ainda falta para concluir o processo de devolução das terras aos legítimos donos, são de responsabilidade de Instituto Nacional da Reforma Agrária (INCRA) (Rodrigues, 2017, p. 63).

como, o reconhecimento e a titulação do território quilombola de Conceição das Crioulas, ocorreram pacificamente. É necessário frisar que são processos que percorrem caminhos, por vezes distintos, mas que buscam atender os interesses de dois povos que ao longo da história conviveram harmoniosamente e que enfrentaram e enfrentam lutas comuns, além do parentesco muito próximo existente entre eles (Rodrigues, 2017, p. 63).

Se digo que não há conflitos entre quilombolas e indígenas, de onde saiu essa história? Com a demarcação do território indígena e, posteriormente, com a demarcação do território quilombola, se inicia o processo de desintrusão do território quilombola. A desintrusão é a retirada de quem, por um motivo ou por outro, invadiu as terras compradas pelas seis negras. A luta hoje é para que tenhamos todo o território quilombola desintrusado.

As irmãs Maria da Penha (quilombola) e Jeane Atikum são mais um exemplo, dentre vários que temos, dessa mistura que há entre quilombolas e indígenas. Filhas também do mesmo pai e da mesma mãe, elas se diferenciam na afirmação da identidade.

Figura 19- As irmãs Maria da Penha e Jeane Atikum



Fonte: Fábila Oliveira, 2023.

Maria da Penha e Silva, liderança e professora quilombola, graduada em Pedagogia e com especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional, falou sobre

sua identidade:

Eu me identifico enquanto quilombola, eu tenho minhas irmãs, meus irmãos, meu pai que se identifica enquanto indígena, então a maioria da minha família assim, mais por perto, né, pai, os irmãos a maioria deles se identifica enquanto indígena. (Silva, Entrevista concedida em 10/06/2023).

Ela afirmou que a mistura de identidade não atrapalha a convivência familiar:

Eu me identifico enquanto Quilombola, mas, esse, essa relação de identificação de identidade, lá e cá, não impede da gente conviver, não impede da gente lutar a nossa luta (Silva, Entrevista concedida em 10/06/2023).

A entrevistada falou ainda da similaridade das lutas:

A gente luta pela educação específica, eles também, né? A gente luta pelo território, pela titulação de nossas terras, eles também, então, a luta nossa ela é junta, conjunta (Silva, Entrevista concedida em 10/06/2023).

“Eu sou indígena, tenho uma irmã do mesmo pai e da mesma mãe que é quilombola, né?” Jeane Atikum, que é indígena, representante do movimento de juventude, conselheira de saúde e atual componente da gestão da associação, irmã de Maria da Penha, diz o que fez com que ela se identificasse enquanto indígena:

E então, é... as vivências, a história de luta do meu povo, né? E também essa, a liberdade né? Da gente se auto afirmar, se auto definir enquanto indígena, né? Aí fui... é... participando das organizações do povo e comecei também a me auto afirmar a partir disso. Fazer parte do processo e a me auto afirmar enquanto indígena (Atikum, Entrevista concedida em 11/06/2023).

Sobre o que é ser indígena para Jeane, ela diz que:

Ser indígena é tá na luta, é buscar se fortalecer cada vez mais. É... se fortalecer dentro da luta, né? Aprender com as pessoas mais velhas, né? E tá sempre junto deles porque a sabedoria das pessoas mais velhas é o que faz a gente tá mais firme na luta, né? (Atikum, Entrevista concedida em 11/06/2023).

Ao falar da relação com os quilombolas, ela enfatiza o que vem sendo dito a todo o momento:

Eu costumo dizer que é uma relação de família, uma questão de parentesco e bem próximo que dificilmente você vai olhar pra uma pessoa daqui da

comunidade indígena e dizer que ele não tem um parente que não é um tio, que não é um primo, que não é um sobrinho né? Que seja quilombola, né? Então, essa é uma relação bem próxima, né? E o que diferencia é somente as identidades indígenas e quilombolas, mas é todo mundo família (Atikum, Entrevista concedida em 11/06/2023).

A fala de Jeane sobre “**ser todo mundo família**” coaduna com o que dizem as pessoas mais velhas de Atikum. Eu estive na casa de cada um e cada uma das pessoas que estão na foto de capa deste capítulo. Ao chegar e explicar que eu queria a foto e dizer o objetivo, cada casa era uma aula que eu recebia de histórias lindas de constituição e formação do nosso povo. Eu fui com medo, com receio de não conseguir nenhuma foto. Os resquícios das influências no sentido de nos dividirem ainda existem e isso se demonstrou nas três pessoas que não autorizaram que a foto fosse tirada. Elas continuarão tendo o meu respeito e a minha consideração.

Jeane Atikum também concorda que não há conflitos entre quilombolas e indígenas, mas fala da importância de mais diálogos, conforme trecho de entrevista abaixo:

Eu não diria que sejam conflitos, que seja uma briga, né? Eu diria que é uma falta de diálogo, né? Porque as lutas são semelhantes né? Já falei da relação de famílias né? Eu digo que um pouco mais de diálogo nessa parte né? Mas não diria que seja um conflito né? Mas que é preciso conversar mais sobre esses assuntos né? Mas não vejo como uma briga (Atikum, Entrevista concedida em 11/06/2023).

Em alguns momentos tive a sensação de estar pisando em um campo minado, ou reabrindo feridas já cicatrizadas. A forma como fui recebida, o respeito e a consideração me fizeram continuar. **Eu sou filha da aldeia, assim como sou filha do quilombo.** O que fez o meu povo da aldeia me receber tão bem? A nossa ancestralidade. Somos a mesma coisa, assim como ouvi em todas as casas. Assim como também ouvi que “se bater em um de lá, é a mesma coisa que bater num daqui e se bater em um daqui é a mesma coisa que bater num de lá”. Elas e eles confiaram em mim e foi outro momento que me deu medo.

Temi não conseguir corresponder a toda a confiança a mim atribuída. Assim, pedi ajuda a Deus, aos orixás, aos encantados e a todos os espíritos de luz que continuassem me guiando, consciente de que quem melhor do que nós para contar e escrever a nossa

história? Guiada e confiante na minha ancestralidade, que é nossa, sei que escreverei somente o que for guiada, de tudo que somos. **Eu sou quilombola com ancestralidade indígena.** Assim como o sangue que corre em nossas veias não se separa, a nossa mistura também não tem como separar. Essa mesma mistura é encontrada em outros corpos e territórios como é o caso de Jaider Esbell Makuxi:

Eu falo da questão da negritude também por pertencimento, pois meu corpo é uma constituição composta, em parte, de uma genética ascendente negra. Eu tenho um avô negro e da Venezuela. Eu não poderia deixar essa parte de mim de fora do meu eu. Esse composto não tira, portanto, o enraizamento central da minha ancestralidade indígena norte amazônica caribenha, onde estão os ossos de minhas avós. É deste espaço geocosmogônico que sou nutrido e a partir dele tenho aspirado alcançar os caminhos para percorrer a vastidão dos mundos postos em atritos (Makuxi, 2020, p. 31).

Portanto, respondendo à pergunta inicial: se há briga entre quilombolas e indígenas, digo que:

- Por lutarem juntos contra os invasores, quilombolas e indígenas se misturaram na luta e consanguineamente, misturando assim a ancestralidade que resulta na formação da identidade do lugar;
- O povo de Conceição das Crioulas descende de uma mesma árvore genealógica que querendo ou não se encontram em algum lugar do caminho;
- O conflito que há em Conceição das Crioulas não é entre quilombolas e indígenas porque nós somos a mesma coisa e descendemos da mesma história de luta desses dois povos tradicionais;
- Se tem indígena que é contra a luta quilombola dentro de Conceição das Crioulas é porque desconhece sua própria história e seu próprio movimento, uma vez que em nível local, estadual e nacional, temos uma relação de parceria e desenvolvemos várias atividades conjuntamente;
- Não há disputa entre o movimento quilombola e o movimento indígena. Os dois movimentos são legítimos no segundo distrito e a AQCC – Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, responsável pelo território quilombola, nunca fez nenhum movimento de retirada de quem é indígena e de quem descende das mesmas raízes ancestrais;
- O território indígena foi demarcado primeiro que o território quilombola. Os limites

geográficos do povo Atikum antecedem os limites geográficos do território quilombola;

- A demora por parte do governo na demarcação dos territórios, tanto quilombolas quanto indígenas, alimenta os conflitos internos e o Estado tem que ser responsabilizado por isso.

Assim, concluo dizendo que não há briga entre quilombolas e indígenas, pois são dois povos tradicionais que sofreram com os invasores; são dois povos advindos da oralidade e que tem como principal fonte de pesquisa as pessoas mais velhas; são dois povos símbolos de coletividade; são dois povos que tem como principal luta a luta pela demarcação dos seus territórios e a luta pela educação específica, intercultural e diferenciada; são dois povos que, ao longo de sua história foram oprimidos, invisibilizados pelos brancos e colonizadores.

Quilombolas e indígenas aqui dentro continuam misturados e se misturando em vários momentos e ações como afirma Givânia:

Neste caso, entre quilombolas e o povo indígena, a articulação acontece em vários momentos comuns, como os casamentos cruzados, na vivência cotidiana, por meio da educação, nas crenças e mitos, inclusive a fé na santa Nossa Senhora da Conceição como símbolo de origem de um território e da aglutinação das culturas dos dois povos (Silva, 2016, p. 122).

Os casamentos entre ambas as etnias continuam acontecendo. Quando é tempo de festa e comemoração, os dois povos estão juntos. Quando é tempo de morte e choro, os dois povos estão juntos. No futebol, nas escolas, nas roças, nas igrejas, no cemitério e em todo o convívio coletivo as duas etnias estão juntas pois, como costume dizer, o que a luta e a ancestralidade uniu, que nada e nem ninguém seja capaz de separar.

O EU QUILOMBOLA: PARA ALÉM DOS PILÕES



Fonte: Fábila Oliveira, 2023

Minha Identidade

Meu lugar é minha essência:
Sou Conceição das Crioulas
Terra de grandes lutadoras
Desde sua fundação
Com a força da união,
Muito aqui se transformou
E muito se conquistou
Para as gerações vindouras.

Mudamos a nossa história
Pela luta e insistência,
Sem pensar em desistência,
Lutamos pela educação
Pra trazer transformação.
A nossa comunidade,
A verdadeira felicidade
Mora aqui em Conceição

Sem riqueza material,
Vivemos na simplicidade.
A nossa principal vaidade
É a alegria de viver.
Quem quiser nos conhecer
Basta somente se chegar,
Nossa história escutar
Nosso povo conhecer.

Aqui tem artesanato,
Tem riqueza natural,
Banda de pífanos tradicional
Junto ao nosso Trancelim;
Tudo isso habita em mim,
Não tem como separar
Quilombola vou afirmar
Eu me constituí assim.

Eu exalto a minha terra,
As riquezas do meu lugar.
Eu quero aqui registrar
A minha identidade,
Deus permita que a maldade
Não encontre em mim morada,
Que eu sempre esteja amparada
Pela minha ancestralidade.

Sou guerreira quilombola,
Sangue indígena em comum,
E do povo de Atikum
Também tenho descendência.
Tudo em mim é resistência
Da minha vida ancestral
Sou Fabiana Vencezlau,
Essa é minha escrevivência.
(Fabiana Vencezlau, 2022).

O poema de minha autoria, intitulado *Minha Identidade*, descreve um pouco desse meu pertencimento de ser quilombola de Conceição das Crioulas e da riqueza que é a nossa comunidade. A foto de capa traz o eu quilombola, a outra parte de mim, da minha identidade. A parte a qual eu me identifico. São pessoas da base, das viagens, do dia a dia no quilombo. Todo o meu respeito e agradecimento a cada uma e cada um que me recebeu, ouviu e aceitou fazer parte de mais essa etapa da minha vida. Vocês me fortalecem e me inspiram a continuar lutando por nossos objetivos e acreditando em dias melhores para nosso povo. Enquanto a voz mais alta em mim for a voz da ancestralidade e da espiritualidade, estarei no caminho certo. Repito uma parte do texto da segunda foto de capa porque é exatamente assim: eu sou as duas partes, ambas com a mesma importância e uma não existiria sem a outra.

Para o termo escrevivência que trago em meu poema, Conceição Evaristo nos ensina que:

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana (Evaristo, 2020, p. 30).

E me conectando com o que eu sou, penso e sei da minha verdadeira história, para mim, pertencer ao povo de Conceição das Crioulas é motivo de orgulho. Neste capítulo trago nomes e rostos de referências que me inspiram, bem como nossas bandeiras a nível local, estadual e nacional. O campo de batalha é feito por nossos corpos, nossas vestimentas, nossas bandeiras. Tudo é arma que ilustra a minha fala a cada passo que dou.

A população negra no Brasil passou a existir a partir do processo de escravidão, assim como a história nos conta. O termo quilombo no Brasil, de acordo com Souza, significa:

Comunidades e agrupamentos autônomos de negros e negras escravizados fugitivos. “Quilombo” provém dos termos “kilombo”, da língua kimbundo, ou “ochilombo”, da língua umbundo. Ambas as línguas (kimbundo e umbundo), bem como outras faladas na região de Angola, são provenientes do tronco linguístico Banto (Souza, 2016, p.37).

O reconhecimento veio na Constituição de 1988 mediante muita luta, estratégias e parcerias. O artigo 68 que diz: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos”. É assim que aparecemos pela primeira vez na Constituição Federal.

Os quilombos não nasceram com o reconhecimento formal por parte do Estado brasileiro em 1988. Esse foi apenas o marco legal formal, a inclusão na CF/1988 (Silva, 2016, p. 66). Para Givânia Silva (2016), os quilombos não podem ser vistos como “algo que sobrou”, “resto”. Em seu livro *Rebeliões da senzala*, Moura (2020), diz que “o quilombo foi, incontestavelmente, a unidade básica de resistência do escravo. Ele continua dizendo que “o quilombo aparecia onde quer que a escravidão surgisse” (Moura, 2020, p,159). No livro *Uma história feita por mãos negras*, Nascimento (2021) nos diz que os termos “mocambo” e “quilombo” são vocábulos de origem quimbundo. A mesma autora continua nos chamando a atenção para o que podemos compreender como o significado dos quilombos hoje:

A importância dos quilombos para os negros na atualidade pode ser compreendida pelo fato de esse evento histórico fazer parte de um universo simbólico em que seu caráter libertário é considerado um impulsionador ideológico na tentativa de afirmação racial e cultural do grupo (Nascimento, 2021, p. 109).

Ainda para Nascimento (2021), sobre o que significa quilombo, ela traz: “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões neles” (p.158), definição dada, a seu modo, pelas autoridades portuguesas. Para Silva (2016), o conceito de quilombo,

portanto, vai além de um modelo único.

Ao analisar todas as falas, e quem fala, vemos semelhanças e diferenças em cada definição. Para mim, quilombo é sinônimo de liberdade. Quilombo é espaço sagrado de memórias, ancestralidade e espiritualidade.

O movimento quilombola é hoje uma importante representação das mobilizações coletivas no Brasil (Souza, 2016). Para Selma Dos Santos Dealdina (2020) a existência dos quilombos na História do Brasil representa um projeto de partilha, de viver em comunidade, de construção do território enquanto coletivo, compartilhando o acesso a bens, em especial à terra.

Nos quilombos, os valores culturais, sociais, educacionais e políticos são transmitidos às e aos mais jovens pela oralidade. A mulher quilombola tem um papel fundamental na transmissão e na preservação das tradições locais; na manipulação das ervas medicinais, no artesanato, na agricultura, na culinária e nas festas. São mulheres quilombolas que desempenham um papel central, estabelecendo vínculos de solidariedade e transmitindo experiências (Dealdina, 2020, p. 37).

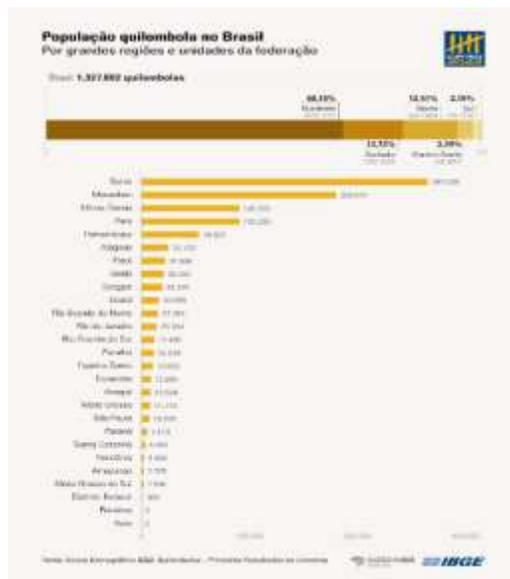
Para Almeida (2020), se há um ponto em comum observado na existência dos quilombos é a diversidade. Ela continua dizendo:

Cada quilombo é diferente do outro e não há necessidade de fixar categorias estáticas, devido ao processo de reconhecimento da própria comunidade. Isso leva a pensar os quilombos como uma categoria dinâmica na medida que diversas formas de aquilombamento foram construídas em diferentes fases nas quais quilombolas procuraram resistir e adequar seus métodos de resistência em resposta às múltiplas facetas do sistema de opressões e exploração imposto (Almeida, 2020, p. 150,151).

Mesmo com o reconhecimento formal, só ficamos sabendo este ano, com a divulgação do último censo, quantos somos e onde vivemos. Essa conquista foi motivo de muita comemoração para os quilombolas de todo o Brasil e hoje, graças à luta do movimento em nome da nossa representação maior, a CONAQ, podemos festejar mais essa vitória.

Somos 1. 327.802 quilombolas.

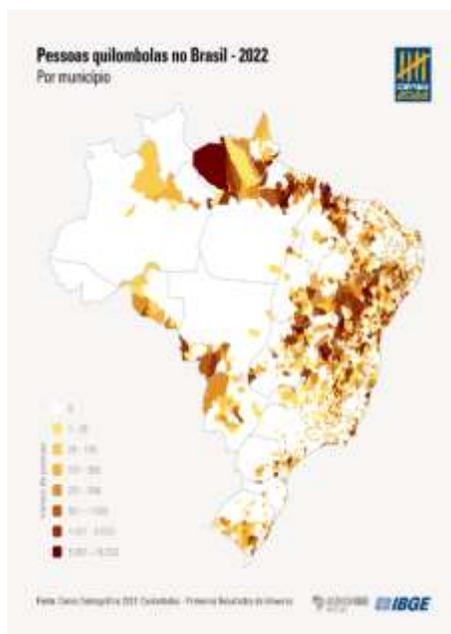
Figura 21- Quantos somos?



Fonte: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia>, 2023.

Estamos presentes em 1.696 municípios brasileiros.

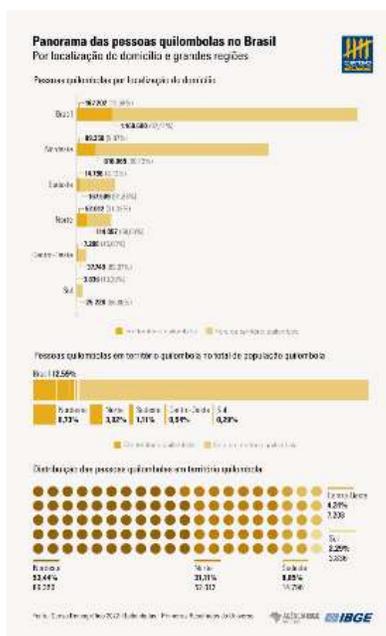
Figura 22- Onde estamos?



Fonte: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia>, 2023.

Infelizmente, dos 1.696 municípios com presença de quilombolas, apenas 326 têm territórios delimitados. Apenas 4,3% da população quilombola reside em territórios titulados.

Figura 23- Por região



Fonte: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia>, 2023.

3.1 As Bandeiras em mim

Quando falo das bandeiras em mim, falo das bandeiras que levo sempre comigo em todos os momentos. As bandeiras são as do Movimento Quilombola nas suas esferas local, estadual e nacional. Assim, não saem do meu borná as bandeiras de Conceição das Crioulas, a dos Quilombos de Pernambuco e a da CONAQ. Nas aulas, nas palestras, nas falas elas sempre estão comigo. Andar com cada uma é me sentir acompanhada de toda essa coletividade que o nosso movimento representa.

3.1.1 A AQCC NOSSA FORÇA NOSSA VOZ

Figura 24- Sede da AQCC



Fonte: Luz Quilombola, 2019.

O quilombo de Conceição das Crioulas vive em constante mobilização e senso de partilha na luta pelo território e por todas as políticas públicas essenciais para uma vida com dignidade. Eu não entrei no movimento, porque o movimento está em mim. Assim é a minha vida de luta, resistência e representatividade por onde estou e onde chego.

A maior e principal escola para aprender sobre as lutas dentro da comunidade é a AQCC – Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, e foi nela que me formei e ainda me formo, pois é um processo contínuo. É por meio da Associação e de suas comissões que as atividades acontecem. Fundada em 2000, ela é símbolo de coletividade e a principal luta é a luta pelo território. Tem como finalidade, de acordo com o artigo 1º do seu Estatuto: 1) - Promover o desenvolvimento de Conceição das Crioulas, fortalecendo a organização política, a identidade étnica e cultural, o recebimento, o zelo e a gestão do território e a luta pela causa quilombola local, estadual, regional, nacional e internacional.

É formada por sete (07) comissões, são elas: Patrimônio, Juventude, Comunicação, Saúde e Meio Ambiente, Geração de Renda, Mulheres e Educação

A comissão de juventude foi a minha primeira sala de aula e foi na base, no chão do quilombo, juntamente com crianças, jovens e as pessoas mais velhas que despertei o

movimento que está em mim. A minha primeira bandeira é a que representa Conceição das Crioulas.

Figura 25- Uma mulher, negra, quilombola, Dona Dina, Tia Dina, Mãe Dina são os nomes que ela carrega



Fonte: THE WSS, 2023.

Ao ser perguntada sobre o porquê do rosto dela, ela diz:

Se eu for contar do começo, quando nesse tempo nós era muita, minhas meninas tudo nova e, nós tudo... foi em 2000, foi, aí foi tirado a foto de todo mundo. Sim, todo mundo, veio todo mundo bonito, minhas meninhas toda vida eram bonitas e ainda hoje são... e ficou, e tinha muita gente Fabiana, quando dou fé, a homenagem saiu, quando veio foi eu, ai na hora eu não achei bom não... [risos] (Mãe Dina, Entrevista concedida em 13/05/2023)

Por causa, quando disseram que era, porque eu achei, minha Nossa Senhora, como é tanta gente aqui, tanta gente nova... (Mãe Dina, Entrevista concedida em 13/05/2023)

Nossa marca não poderia ser diferente. Representa a mulher crioula, negra, quilombola que também é agricultora, artesã, rezadeira e desempenha os mais variados ofícios e funções, assim como é aqui. Não se encontra uma mulher que seja apenas “uma coisa só”, como falamos por aqui. A imagem de Mãe Dina, que mais parece uma entidade, traz a leveza do vento e a força da tempestade. Passado o momento inicial de estranhamento de ver seu rosto em tudo que leva o nome de Conceição das Crioulas, Mãe Dina hoje é feliz por ter sido a escolhida e ser homenageada em vida, prática constante aqui no quilombo.

Ah hoje, hoje em dia eu ainda, ainda, eu fico ainda feliz, sabe porque Fabiana, porque, que essas, esses negócio muita gente, todo mundo já foram, né? E eu tô aqui contando a minha história, um dia aí, antes dessas ocasião que houve aí, houve um grande encontro aqui, aí dessa vez, aí ela o povo me apresentaram, tinha gente de fora, aí tinha um homem, ele era de fora, ele disse oxe, mas meu Deus, pois desde ontem que eu tô aqui, era para mim fazer essa procura, essa logomarca, e ainda era viva, e eu agora, “vigi”, e tirou foto mais eu, tão feliz... (Mãe Dina, Entrevista concedida em 13/05/2023).

Mãe Dina se sente uma mulher rica por tudo que é, por tudo que faz e por tudo que representa pra gente. A sua maior riqueza, diz ela, são os meus filhos e filhas, os meus netos e netas, tudo junto dela de dia e de noite.

Tudo junto, é a riqueza, graças a Deus, eu toda hora eu digo aqui em casa, Fabiana. Olhe, muita gente às vezes quando anoitece, tão sozinha dentro de casa, não tem uma pessoinha mais elas, pois eu dou graças a Deus, se de dia meu povo tão por aqui, de noite é que tão. (Mãe Dina, Entrevista concedida em 13/05/2023)

Outra riqueza que ela destaca são as plantas que constituem o seu quintal que é junto com o da sua filha, Maria dos Santos. A diversidade de plantas existentes no local é de encher os olhos de quem tem a oportunidade de contemplar. Uma contemplação que é preciso sensibilidade para olhar com os olhos e sentir com a alma. Ela, que também é rezadeira, diz que aprendeu com a mãe e vendo as pessoas de mais idade. Acrescenta ainda que quando é dom, a natureza é quem ensina.

Figura 26- Bandeira da AQCC



Fonte: THE WSS, 2023.

Muitas foram as mulheres que lutaram pelo território dentro de Conceição das Crioulas, desde as seis negras e a história de origem até os dias atuais. Uma referência na atualidade é Aparecida Mendes.

Uma grande feminista
Aparecida Mendes é
Na luta territorial
Batalha com muita fé
Crioula de Conceição
É uma grande liderança
Faz da vida uma missão
De levar sempre esperança
(Poema da autora, 2022).

Figura 27- Aparecida Mendes



Fonte: Acervo do artista THE WSS,2022.

Esta é Aparecida Mendes, a sua primeira ocupação foi a partir dos sete anos de idade como trabalhadora rural junto com a sua família. Com o objetivo de concluir o ensino fundamental, que foi interrompido no período noturno na escola do Quilombo, mudou-se para a cidade, Salgueiro, onde trabalhou como empregada doméstica até 1998. Iniciou a militância na luta em defesa da causa quilombola na década de 1990, participando ativamente das atividades relacionadas à organização e ao desenvolvimento sustentável do território, inclusive do processo de fundação da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC, em 2000, onde foi eleita a primeira coordenadora geral.

Esse período foi determinante para o fortalecimento do sentimento de pertença às raízes ancestrais e a definição da postura política perante a sociedade. Em 2001, foi eleita vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Salgueiro, por um mandato de dois anos. No decorrer desse período participou de atividades voltadas para a defesa do direito ao acesso à terra e à previdência social dos trabalhadores rurais. Iniciou a trajetória acadêmica em 2001, na Faculdade de Ciências Humanas do Sertão

Central – FACHUSC, no curso de Pedagogia, mas, devido a uma série de dificuldades não conseguiu concluir e parou no quinto semestre, em 2003. Nessa mesma instituição, em 2009, iniciou o curso de História, mas mais uma vez não conseguiu chegar até o final: em 2011 estava no quinto semestre, quando precisou trancar a matrícula.

Ela cursou o bacharelado em Serviço Social na Universidade de Guarulhos – SP, no período de 2012 a 2015. Em 2017 iniciou o Mestrado em Sustentabilidade Junto a Povos e Territórios Tradicionais - MESPT - Universidade de Brasília-UNB, e concluiu em 2019. A sua trajetória é marcada pela participação na luta em defesa da causa quilombola, e esta participação inspirou o tema do seu Trabalho de Conclusão do Curso de Serviço Social: Há liderança das mulheres na luta pela regularização fundiária do Território Quilombola de Conceição das Crioulas. É mestra em Desenvolvimento Sustentável, área de concentração em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Quilombolas - MESPT e por meio do mestrado, renovou o compromisso na defesa dos Direitos Humanos com o objetivo de contribuir para a emancipação do povo quilombola por meio da luta pela efetivação dos direitos.

Cida Mendes coordenou a AQCC por diversas vezes, tanto na coordenação política e administrativa, como na coordenação executiva. No período em que estava coordenando a AQCC, trabalhou arduamente em ações que fomentassem os processos e procedimentos para a regularização do território quilombola de Conceição das Crioulas e também de outras comunidades do Brasil (Nascimento, 2017, p. 38).

Aparecida Mendes, além de seguir os passos das seis crioulas, tem como referência outras pessoas engajadas na luta como: Givânia e Andreilino Negão (Conceição das Crioulas), Seu Zé Carlos (Castainho) e Seu Expedito (Timbó).

3.1.2 QUILOMBOS DE PERNAMBUCO

Givânia (Conceição das Crioulas), Seu Zé Carlos (Castainho) e Seu Expedito (Timbó) foram as três pessoas que deram início ao movimento estadual quilombola em Pernambuco, representando e ganhando destaque em nível nacional. Essas lideranças, por causa da importância para o movimento, têm função vitalícia na Coordenação

Estadual.

De acordo com seu Regimento Interno, a Coordenação Estadual de Articulação das Comunidades Quilombolas de Pernambuco – CEACQ/PE, tem como objetivo geral: “Fortalecer a identidade étnica, lutar pela implementação das políticas públicas e regularização fundiária dos territórios Quilombolas de Pernambuco.”

A representatividade dentro da Coordenação Estadual, de acordo com seu regimento, está distribuída por Regiões de Desenvolvimento, da seguinte forma:

1. Sertão: 10 representantes titulares e 02 suplentes;
2. Agreste: 10 Representantes titulares e 02 suplentes;
3. Matas e metropolitana: 5 titulares e 01 suplente.

Além disso, é escolhida, entre os membros que compõem a coordenação, uma coordenação executiva que tem por finalidade:

- Fortalecer as relações entre a CONAQ, CEACQ/PE e as Associações das Comunidades Quilombolas;
- Zelar da estrutura e das regras de funcionamento da CEACQ/PE;
- Dar visibilidade às informações sobre a CEACQ/PE;
- Gerenciar os recursos e coordenar o processo de eleição da nova CEACQ/PE.

A coordenação divide-se em núcleos que servem para facilitar o trabalho e acompanhamento na busca por políticas públicas de acordo com cada temática. São eles: Regularização Fundiária (Patrimônio), Educação, Comunicação, Saúde, Cultura e Esporte, Mulher, Juventude e Sustentabilidade.

Figura 28- Bandeira da Comissão



Fonte: THE WSS, 2023.

Me despeço da bandeira Quilombos de Pernambuco para chegar a mais uma que não se aparta de mim, que é a bandeira de quem representa o movimento em nível nacional: a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ).

3.1.3 A CONAQ SOMOS NÓS

Segundo Selma dos Santos Dealdino (2020, p. 27) A existência de uma coordenação nacional entre outros movimentos e frentes locais e estaduais que tocam a pauta quilombola, permite-nos dizer em alto e em bom som, através de várias vozes, que: Nós, quilombolas, existimos, sim. Existimos e resistimos! Muitos foram os e as que lutaram para que hoje exista um símbolo de representatividade.

Mais uma vez tivemos a força da mulher crioula como cofundadora da CONAQ na pessoa de Givânia.

A primeira a ingressar
No ensino superior
Givânia Silva abriu
O caminho inspirador
É símbolo de resistência
Aqui e em todo Brasil
É potência a sua fala
A mulher é nota mil.
(POEMA DA AUTORA, 2022)

Figura 29- Givânia Maria da Silva



Fonte: Acervo de Givânia Maria da Silva, 2021.

Givânia Maria da Silva é educadora quilombola e pesquisadora da educação escolar quilombola, organização de mulheres quilombolas e questões de terras em quilombos. Integra o Núcleo de Estudos Afro-brasileiro/NEAB, juntamente com outras lideranças. É fundadora da Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas - CONAQ. Ex-Secretária Nacional de Políticas para Comunidades Tradicionais da SEPPIR. Associada da Associação Brasileira de Pesquisadores e Pesquisadoras Negras – ABPN e coordenadora do Comitê Científico: Quilombos, territorialidades e saberes emancipatórios da mesma Associação. Integrante dos Coletivos de Mulheres e de Educação da CONAQ.

Ela é integrante da Rede de Ativistas pelo Direito à Educação de Meninas do Fundo Malala. Graduada em Letras e Pedagogia, é especialista em Planejamento da

Educação e em Desenvolvimento Local Sustentável. Formou-se mestra em Políticas Públicas e Gestão da Educação pela Universidade de Brasília (UnB), 2010-2012 e é doutora em Sociologia pela mesma Universidade.

Seu espírito aguerrido possui uma grande resistência capaz de inspirar outras mulheres à luta. Sempre pioneira nos desafios da escolarização para mulheres, quilombolas e nordestinas, acaba de ingressar num doutorado na área de Sociologia na UnB. Givânia, a mulher que esteve/está em diversas frentes! Com uma contribuição ímpar, no campo da política, da educação escolar, da academia, é uma das precursoras do momento mais recente de reorganização social do nosso povo há aproximadamente trinta anos (NASCIMENTO, 2017, p. 40).

Figura 30- Bandeira da CONAQ



Fonte: THE WSS, 2023.

3.2 O Decreto 4887/03 é constitucional

Em 2003, o movimento quilombola conquistou um importante instrumento fruto de muitas lutas, que é o Decreto 4887/03:

Presidência da República
Casa Civil

Subchefia para Assuntos Jurídicos
DECRETO Nº 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003.

Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, incisos IV e VI, alínea "a", da Constituição e de acordo com o disposto no art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias,

DECRETA:

Art. 1º Os procedimentos administrativos para a identificação, o reconhecimento, a delimitação, a demarcação e a titulação da propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, serão procedidos de acordo com o estabelecido neste Decreto.

Art. 2º Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

No ano seguinte, 2004, é criada a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 3239/04, que questiona a legalidade do Decreto Federal 4887/03, base para a atuação do Estado sobre a titulação dos territórios quilombolas. A ação torna-se um pesadelo para o movimento quilombola, uma grande ameaça tendo em vista que se trata de um Decreto essencial para a regularização dos territórios quilombolas em todo o país.

Como tudo em nós é resistência, o movimento se organizou e se articulou, e em todas as votações no STF estávamos lá. Por várias vezes a votação foi adiada, até que no dia 08 de fevereiro de 2018 o STF decidiu pela improcedência da ADI 3239, declarando a constitucionalidade do nosso Decreto 4887/03.

Figura 31- O Decreto 4887/03 e a vitória



Fonte: Fotos do Instagram da CONAQ, 2023.

Este dia se tornou histórico para o movimento porque ninguém mais do que nós, sabe o que foi lutar para que o Decreto existisse. Nenhuma pessoa pode mensurar a aflição que era toda vez que saíamos dos nossos quilombos, deixávamos nossas ocupações, nossas famílias ou íamos todos da família para dizer com a nossa presença que a ADI era um atentado contra a vida das pessoas quilombolas de todo o país. A cada votação a angústia era imensa. Cada pedido de vista, não sabíamos se comemorávamos pelo fio de esperança que continuava a existir, ou se chorávamos por ainda não ter vencido aquela grande guerra. Sem contar que a cada votação adiada, toda a articulação para transporte, alimentação, lugar onde ficar, recomeçava do zero. O movimento

quilombola não é rico, os quilombolas não são ricos. A nossa riqueza é a coragem e a força para nunca parar de lutar pelo que precisamos, e aquele julgamento colocava em risco a possibilidade de acesso ao nosso bem maior, que é o território.

As comunidades quilombolas assumem formas próprias de organização que remontam a uma ancestralidade de povos africanos. Muitos vivem principalmente da agricultura, da pesca artesanal, do artesanato, do extrativismo, dentre outras atividades que guardam traços particulares de resistência. Assim, quilombolas construíram territórios e defendem as terras dos seus antepassados, negras e negros, que lutam contra a escravização (Almeida, 2020, p. 151).

Portanto, para nós, o território não é somente um pedaço de terra. Também não é qualquer terra. É a terra que está nossas raízes. É a terra que conta a nossa história. É o território no seu sentido mais amplo de vivências e resistências, do material e imaterial, de lutas e liberdade.

**ENTRE ESCUTAS E FALAS: O APRENDER E O ENSINAR
NA E COM A UNIVERSIDADE**



Fonte: Rodnel Dossa, 2023

A finalidade deste capítulo é apresentar reflexões que fiz sobre acesso, permanência, ementas e currículos principalmente após a minha passagem presencial na universidade. Como eu me senti enquanto quilombola e ingressante pelas ações afirmativas. Faço um breve passeio pelas disciplinas que passei e pelos trabalhos que apresentei e concluo falando sobre a escrita da dissertação e as conquistas que consegui enquanto estudante advinda da militância social.

4.1 Do texto ao vídeo ou do vídeo ao texto?

Por que tenho que fazer mestrado? Por que devo ir para a academia? Por que tenho que sair da minha comunidade para ir para a universidade? A jornada no mundo acadêmico é o sonho que qualquer pessoa que tem como objetivo alçar voos nos caminhos do conhecimento, por meio de muitas leituras e diversas escritas. Entretanto, nunca foi o meu sonho.

Filha de agricultora e agricultor que só estudaram até a 4^a série, o incentivo aos estudos era constante. Nossos mais velhos e mais velhas sempre nos incentivaram a estudar. Maria de Lourdes da Silva ou Lourdinha nos fala da importância de estarmos na universidade:

Então, eu vejo, é, uma questão que é bastante necessário, porque, em relação a gente ter mais uma formação acadêmica, é importante que a gente esteja lá dentro da universidade, das universidades, eu acho muito importante, mas eu acho também, que as universidades elas precisam muito se abrir e, nos ouvir bastante, né? Nos ouvir bastante, porque, é, o que a gente leva, né? Nós não só vamos para a universidade só para aprender, nós temos muito a dizer, por isso que eu digo que tem essa necessidade, de que as universidades, nos ouça (Silva, Entrevista concedida em 13/05/2023).

Eu concluí o Ensino Médio, fiz graduação em Letras e Pedagogia, o suficiente para dar aulas e ser professora nas escolas do meu quilombo, Conceição das Crioulas. A pós-graduação nunca foi um objetivo em minha vida, pois para o que eu queria, que era ser professora no quilombo, já tinha os títulos necessários. Mas era constante ouvir alguém dizer que eu deveria ir para o mestrado, doutorado e tudo que a academia oferece. Para

Valdeci Maria da Silva Oliveira, liderança quilombola é importante o ingresso na universidade para que haja uma troca de saberes:

Então, essa troca precisamos fazer, esse leva e traz dentro da universidade, porque eu acredito que isso só tem a crescer, porque quando nós toma conhecimento de uma coisa que é, tá dentro da faculdade, tá dentro da universidade, é muito bom para a gente, é novidade para a gente aprender isso, então, é novidade também, que as universidades tome conhecimento, como é que vive aquele povo que estão lá na ponta, lá dentro dos seus territórios (Oliveira, Entrevista concedida em 14/05/2023).

De acordo com o primeiro Censo, realizado em 2022 pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, somos um total de 1.327.802 quilombolas espalhados em 1.696 municípios, mas as comunidades quilombolas ainda estão lutando para que as escolas cheguem aos quilombos. Estão na luta para que tenham todas as modalidades de ensino da educação básica. E, como se não bastasse, de acordo com Bárbara Oliveira Souza e Givânia Maria da Silva (2021),

Muitos quilombos vivenciam o fechamento das escolas em seus territórios, a precarização na contratação de professoras/es, a não implementação das leis e direitos relacionados à Educação Quilombola em sua diversidade, a pouca estrutura nas escolas e a negação de uma merenda de qualidade e adequada à realidade local, que também é uma conquista do movimento quilombola (Souza e Silva, 2021, 36).

A luta também é para que as leis específicas sejam implementadas e ou efetivadas, a exemplo da Lei 10.639/03 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica buscam garantir uma pedagogia própria, o respeito à especificidade étnico-racial e cultural de cada comunidade, a formação específica de seu quadro docente, materiais didáticos específicos, com base nos princípios que orientam a Educação Básica brasileira. As Diretrizes devem ser oferecidas nas escolas quilombolas e naquelas escolas que recebem alunos quilombolas fora de suas comunidades de origem (Souza e Silva, 2021, p. 35).

Como podemos ver, são muitos os desafios até chegar à graduação ou pós-graduação. Assim, quando eu penso em acesso à pós-graduação para nós, de quilombos, penso antes, no alicerce que precisa chegar às comunidades, para que possibilite o/a quilombola pensar em um mestrado, doutorado, pós-doc. Por conseguinte,

quando vencemos as primeiras barreiras do alicerce, chegamos então, às barreiras secundárias para o sonhado ingresso no mundo acadêmico.

Toda essa falta de alicerce tem a ver também com o processo de escravidão e, em seguida, com o processo de abolição, no qual, de acordo com Matilde Ribeiro (2014, 44): “O regime de escravidão, a abolição e a forma como foi constituída a ideia de nação brasileira caracterizam a doutrina da supremacia racial e do racismo”. Ainda de acordo com a mesma autora “o racismo vincula-se a outros elementos que se configuram como mecanismos de desigualdades, tais como o preconceito, o estereótipo e a discriminação”. Então a forma como se deu o fim da escravidão, para nós, povo preto, traz consequências até hoje e igualar essa realidade é algo que parece impossível.

Para ingressar no universo da pós-graduação é necessário um bom edital, e, para nós quilombolas, passa por reconhecer e respeitar nossas especificidades. Um processo seletivo não racista, não classista que não vise favorecer aqueles e aquelas que sempre tiveram oportunidades. Respeitar nossas especificidades enquanto povo quilombola passa também por entender que somos diferentes, pensamos diferente e estamos em situação desigual no que diz respeito ao acesso a todas as políticas públicas. Logo, essa nossa condição, vai aparecer como fator determinante e excludente, uma vez que não se respeita nossas especificidades. O respeito passa por mudanças concretas, assim como explicitado a seguir:

O enfrentamento das discriminações históricas deve se dar a partir da consideração das possibilidades de mudança, visando à valorização da identidade negra e indígena, de pressões e negociações institucionais e de reflexões e ações concretas na sociedade, que contribuam para que novas visões e posturas democráticas passem a vigorar (Ribeiro, 2014, pág.55 e 56).

Então, pensar nas especificidades significa mudança de postura, é pensar que as cotas raciais precisam continuar a existir tendo em vista que os danos causados pela escravização e o atraso que o nosso povo enfrenta são muito grandes. E existir não como ação temporária, como dizem alguns estudiosos conforme trecho em destaque:

Costumeiramente é entendida a política afirmativa como ação temporária, isso acontece por estudos que discutem o contexto de cotas, por exemplo, numa dimensão com base que na universalização do direito à educação com qualidade ou com uma educação com qualidade social, o que levará a superar, um dia, as

dissoluções que levaram essas políticas a serem aplicadas. Por esse entendimento, as políticas de ação afirmativa seriam algo temporário. Isso talvez aconteça com a política de cotas, algo que não deslumbramos para as próximas décadas no Brasil (Almeida, 2022, p. 57).

As Ações Afirmativas precisam chegar em toda a universidade, em todos os PPGs e não pode ser uma demanda de cada curso, e sim, uma política da instituição. A lei de cotas possibilitou o nosso acesso e contribui para a redução da desigualdade. Ainda assim muitas pessoas são contra as cotas raciais. Nosso povo pode viver sem a lei de cotas se vocês conseguirem reverter cada navio que veio para cá com o nosso povo. Podemos sim viver sem as cotas se vocês conseguirem desfazer a escravidão. Açam que precisaríamos da lei de cotas se vocês não nos tivessem trazidos para cá, escravizados e depois “nos libertado” entregues à própria sorte? Não, a gente não precisaria. Brancos, colonizadores, estudem suas histórias.

A meritocracia “que defende que cada pessoa é a única responsável por seu lugar na sociedade, seu desempenho escolar e profissional etc.” (Bento, 2022, p. 21) é mais um mito. A mesma autora diz que:

De fato, o conceito comum de meritocracia é o de um conjunto de habilidades intrínsecas a uma pessoa que despende esforço individual e não estabelece nenhuma relação dessas “habilidades” com a história social do grupo a que ela pertence e com o contexto no qual ela está inserida (Bento, 2022, p.21).

Desse modo, tal conceito é uma ideia falsa que chega a uma conclusão falsa. Se houve escravidão, houve quem escravizou e quem se beneficiou, quem enriqueceu, quem usufruiu e usufrui até agora de todo esse sistema. Nós não podemos falar do passado, temos que seguir. Queremos, vamos e estamos seguindo e, para isso, todas as cotas são fundamentais. Todas as leis de cotas são necessárias e não é porque somos menos capazes, mas porque fomos trazidos, escravizados e jogados no quintal, conforme classificação e comparação feita pela escritora Carolina Maria de Jesus: “[...] Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 2019, p. 32). Não ficamos na sala de visita e nem tampouco no jardim, nosso povo foi jogado no lixo.

Portanto, precisamos das cotas raciais, precisamos de edital específico, em que a avaliação seja um memorial, podendo ser escrito ou em audiovisual, no qual a entrevista

seja com base nesse memorial, no qual o Currículo Lattes não seja fator determinante, e sim a trajetória de lutas, participação e contribuição no Movimento Quilombola. Ter um edital pensado de baixo para cima, de dentro para fora é parte fundamental para que nosso povo chegue às universidades. Além disso, passada esta etapa, é preciso continuar lutando pela permanência em uma academia que não foi pensada para nós. Que ao longo de anos e anos, excluiu as ditas minorias e continua a favorecer a classe mais abastada. A pós-graduação, para nós, quilombolas, é uma constante corrida de obstáculos em que a frase resistir para existir se faz cada vez mais necessária.

Saindo do meu mundo e entrando no mundo acadêmico, tudo que eu sou, penso e falo parece sem sentido, ao mesmo tempo em que passa a ter muito mais valor para mim. Sim, somos diferentes, pensamos, vemos e sentimos diferente. Nossa diferença precisa ser sentida e vista para que quilombolas de qualquer lugar desta nação, ao chegar na universidade se sintam acolhidos e abraçados.

As universidades são espaços onde nós quilombolas precisamos ser resistentes todos os dias para não desistir. Eu sei que o racismo está presente em todos os lugares, inclusive nos quilombos, mas aqui senti na alma a diferença, um lugar onde é preciso ser resistente todos os dias ou então desistimos. Quando desistimos é como se deixássemos para trás a chance de diminuir o quadro de desvantagem ao qual nos encontramos em todas as políticas públicas como descreve Silva:

A população negra sempre esteve em desvantagem quanto à possibilidade de almejar, por meio de políticas públicas, e em especial das políticas educacionais oferecidas pelo Estado, uma vida digna, a inserção no mercado de trabalho e oportunidades de forma qualificada (Silva, 2016, p. 88).

O nosso propósito nunca é desistir, mas faz-se necessário criar um ambiente mais acolhedor para nós quilombolas e para toda a pluralidade que as Ações Afirmativas fazem chegar até o ambiente acadêmico. Sou a primeira quilombola do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLET). Não desisti e nem irei desistir por causa de racismo, preconceito, olhares e sentimentos adversos. Eu não desisto, mas quero garantir a não desistência de todos que virão após a minha chegada, seja no PPGLET ou em qualquer outro Programa de Pós-Graduação.

É importante rever os currículos e ementas e os fazer universais. Romero Almeida nos disse que:

Esse é um grande desafio da educação: que a escola venha a se aproximar das realidades das classes menos favorecidas, pois o reconhecimento por parte dos(as) alunos(as) na escola, através de seu currículo é fundamental para permanência nela e reprodução de suas culturas (Almeida, 2022, p. 74).

Queremos ver e ouvir serem contadas nossas histórias, as histórias do povo negro e quilombola porque se o Brasil é feito da mistura de raças e cores, quero ver essa mistura também nas leituras que temos que fazer em todas as disciplinas. Nesse mesmo viés Romero Almeida (2022, p.75) ainda nos trouxe que:

Do mesmo modo, é preciso que as(os) professoras(es) possam atender tais especificidades, principalmente porque a formação inicial dos mesmos, na grande maioria das universidades brasileiras, não discute a educação escolar quilombola ou quando discute é de caráter esporádico. Assim, é evidente que a formação inicial de professoras(es) não tem como atender todas as urgências da educação brasileira.

É preciso que aconteça formação sobre a temática. É preciso que sejam discutidas outras histórias. Eu sei que é pouco o que temos escrito em comparação à história única que é contada, mas temos e é preciso que seja usado o que temos para que outras realidades sejam visibilizadas, contempladas, estudadas e lidas, por meio da mudança nos currículos e ementas.

O que trago no conteúdo desse texto creio que não é nenhuma novidade e o que desejo parece utopia, eu sei, porém, são gritos de mais de 500 anos atrás, desde que o primeiro navio negreiro cruzou o oceano até aqui. Eu sou o grito de todos que se rebelaram, que lutaram e que nunca aceitaram a escravidão. E assim como a semente da liberdade germina até hoje, a semente dos que escravizaram também germina e cresce entre nós, espalhando a podridão do racismo que se fortalece cada dia com o “Mito da Democracia Racial”, visando manter os privilégios brancos, mas que aos poucos vai enfraquecendo diante da luta e da resistência dos movimentos sociais:

Ao longo dos séculos, vê-se, de um lado, a dinâmica de manutenção dos privilégios dos brancos e, de outro, a resistência dos negros e indígenas.

Estratégia duradoura de manutenção da visão da submissão dos negros e indígenas ao jugo do poder dos brancos foi o mito da democracia racial, imposição essa que vai enfraquecendo com o desenvolvimento da sociedade e das lutas, tendo por base a justiça e a igualdade (Ribeiro, 2014, pág. 61).

O que escrevo aqui é uma escrita que talvez fuja dos padrões do que pede a academia ou do que a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) recomenda, mas alinha-se ao que é necessário e gritante. Trago uma escrita que é um chamado à sensibilidade, à escuta e a mudanças estruturais, sociais e comportamentais. Sei que talvez não cumpra as exigências formais de uma dissertação, ou talvez esteja na hora de pensar em escritas outras, sem tantas normas ou moldes, mas com vivência daqueles e daquelas que protagonizam as histórias outras.

E por que eu vim parar aqui na Universidade Federal do Rio Grande do Sul? Essa resposta eu não tenho. Foi o primeiro edital que apareceu, quando decidi continuar minha trajetória acadêmica. Deus, os orixás, os encantados e todos os espíritos de luz certamente sabem. Que Eles continuem me guiando para que eu abra sempre os melhores caminhos, para que eu deixe sempre uma mensagem de fé e esperança por onde eu passar, e que eu sempre plante a semente da continuidade do povo e do movimento quilombola. Sou quilombo, sou quilombola, sou Conceição das Crioulas.

4.2 Acolhimento que aquece corpo, alma e coração

Agradeço às pessoas e aos espaços que se abriram para ouvir a minha história. As professoras e aos colegas do curso, que me abraçaram desde o ensino remoto e que no presencial formaram uma irmandade de afeto, acolhimento e luz. Vocês fizeram a diferença e levarei para a vida.

Figura 33- Turma do Rolê de Quinta



Fonte: Cristina Tonial, 2022.

Seguirei contemplando a beleza e o perfume das rosas e afugentando o medo dos espinhos. Seguirei fazendo movimento, porque faço aquilo que sou, e não posso e nem quero ser outra coisa para caber nas salas de aulas. **Se a universidade nunca viu movimento, é porque nós dos movimentos não conseguíamos chegar.**

Chegamos e queremos permanecer. O meu eu, que não queria ir para a universidade, é a parte que de mim que discorda que o conhecimento do meu povo tem que ser validado pela academia para tornar-se conhecimento. O meu povo sempre produziu, produz e produzirá conhecimento, o nosso povo sempre teve e terá mestres e mestras, doutores e doutoras e todos os títulos que quisermos, pois, nossos saberes antecedem o conhecimento universitário e são natos, advindos da ancestralidade e da tradição.

A parte de mim que resolveu ir para a universidade é o eu coletivo, o eu movimento, o eu luta. Luto para que a juventude quilombola ocupe todos os espaços. Luto pelas ações afirmativas e as cotas raciais. Luto para que ocupemos as universidades, enquanto estudantes para depois ocuparmos enquanto professores. Luto por todos, por nós, por mim.

A minha escrita é luta. É simples e ao mesmo tempo complexa. Fácil de entender para alguns e difícil para outros, por que como explicar o que não se explica? Como entender o que é mistério? Nós somos mistério, nossa escrita é mistério porque escrevemos o que somos. Trazemos poesia, ciência e vivência. Trazemos memórias em nossas escritas. Memórias que não são apenas nossas, porque quando escrevemos não escrevemos de nós, por nós, escrevemos de todos, de vários, de um coletivo ancestral que nos inunda e transborda em cada palavra, frase, texto. O meu texto é nosso, porque eu sou, porque somos todas/todos nós.

4.3 Registros nas e das disciplinas: Por uma universidade que nos leve a pensar e não a obedecer

Quando iniciei os estudos, no primeiro semestre, tudo estava de forma remota. Inscrita em três disciplinas, só abria a câmera quando era obrigatório, geralmente, em seminários. Fora isso, ficava somente ouvindo e observando. Um fato que me chamou a atenção foi ver os estudantes do mestrado estudarem junto com os estudantes do doutorado.

Não demorou muito tempo para eu perceber que a relação era de total horizontalidade. Ainda no ensino remoto, todos os trabalhos que apresentei e entreguei foram voltados para o registro de um aspecto da história do quilombo. Mesmo reticente por que remotamente tudo era mais difícil e as sensações diferentes, eu me desafiei a continuar com a minha principal missão dentro do mestrado, que é contar a história do Quilombo de Conceição das Crioulas. Em praticamente todas as disciplinas, falei da existência dos quilombos, contei a nossa história e sugeri a visita a algum quilombo para que os estudantes pudessem viver, ouvir, sentir a realidade quilombola partindo dos sujeitos, da prática.

O poder escolher as disciplinas também me chamou a atenção. Eu não estava

presa a disciplinas fixas e também não estava presa somente ao meu PPG. Eu pude escolher disciplinas de outros PPGs e assim fiz. É uma política interessante para uma pessoa como eu, que fujo das grades, dos moldes, daquilo que não me deixa livre.

4.4 O meu mestrado remoto: minhas primeiras disciplinas

Dentro da liberdade possível, escolhi minhas primeiras disciplinas as seguintes:

- ✓ Migrações, povos indígenas e diversidade cultural: casos internacionais e experiências locais.

Professora: Kathryn Dominique Lum

- ✓ Formas literárias e processo histórico – Prosa/O povo por escrito

Professor: Luís Augusto Fischer

- ✓ Tópicos de Teoria da Literatura

Professora: Rita Lenira de Freitas

Na escolha das disciplinas, bem como em todos os trabalhos apresentados ou finais não fugi da minha missão no mestrado, que é levar adiante a história do meu povo.

Tudo que fiz foi com esse recorte, assim como apresento a seguir:

Seminários apresentados:

Entrevista

- ✓ Entrevista realizada com a Liderança Indígena Josefa Maria da Silva para a disciplina de *Migrações, povos indígenas e diversidade cultural: casos internacionais e experiências locais*, tendo como docente a professora Kathryn Dominique Lum.
- ✓ Seminário aberto tendo como tema *Contam os mais velhos: ancestralidade, oralidade e resistência no Quilombo de Conceição das Crioulas*, apresentado na disciplina de *Formas literárias e processo histórico – Prosa/O povo por escrito*, tendo como docente o professor Luís Augusto Fischer.
- ✓ Seminário sobre a obra *Cadernos de Memórias Coloniais*, da escritora Isabela Figueiredo, apresentado na disciplina de *Tópicos de Teoria da Literatura*, tendo

como docente a professora Rita Lenira de Freitas.

Trabalhos finais das disciplinas

- ✓ Ensaio tendo como título *O povo por escrito e a oralidade das histórias invisíveis de uma terra de mulheres chamada Conceição das Crioulas*, entregue na disciplina de *Formas literárias e processo histórico – Prosa/O povo por escrito*, tendo como docente o professor Luís Augusto Fischer.
- ✓ Monografia tendo como título *As Dandaras do meu quilombo: o protagonismo das mulheres quilombolas de Conceição das Crioulas*, entregue na disciplina de *Tópicos de Teoria da Literatura*, tendo como docente a professora Rita Lenira de Freitas.
- ✓ Texto Jornalístico tendo como título *Oralidade: memória que não se apaga, essência que não se escreve* para a disciplina de *Migrações, povos indígenas e diversidade cultural: casos internacionais e experiências locais*, tendo como docente a professora Kathryn Dominique Lum.

4.5 Prólogo? O que é? Memórias Decoloniais

Durante a apresentação do seminário sobre a obra *Cadernos de Memórias Coloniais*, da escritora Isabela Figueiredo, apresentado na disciplina de *Tópicos de Teoria da Literatura*, tendo como docente a Professora Rita Lenira de Freitas, escrevi um poema com o apanhado da disciplina e que, segundo a professora, iria usar como prólogo da disciplina. O poema ao qual intitulei de *Memórias Decoloniais*, diz o seguinte:

Memórias Decoloniais

Chegamos ao final
De uma linda trajetória
De vivências e seminários
Com conhecimentos vários
Enriquecendo nossa história.

Como foi bom aprender
E colocar na bagagem
Cada obra que passou,
Cada convidado que somou

Com muita aprendizagem.

Desde Macunaíma
Até "A filha perdida"
Tivemos o escrituário
E toda a poesia lida
Passamos pela "As Naus"
Até chegar ao memorial
Pela Figueiredo escrita.

Chegamos ao nosso fim,
Na verdade um começo
Com memórias coloniais
E assuntos transversais
Que só em lembrar estremeço.

Quando falo em recomeço
Falo na desconstrução,
Falo de decolonialidade,
Falo de superação;
Falo de desaprender
Para voltar a aprender
E fazer transformação.

Falo de equidade,
De respeito ao diferente,
De uma nova sociedade,
Da libertação da mente,
Da vergonha do racismo,
Aqui ou em qualquer lugar,
Da doença do machismo
Que nada tem a ensinar.

E após tanta lição
De todos os estudantes,
Intervenções da professora
Sempre de forma brilhante,
Vamos o mundo mudar,
Nosso meio transformar
Pois a luta é constante.

Agora sim, obrigada!
Agrademos a atenção,
Sigamos firmes na luta
Para fazer revolução;
Cada um do seu jeito
Desconstruindo preconceitos

Com a arma da educação.
(Fabiana Vencezlau, 2022)

Do sol do Nordeste às terras geladas do Sul: o presencial

Vencido o primeiro semestre, para o segundo vem logo a anúncio que a universidade passará a funcionar de forma presencial. E agora? Ir para Porto Alegre ou parar? Pensei em meus filhos, pensei na minha turma, pensei no frio, pensei em tantas coisas que hoje, ao lembrar, ainda me pergunto como venci tudo isso. Encarei o novo e maior desafio da minha trajetória estudantil e que mexeu com todos os aspectos da minha vida. Tudo foi difícil. Conseguir afastamento do trabalho foi difícil; conseguir quem ficasse na minha turma foi difícil; conseguir fazer com que meus filhos entendessem foi difícil; me acostumar com a ideia de ter que morar fora do quilombo foi difícil; achar um lugar para ficar na nova cidade foi difícil. Se dificuldades fossem motivos para eu desistir de algum objetivo, hoje, vocês não estariam lendo esse meu trabalho.

Como costumo dizer, com a força de Deus, dos orixás, dos encantados e de todos os espíritos de luz cheguei para as aulas presenciais. Minha orientadora foi me buscar no aeroporto e preparou para mim, na sua casa, uma sopa bem quente. Ali eu passei a noite e aquela acolhida aqueceu meu corpo, meu coração e minha alma. Estava inscrita em mais três disciplinas que, de acordo com os nomes e ementas, dialogavam com o meu pensamento. E quando cheguei, as aulas já tinham iniciado. Cheguei quieta, no meu canto, me sentindo um pinto fora do ninho. Com o passar das aulas fui me sentindo acolhida no novo ninho e me sentindo parte do todo.

As novas disciplinas escolhidas foram:

- ✓ Leituras Dirigidas – Mujeres que interpretan la América Hispánica
Professora Liliam Ramos da Silva

Figura 34- Última aula da turma



Fonte: Cristina Tonial, 2022.

- ✓ Poéticas Indígenas
Professora: Ana Lúcia Liberato Tettamanzy

Figura 35- Apresentação sobre o quilombo na disciplina de Poéticas Indígenas



Fonte: Arquivo da turma, 2022.

- ✓ Narrativas de catástrofe: memória e resistência na literatura brasileira contemporânea

Professoras: Cláudia Caimi e Rejane Pivetta

Figura 36- Mais uma apresentação: do quilombo para a UFRGS



Fonte: Arquivo da turma, 2022.

A escolha, os trabalhos elaborados e os trabalhos finais seguiram a mesma lógica do primeiro semestre, afinal a missão continuava. A temática do seminário que se repete é porque praticamente em todas as turmas fiz apresentação sobre quilombos e sobre a minha comunidade quilombola.

Apresentação de seminários:

- ✓ Seminário sobre a obra *Quarto de Despejo*, da escritora Carolina Maria de Jesus, apresentado na disciplina de *Narrativas de catástrofe: memória e resistência na literatura brasileira contemporânea*, tendo como docentes as professoras Cláudia Caimi e Rejane Pivetta.
- ✓ Seminário sobre a obra *Contam os mais velhos: ancestralidade, oralidade e resistência no Quilombo de Conceição das Crioulas*, da escritora Carolina Maria de Jesus, apresentado na disciplina de *Narrativas de catástrofe: memória e resistência na literatura brasileira contemporânea*, tendo como docentes as professoras Cláudia Caimi e Rejane Pivetta.
- ✓ Seminário sobre a obra *Sab. Novela original*, da escritora Gertrudis Gómez de Avellaneda (1841)”, apresentado na disciplina de Leituras dirigidas – Mujeres que interpretan la América Hispánica, tendo como docente a professora Liliam Ramos da Silva.
- ✓ Seminário aberto tendo como tema *Contam os mais velhos: ancestralidade, oralidade e resistência no Quilombo de Conceição das Crioulas*, apresentado na disciplina de Poéticas Indígenas, tendo como docente a professora Ana Lúcia Liberato Tettamanzy.
- ✓ Seminário aberto tendo como tema *Narrativas do Rio Negro*, apresentado na disciplina de Poéticas Indígenas, tendo como docente a professora Ana Lúcia Liberato Tettamanzy.

4.6 Quilombo do Areal: histórias diferentes, lutas que se assemelham

Um momento importante foi a Aula de Campo no Quilombo Urbano do Areal da Baronesa, que uniu as professoras das três turmas e, juntamente com os estudantes,

elas nos levaram a conhecer um quilombo. Foi um momento de muita riqueza e de interação entre a teoria e a prática.

Figura 37- Aula de Campo ao Quilombo do Areal



Fonte: Montserrat Martins, 2022.

- ✓ Aula de Campo no Quilombo Urbano do Areal da Baronesa em Porto Alegre com as turmas:
- ✓ Leituras dirigidas – Mujeres que interpretan la América Hispánica
Professora: Liliam Ramos da Silva
- ✓ Poéticas Indígenas
Professora: Ana Lúcia Liberato Tettamanzy
- ✓ Narrativas de catástrofe: memória e resistência na literatura brasileira contemporânea
Professoras: Cláudia Caimi e Rejane Pivetta

4.7 A natureza que me recarrega e o racismo que tu carregas

Eu não tenho como descrever a riqueza que foi a experiência do ensino presencial presente nos mais simples detalhes, como o percurso que eu fazia do local onde eu ficava para a universidade, e o atalho que eu pegava: era um atalho cheio de grandes árvores, de terra e grandes pedras. Era comum passar por lá e ter alguma oferenda para algum orixá. Andar por aquele lugar, de alguma forma, me deixava perto de mim.

Figura 38- Minha fonte de energia



Foto: Fabiana Vencezlau, 2022

Eu recarregava as minhas energias toda vez que subia ou descia aquele pequeno morro. Diziam ser perigoso, mas em nenhum momento me senti ameaçada andando por lá.

Nem mesmo em um dia à noite, quando eu e um amigo africano de um lugar chamado Benin, íamos descendo, voltando do Restaurante Universitário (RU) e durante todo o percurso vimos que estávamos sendo seguidos pelos seguranças. Até que, antes da “descida do morro” eles nos abordaram e perguntaram o que estávamos fazendo ali. Dissemos que éramos estudantes e estávamos voltando do RU. Pediram carteira de estudante, cartão da UFRGS e não tínhamos. Eles não pareceram acreditar e continuaram com o interrogatório. Ficamos o tempo todo tranquilos pois, como não devíamos, não tínhamos o que temer. Por fim, nos liberaram e disseram que só estavam preocupados com a nossa segurança. Rimos e seguimos. Como estavam preocupados com a nossa segurança, se, para eles, a princípio, nós éramos a ameaça? A nossa cor, o nosso cabelo, os nossos traços, por si só, já representam ameaça e nossos corpos já nascem naturalmente suspeitos, pois como diz a escritora Ana Santos, em seu poema *Olhar Calibre 38*:

Se tem um olhar
 que toda pessoa negra sabe reconhecer
 é o olhar racista.
 Desde criança, aprendemos que somos diferentes
 e que vão nos olhar
 de forma diferente.
 Só não sabemos o porquê...
 O olhar calibre 38
 atira para matar:
 Eu sinto cheiro
 de racista
 de longe...
 É cheiro de pólvora!
 (Dos Santos, 2020, p. 70)

Aquilo, para nós, foi um caso escancarado de racismo. E como Gabriel O Pensador diz em sua música:

Racismo é burrice

O racismo é burrice mas o mais burro não é o racista
 É o que pensa que o racismo não existe
 O pior cego é o que não quer ver
 E o racismo está dentro de você
 Porque o racista na verdade é um tremendo babaca
 Que assimila os preconceitos porque tem cabeça fraca.

4.8 Artigo ou vídeo? Entre a escrita e a oralidade

Um problema de maior complexidade, no presencial, foram os trabalhos finais das disciplinas. Com tudo que tinha visto, vivido, sentido e com tudo que eu sou, não me senti à vontade para entregar um trabalho final tal qual era pedido, que era um artigo. Algumas situações me inquietavam. A primeira era que, sendo eu quilombola e com ancestralidade indígena, sou da oralidade. A segunda era que, mais importante do que discorrer sobre os autores e obras que vimos durante as disciplinas, seria dizer o que foi a universidade para mim. A terceira era que se eu fizesse um trabalho final fugindo dos padrões as professoras iriam aceitar? Que conceito iria tirar?

Entreguei em forma de vídeo o meu trabalho final da disciplina. O cartaz abaixo é o convite feito ao meu povo que gentilmente participou da gravação do vídeo para compor o trabalho. Digo que somos da oralidade, então queria que isso aparecesse. Digo que meu mestrado é coletivo, e queria isso representado. Digo que no quilombo todas as

gerações ensinam e educam, então trouxe todas as gerações. O vídeo foi intitulado por mim como: *A Voz da Pedagogia Crioula no Quilombo de Conceição – Salgueiro/PE*.

Figura 39- Socialização e Devolutiva



Fonte: Cartaz feito por Lorena Bezerra, 2023.

Eu quis fazer o que se mandava, o normal, o convencional que é um artigo com base nas leituras que tivemos durante o semestre. No entanto, a natureza que me rege, a cabeça que me guia e as vozes que falam por mim, não permitiram. O que apresentei como trabalho final foge aos padrões acadêmicos, mas é vida, é essência, é luta. Não está isolado de tudo que vimos, lemos, vivemos, ouvimos, discutimos e sentimos na sala de aula; pelo contrário, minhas palavras reverberavam o que havia de mais profundo em cada obra indicada para leitura. O meu mestrado é coletivo, o vídeo é símbolo dessa coletividade. O texto meu, lido pelas várias vozes da comunidade. A nota foi dada pela professora, nota máxima, mas a avaliação mais importante, para mim, foi a feita por elas

e eles ao verem o resultado final. Amo a minha comunidade, amo o meu povo, amo tudo que sou. Sou grata por todos os ensinamentos, por todos os aprendizados.

A emoção tomou conta de mim quando soube que o vídeo irá compor um livro organizado pela minha orientadora, Professora Líliam. É o reconhecimento de outras formas de existir, pensar e viver a e na universidade.

Figura 40- Vozes da Pedagogia Crioula



Foto: Arquivo pessoal da autora, 2022.

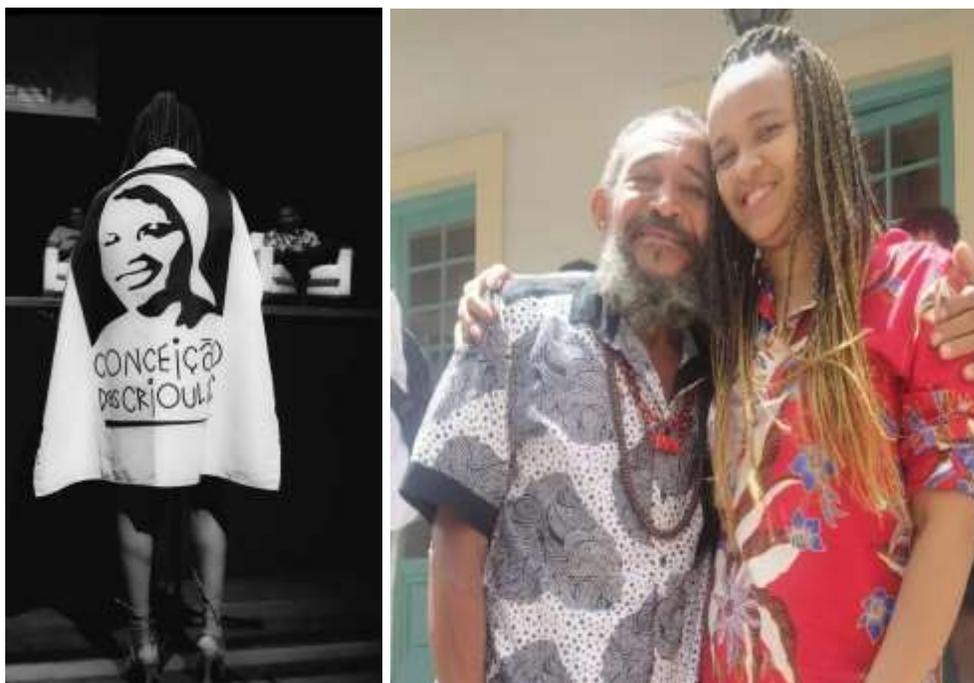
4.9 O dia em que eu ganhei um pai chamado Nêgo Bispo

O mestrado está sendo uma revolução em minha vida. E, por meio dele, até um novo pai eu ganhei. Na disciplina da professora Ana, fomos incentivadas e incentivados a nos inscrevermos em um congresso em Santa Catarina. Fiz a inscrição juntamente com um amigo e nosso trabalho foi aprovado. Uma semana cheia de riqueza de acordo com a programação. A principal riqueza e que me fez me inscrever, foi a presença e participação do Nêgo Bispo. Eu já havia contado aquela história inicial à professora, àquela que minha conterrânea dizia que eu falava/pensava igual a ele. Eu não sei quem estava mais ansiosa, se eu ou a professora. Esperamos o evento todo, a fala dele era uma das últimas. Quando o grande dia chegou, sentei bem atrás. Eu só tinha olhos e

ouvidos para ele. Antes de iniciar, tive aquele receio de não ser aquilo que a minha expectativa criou. Antonio Bispo dos Santos começou a falar, eu nem respirava.

Contida na minha emoção, foi aberta a fala para intervenções, mas eu não estava em condições de me inscrever. Foi uma lindeza, uma preciosidade, um momento único que só a ancestralidade é capaz de explicar. Minha professora olhava para mim como se quisesse me dizer: como assim, você não vai falar, não vai dizer nada? Para minha sorte, reabriu outra rodada de perguntas e agora eu já conseguia falar. Fiz minha inscrição para fala e foi lindo.

Figura 41- Eu e o mestre Nêgo Bispo



Fonte: Lorena Noaes, 2022.

Ele contou uma história e, no fim, terminou dizendo que eu era filha dele com Givânia. Eu não sei se o povo que estava lá entendeu o que ele quis dizer, mas eu entendi. Foi uma experiência linda, que eu poderia ter tido fora da academia, mas foi o mestrado que me proporcionou por meio da professora Ana, a quem serei sempre grata. Por meio dela conheci também o Mestre Cica, o Júlio, que faz parte do Coletivo Luta e que me convidou para fazer parte também e, por meio do Luta, conheci o Professor José Carlos dos Anjos, um grande achado na universidade.

Quando trago estes relatos é no sentido de dizer que em todo o caminho que nos propomos a percorrer, sempre encontramos as pessoas certas e necessárias para caminhar conosco na nossa jornada. O medo existe, mas não devemos deixar ele nos paralizar. A vida é uma grata descoberta e sempre encontraremos pessoas de luz para nos guiar em busca dos melhores resultados.

4.10 A última do mestrado e o início do doutorado

Por último, e não menos importante, ainda cursei mais uma disciplina. Eu já tinha os créditos suficientes, esta veio como um adiantamento para o doutorado. Já entrei no mestrado pensando no doutorado e o que eu puder adiantar, assim farei. Eu não sei ainda se dará certo da forma que eu estou pensando, mas não custa nada tentar. A última disciplina desta etapa foi a seguinte:

- ✓ Pensamento Afrodiaspórico/negro contemporâneo

Professores: Fernanda Oliveira Silva (PPGH) e Marcello Felisberto Moraes de Assunção (FACED/ProfHistória).

Figura 42- Última aula da turma



Foto: Fernanda Oliveira, reprodução do Instagram, 2023.

Foi um acontecimento, pois pude ver uma mulher negra e um homem negro a frente de uma disciplina. Para mim, mulher negra, quilombola, foi muito significativo, conforme mostra o poema abaixo:

Conceição das Crioulas

Vou contar uma história
 Preste bastante atenção
 É uma história de luta
 Também teve escravidão
 Isso contam os mais velhos
 Como foi a fundação

Seis negras aqui chegaram
 Até nossa região
 Arrendaram essas terras
 Com a fiação de algodão
 Que vendiam lá em flores
 Produtos feitos à mão
 Conseguiram pagar a dívida
 Por que tinham união
 E assim tiveram posse
 As terras de Conceição

Francisco junto com as negras
 Fizeram uma combinação
 Construíram uma capela
 Para fazer devoção
 Em homenagem a Santa
 E as seis negras lutadoras
 Nomearam as terras
 De Conceição das Crioulas

O que vi, vivi e senti

O que vi, vivi e senti
 Passa por tudo que sou
 Da minha jornada anterior,
 Daquilo que me constitui,
 De tudo que me formou
 E que carrego na bagagem
 Deixando a minha mensagem

Por todo canto que vou.

Assim eu me apresento
Para o trabalho continuar
De mais uma disciplina
E as vivências contar
Do mestrado que estou
Realizado com muito amor
E o meu povo representar.

Falando em representatividade,
É importante pra gente
O nome da disciplina,
Uma ementa diferente
Que traga a minha cara
De dentro para fora
De uma forma insurgente.

Quando digo diferente
É romper o patriarcado,
É trazer mulheres negras,
É fugir do eurocentrado,
Trazendo diversas cores
Mostrando outros valores,
De um mundo diversificado.

É importante registrar
Quem estava à frente a lecionar
Respeito à questão de gênero
É preciso registrar:
Um homem e uma mulher
Onde ela não veio primeiro
Porque ficava difícil rimar.

Outro ponto a destacar
É a negritude representada,
Após seis disciplinas estudadas
Foi a que mais vi minha cor,
Conduzida com muito amor
E também muita habilidade
Sobre diáspora e decolonialidade,
Ensinamentos importantes
Para minha formação relevante
Na nossa contemporaneidade.

Do atlântico negro
À diáspora imaginada

E também decolonizada
O pensamento afrodiaspórico
Estética negra e o periférico
Da filosofia ao cultural
Com a negritude intelectual
Fazendo um momento histórico

O Gilroy para começar
E também o Petrônio Domingues
Marcello Assunção a continuar,
A Fernanda Miranda para somar,
Amailton Azevedo acrescentar,
E a Maria Dolores Rodriguez;
Autores e leituras outras,
Coisas difíceis de se ver
Até o Racionais MCs
Botaram pra gente ler.

E o poderoso Fanon
Sempre a frente do seu tempo,
Trazendo sua realidade
Com base em muito argumento
Deixando uma mensagem forte
Onde nascer com seu recorte
Representa sofrimento.

Na saga do sofrimento
Bonilla vem se somar
E o racismo estrutural
Com Sílvio Almeida a contar
Como pode desse mal
O mundo não se libertar?

Vem o afropessimismo,
Um novo nome assim
De uma discussão antiga
Da nossa dor sem fim
Falando da escravidão,
Que discute abolição
Liberdade? Ainda não há pra mim.

Quando falo de liberdade
E que digo que não há
É porque o preconceito
Parece perpetuar
E o crime do racismo
Quando irá acabar?

Quando seremos livres
De pensamentos e olhares?
Quando a libertação
Chegará aos lugares?
De opressão e sofrimento
Independente da cor?
E o discurso de ódio
Dará espaço ao amor?
Wilderson e Alan Kardec
Contribuem com sua visão
Tarcízio Silva e Faustino
Fazem sua contribuição
Sobre Colonialismo Digital
E a Inteligência Artificial
Enriquecendo a discussão.

Agora é que são elas
Que honra me alimentar
De tão grandes pensadoras
E suas escritas apreciar;
Um alimento nutritivo,
Um verdadeiro incentivo
Para o mestrado continuar.

A Sueli Carneiro
Dispensa apresentação
E a Evaristo então?
Com a sua escrevivência
Dois símbolos de resistência,
Inspiração enquanto mulher
Nelas eu boto fé
São base, chão, essência.

Elas se juntam a outras
Na interseccionalidade,
No pensamento feminista,
Na busca por equidade
De um mundo ideal
Com justiça social
E a verdadeira liberdade.

Discutir a branquitude
Dá uma canseira infeliz,
Eles criam os conceitos
Alimentam os preconceitos
São o mal, como se diz;

Aí lá se vem nós
Desatando todos os nós
Que vem lá da raiz.

E qual é a raiz?
A maldita colonização,
O famigerado eurocentrismo,
Junto com todos os ismos
E a terrível escravidão,
Este mal secular
Que nunca irá nos calar
Na luta por libertação.

Considerações Finais

Chego aos finalmentes
Mas digo que não tem final
De uma história de luta
E de rebeldia ancestral
Acreditando na educação
Para fazer transformação
E chegarmos ao ideal.

Eu paro meu pensamento
Dessa disciplina exemplar.
Almejando um novo tempo
Com esperança no que virá
De um mundo em construção
Para fazer revolução
E a sociedade libertar.

Eu entrego diferente
O fim de um resultado,
Espero que considerem
O meu trabalho rimado
De Conceição das Crioulas
Para as gerações vindouras
Um pouco do meu legado.

Desculpa pelo atraso
Obrigada por esperar!
É que poesia é assim
Inspirar para rimar,
Hoje ela não faltou
Entrego com muito amor
Para este ciclo encerrar.

Um dia eu na UFRGS
 Vou conseguir lecionar,
 Seguindo suas trajetórias
 Dois exemplos de vitória
 Que faz a gente sonhar
 Duas pessoas vencedoras:
 O professor e a professora
 Para a gente se inspirar.

O poema que acabei de apresentar foi o que entreguei como trabalho final da referida disciplina. Dividido em três partes a primeira parte é a *apresentação*, onde eu trago versos sobre o quilombo, a segunda parte, que nomeei de *o que vi, vivi e senti* e aí eu falo das leituras das disciplinas e a terceira parte é onde eu trago as *considerações finais* sobre a disciplina.

4.11 Dissertação: *quem não pode com o pote não pega na rudia*

Sobre o que tu vais escrever? Sobre qual escritor? Com base em qual obra?

Temos na escrita a possibilidade de tornar nossa fala fixada no papel. Somos da fala, não somos do mundo da escrita, o ato de entrar em uma lógica da escrita acadêmica, pertencendo o mundo do falar é dolorido, pois somos obrigados a adequarmos, existe o esforço de enfrentar este desafio, pois o sentimento é de incompetência (Silva, 2019, p. 20).

A escritora acima descreve exatamente o que eu sinto no mundo acadêmico. Eu tinha resposta, mas o que eu dizia parecia não ser o suficiente para quem perguntava, faltava alguma coisa. Eu vou escrever sobre o Quilombo de Conceição das Crioulas. Eu não pesquiso um autor ou autora, eu pesquiso a partir das pessoas mais velhas. A minha obra, o meu livro é o quilombo. Logo percebi que a minha forma de pensar era diferente das demais e comecei a me perguntar se seria possível escrever da forma que eu pensava, que “seja compreensiva, propositalmente, primeiro para dentro e depois para fora do quilombo, por isto a opção por uma escrita falada” (Silva, 2019, p.20).

Se na academia não faltavam perguntas a serem respondidas, a comunidade também me perguntava sobre a academia. Um dia me fizeram a seguinte pergunta: Fabiana, como é tua orientadora? Ah, é a pessoa mais linda do mundo! A figura de linguagem não é por acaso.

Figura 43- A melhor orientadora



Foto: Renan Paulino, 2022.

Sua beleza está no ouvir, no falar, no negociar, no trocar. O mestrado para mim só teria sentido se eu pudesse ser quem sou nos espaços acadêmicos, principalmente na escrita final e isso passa muito pela orientadora. Eu tenho a felicidade de dizer que não tive que deixar de ser quem eu sou em nenhum momento. Nem na dissertação e nem em nenhum momento que estive virtualmente ou presencialmente. Ouvi e fui ouvida, aprendi e penso que repassei algo do que eu sei. Estou quase no fim dessa etapa e aqui destaco alguns pontos aos quais me levaram a dizer que a minha orientadora é linda, sensível, acolhedora e aberta à escuta. O que eu digo sobre ela estende-se a todo o PPG de Letras e principalmente a toda equipe das ações afirmativas que lutou e luta incansavelmente por uma universidade mais inclusiva, acolhedora e plural:

- Consegui, nos trabalhos finais, escrever sobre aspectos variados do meu quilombo;
- Entreguei trabalhos finais em forma de vídeos;
- Não fui impedida de usar as minhas bandeiras de luta;
- Pude escrever a dissertação sobre o quilombo, em primeira pessoa e levando

também a voz das pessoas mais velhas;

- O último capítulo da minha dissertação será também em forma de vídeo;
- Na composição da minha banca terá uma liderança quilombola;
- A minha banca será no quilombo, pois se podemos sair da comunidade para a universidade, a universidade pode sair da cidade e vir até o quilombo.

Eu acredito no aprender, desaprender, reaprender. Aprendi com autores e obras potentes como a Lilian Rocha e Jeferson Tenório e tantas e tantos me deram a mão e que caminharam comigo nesta minha trajetória. Eu acredito na construção, desconstrução, reconstrução. Eu acredito no diálogo, na escuta atenta e na mudança. “Superioridade? Inferioridade? Por que não tentar simplesmente tocar o outro, sentir o outro, revelar-me no outro? Minha liberdade não me foi dada afinal para construir o mundo do *Você?*” (Fanon, 2020, p. 242).

Ser a primeira quilombola no PPG da Letras, pesa e aumenta a responsabilidade diante dos desafios. Desistir nunca esteve entre as minhas escolhas. Quando eu desisto, o quilombo desiste comigo. Quando eu sigo, o quilombo me acompanha. Não só o quilombo de Conceição das Crioulas, mas todos os quilombos, com suas lutas e resistências, principalmente a luta das mulheres quilombolas, como eu.

Figura 44- Levando nossas histórias para a universidade



Fotos: Renan Paulino, 2022.

4.12 O meu *Porto* mais *Alegre*

Encontrei, por meio do mestrado, além de professoras incríveis, colegas, amigos, irmãs e irmãos. Não poderia deixar de citar o parente indígena Onório. Se eu sou a primeira quilombola mestranda nas Letras, ele foi o primeiro indígena. Em nome de Ibrahima, Renan, Diego, Yuri, Fernando, Ewerton, Flávia, Isabela, agradeço à turma do Rolê de Quinta, uma irmandade que se formou e que nos sustentava e acolhia. Cristina, Karol e Karina também fazem parte do rolê e, inclusive, o grupo foi criado pela Cris. Deixei-as à parte porque junto com a Cris e idealizado por ela, criamos o Grupo de Estudos Literatura de Mulheres Negras e quem + vier.

Figura 45- Grupo de Estudos



Fonte: Cartaz feito por Cristina Tonial, 2023.

É um espaço de trocas, partilhas e reflexões sobre o que pesquisamos e acima de tudo, sobre o que somos. Juntou-se a nós mais uma, para somar na organização, que foi a Suellen. Não posso deixar de mencionar que fui colega de turma da grande escritora gaúcha Ana dos Santos com quem desenvolvi uma relação de afeto e sororidade.

Então, como não gostar de Porto Alegre? Como não gostar da UFRGS? Era a pergunta que mais ouvia nos Ubers, nas turmas, de todes: E aí, tá gostando? Eu respondo em forma de poema:

O meu Porto mais Alegre

A minha Porto Alegre
É a que me faz feliz,
Aquele do Mestre Cica
E sua sabedoria ancestral,
De José Carlos dos Anjos
O sociólogo genial.

De Oliveira Silveira,
O poeta revolucionário,
Do Sopapo Poético,
Um coletivo libertário.

Dos Lanceiros Negros
E a história de resistência,
Da Bancada Negra,
Políticos por excelência.

Dos Quilombos Urbanos,
Resistir para existir,
Da palestra com a Nilma,
Da grande Petronilha,
Grandes nomes trago aqui;
Ana dos Santos pra completar,
Lílian Rocha pra fechar
Com esperança no porvir.

A Porto Alegre do Slam,
Espaço de resistência,
Que através da poesia
Trazem sua experiência;
Fazem a revolução
E também transformação
Foi pra mim uma referência.

E por falar em referência,
O que da Bancada Negra falar?
Eu não tenho nem palavras
Pra esse povo apresentar;
Eles não são o amanhã,
Me inspiro nessa gente,
De todos eu sou fã
Fazem história no presente.

Se tem outra Porto Alegre,
Eu não quero mencionar;
Se tem outra Porto Alegre,

É esta que vou exaltar;
Aquela que me representa,
A Porto Alegre que me sustenta,
Pra onde sempre irei voltar.

A Porto Alegre dos atos
Contra todos os preconceitos,
Oposição ao racismo,
Que acredita que esse mundo tem jeito;
Que luta contra a escravização,
E com punhos cerrados levantam a mão
Pedindo justiça, equidade e respeito.

Se eu gosto de Porto Alegre?
Sim, eu gosto dessa aí,
Dessa que apresentei,
Pra essa sempre vou querer ir;
A Porto Alegre dos meus sonhos
A que pra sempre carregarei aqui.

Quando encerrei a parte onde falei da dissertação, já parecia o fim. Como não acredito no fim, minha fala escrita chega exatamente no que eu acredito: começo, meio, começo. Eu comecei falando de dentro e volto a falar de dentro. Estamos em um círculo e me despeço das vivências e experiências deste capítulo em Porto Alegre, para chegar em nossa oralessência.

ORALESSÊNCIA: O QUE É DA ANCESTRALIDADE NÃO MORRE



Fonte: THE WSS, 2023



Fogo!... Queimaram Palmares, nasceu Canudos.

Fogo!... Queimaram Canudos, nasceu Caldeirões.

Fogo!... Queimaram Caldeirões, nasceu Pau de Colher.

Fogo!... Queimaram Pau de Colher... E nasceram, e nascerão tantas outras comunidades que os vão cansar se continuarem queimando. Porque mesmo que queimem a escrita, não queimarão a oralidade. Mesmo que queimem os símbolos, não queimarão os significados. Mesmo queimando o nosso povo, não queimarão a ancestralidade.

(Nêgo Bispo ou Antônio Bispo dos Santos – Quilombo Saco – Curtume em São João do Piauí/PI)

Minha intenção neste capítulo é fazer com que vocês conheçam um pouco mais das histórias do quilombo por meio das 11 bonecas vivas do caroá. Como já disse anteriormente, oralessência foi a palavra que achei que mais se aproxima do que poderia ser a transmissão da oralidade. Oralessência, para mim, é a essência da oralidade. A forma como nossas mestras repassam o conhecimento chamei de oralidade.

5.1 Nossas Mestras Tradicionais

Nossas histórias são repassadas de geração em geração, por meio da oralidade, pelas pessoas mais velhas. Contamos o que os mais velhos nos contaram. A oralidade é o que temos de mais forte, um elemento nosso e que está na nossa ancestralidade.

Conceição das Crioulas tem, desde seu surgimento, o protagonismo das mulheres. Isso é inegável até os dias atuais, e continua de forma natural. As mulheres se destacam em vários segmentos e ofícios.

Um exemplo dessa herança matriarcal são as bonecas vivas que fazem parte do artesanato quilombola. São onze mulheres que, por conta dos seus saberes próprios, trazem consigo a responsabilidade e a honra de representar a diversidade das mulheres crioulas. Tais saberes ratificam que:

Os saberes das pessoas mais velhas e os conhecimentos construídos em sintonia com a nossa ancestralidade é o que mantém viva a nossa história. Esses saberes são fortalecidos e valorizados tornando-se fundamentais para a ressignificação de outros conhecimentos repassados pela escola formal (Projeto Político Pedagógico de Conceição das Crioulas 2014/2015, p. 17).

Nossas mestras tradicionais nem sempre dominam a leitura e a escrita, mas são detentoras de ciências que garantiram e garantem a sobrevivência do nosso povo. As bonecas vivas são onze mulheres da comunidade, algumas ainda vivas – por isso este nome, e outras que não estão mais entre nós fisicamente, no entanto, seus ensinamentos se eternizaram e são repassados.

Escolhidas de forma coletiva, elas representam os mais diversos segmentos. A matéria prima para a confecção das bonecas é o caroá, planta nativa da caatinga. Após retirar o caroá da natureza, bate-se, tira-se a fibra e, então, fazemos a boneca.

É um processo trabalhoso e delicado. As bonecas não são simplesmente mais um artesanato, mas, assim como os demais produtos, são responsáveis por contar e levar a história da comunidade para o mundo.

5.1.1 FRANCISCA FERREIRA: A QUE ABRE CAMINHOS

Figura 47- Boneca Francisca Ferreira



Fonte: Acervo do artista THE WSS ,2022.

Contam os mais velhos que Francisca Ferreira foi uma das seis mulheres negras que deram origem ao povo de Conceição das Crioulas.

Andrelino Negão, que ancestralizou, era um exímio contador da nossa história de origem e conseguia fazer a árvore genealógica do nosso povo desde as seis negras até os dias atuais. De acordo com os registros advindos da oralidade, as seis negras se chamavam: Francisca Ferreira, Mendencha Ferreira, Germana Ferreira, Francisca Presidente, Francisca Macário e Romana. O PPP – Projeto Político Pedagógico de Conceição das Crioulas nos diz ainda que:

Além destas seis mulheres, há outros nomes presentes na lembrança da comunidade como Maria Solano, Izabel Coração, Antonia Carneiro. Por se tratar de uma história antiga e guardada através da oralidade, cremos que provavelmente outros nomes se perderam ao longo da história ou foram ocultados estrategicamente (2014/2015, p. 03).

Aqui, Francisca Ferreira é o símbolo dessa conquista inicial do território que, conforme diz o livro *Nosso Território Conceição das Crioulas*, “Contam os mais velhos” e vai passando de geração em geração.

Figura 48- Igreja de Nossa Senhora da Conceição



Foto: Fábria Oliveira, 2023.

Conversando com Graça Mendes, mulher negra, quilombola, agricultora, dançarina do Trancelim e representante das tradições religiosas católicas, a igreja é praticamente no mesmo local de onde foi construída pela primeira vez, como pagamento da promessa para que as seis negras conseguissem comprar o Território Quilombola de Conceição das Crioulas. O que ela conta, aprendeu ouvindo seu pai falar, o lendário Totô.

Figura 49- Graça Mendes contando sobre a história de origem



Foto: Fábria Oliveira, 2023

5.1.2 MÃE MAGÁ: A QUE TRAZ NOSSAS SEMENTES AO MUNDO

Figura 50- Boneca Mãe Magá (Margarida)



Fonte: Acervo do artista THE WSS, 2022.

Mãe Magá era uma mulher a serviço do seu povo. Parteira das mais respeitadas na história de Conceição, ela ficou conhecida como a “mãe de todos”.

As parteiras são pessoas de grande importância para a comunidade, são mulheres que receberam o dom de ajudar as crianças a virem ao mundo e possuem saberes importantes sobre o nascimento e a vida. Ajudam nas necessidades das mulheres no processo do parto, que ao aproximar o dia do nascimento do nenê, orientam a tomar muitos banhos, chás e defumadores de plantas naturais, tudo isso para facilitar o parto (Projeto Político Pedagógico de Conceição das Crioulas, p. 10)

Representando essa tradição temos Mãe Joana, 73 anos, que como ela diz já pegou mais de mil crianças e, pelas suas mãos, vieram ao mundo uma “reca de menino”.

Figura 51- Mãe Joana parteira



Foto: Fábria Oliveira, 2023.

Sua filha, Lia, 35 anos, também já fez um parto, e se precisar, está a postos para exercer a função que aprendeu de ver e ouvir sua mãe.

Figura 52- Filha de parteira, parteira é



Foto: Fábila Oliveira, 2023.

Lia conta que quando sua cunhada, Luzia, começou a sentir as dores do parto, se organizaram para irem para o hospital em Salgueiro. Em casos assim, por vezes, as mulheres se sentem mais seguras indo acompanhadas por uma parteira, neste caso, foram Mãe Joana e Lia. Em determinado trecho da estrada, as dores aumentaram e era preciso realizar o parto ali mesmo. Foi aí que Lia, orientada por sua mãe, Joana, fez seu primeiro parto. Ela ajudou a vir ao mundo o seu sobrinho Wesley, que hoje tem 15 anos.

Figura 53- Luzia e seu filho



Foto: Fábila Oliveira, 2023.

Trago o registro de mulheres, mas é importante dizer que é um ofício que os homens também faziam, a exemplo de Bevenuto Simão de Oliveira, ou Pai Nuto, como também era chamado.

Temos também outros nomes de pessoas, e geralmente, em cada sítio ou comunidade temos nomes de pessoas que foram ou são referência. No Mulungu quem não lembra da saudosa Maria de Lourdes, Tia Lourdes ou Mãe Lourdes? Judite ou Tia Judite também faz parte deste seleto grupo. Aqui na Vila Centro aparecem também os nomes de Flora e Maria de Isaura. Na Vila União, além de Mãe Joana e Lia, citadas anteriormente, cito ainda Auxiliadora. Do Sítio Paula temos, além de Pai Nuto, Mãe Júlia, que inclusive, veio antes de Bevenuto e que exerceram a atividade juntos. Mãe Júlia era a mãe da nossa grande liderança Déca.

Muitos nomes não estão aqui, e em nome dessas pessoas homenageio e presto reverência a cada uma e cada um que foram e são responsáveis por trazer ao mundo, de fazer nascer nossas sementes, filhos e filhas de Conceição das Crioulas.

5.1.3 JÚLIA: A QUE TRANSFORMA FIBRA EM ARTE

Figura 54- Boneca Júlia



Fonte: Acervo do artista THE WSS, 2022.

Júlia foi uma das artesãs mais importantes na arte do caroá e, por sua persistência, garantiu a transmissão desse saber tradicional para os mais jovens da comunidade.

Uma grande referência que temos na comunidade e que seguiu seus passos, foi a sua filha, Mestra Chiquinha. Com seu jeito simples e de fala mansa, leva adiante com maestria a tradição da família. Mulher de poucas palavras, jeito tímido, característico de toda a família, mas que não impede de praticar e repassar o conhecimento adquirido para outras pessoas.

Assim é no dia a dia e também em atividades com pessoas de outras localidades, como acontece no Encontro com as Artes, as Lutas, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, onde a Mestra Chiquinha, juntamente com outras pessoas que desenvolvem a mesma arte, sãoicineiras, mostrando desde o processo de ir ao mato tirar o caroá, tirar a fibra, tingir até ficar da forma apropriada para fazer a boneca.

Figura 55- Mestra Chiquinha



Fonte: Maria Macêdo, 2019.

Representando uma geração mais nova, temos Cirlene, uma de suas netas que, juntamente com suas irmãs, levam adiante a arte de fazer as bonecas do caroá. Cirlene e Evânia são artesãs, que quando necessário, também se tornam oficineiras.

5.1.4 ANTÔNIA: ENTRE OS FIOS DO ALGODÃO

Figura 56- Boneca Antônia



Fonte: Acervo do artista THE WSS, 2022.

Antônia era uma mulher de personalidade forte e habilidosa fiandeira de algodão, tradição deixada pelas seis negras que fundaram a comunidade.

A arte de fiar algodão hoje já não é tão praticada. Temos Liosa que ainda desenvolve o ofício e, vai não vai, encontramos um fuso na casa das pessoas mais velhas, indício que alguém daquela casa, em algum momento, esteve a fiar. Antônia gostava de ir para as novenas e tinha como fiel companheira Madrinha Lourdes, a quem tinha como irmã.

Figura 57- Fuso usado para fiar algodão



Foto: Wédson Atikum, 2023.

5.1.5 MADRINHA LURDES: A ARTE QUE VEM DO BARRO

Figura 58- Boneca Madrinha Lurdes



Fonte: Acervo do artista THE WSS, 2022.

Madrinha Lurdes era uma das ceramistas mais antigas da comunidade, muito respeitada pelo seu trabalho na confecção de louças de barro.

Era parteira e eu costumo dizer que quem faz parto é também rezadeira. Porém o seu destaque é para com o barro. Cresci vendo Tia Lourdes fazer utensílios de barro em um pequeno quarto em sua casa, reservado apenas para aquela atividade. Se eu fechar os olhos ainda consigo sentir o cheiro do barro, ver seus delicados cuidados em fazer cada peça e o amor que empregava naquele ofício.

5.1.6 ANA BELO: ENTRE A FIAÇÃO E A DEVOÇÃO

Figura 59- Boneca Ana Belo



Fonte: Acervo do artista THE WSS, 2022.

Ana Belo foi uma das artesãs que mantinham viva a atividade mais antiga de Conceição: a arte de fiar o algodão.

Além de fiar, Ana Belo também fazia peças de caroá, como corda, saco e borná e também fazia utensílios de barro, arte que até hoje sua filha, Mãe Dina e sua neta Maria dos Santos, levam adiante. Devota de Nossa Senhora da Conceição, acreditava que pela luta e pela fé a comunidade seguiria o território de volta.

5.1.7 GENEROSA: G DE GENEROSIDADE

Figura 60- Boneca Generosa



Fonte: Acervo do artista THE WSS, 2022.

Generosa é uma mulher de grande importância no processo de organização do seu povo, ela é também educadora popular. Sua personalidade muito tem a ver com o seu nome e sua generosidade lhe levou a fazer parte de vários enfrentamentos na comunidade.

Meu nome completo é Generosa Ana da Conceição, meus anos já estão bem avançados, eu nasci na faixa de 1945 pra cá. Sempre me dediquei à agricultura porque pai durou pouco tempo e só ficamos com mãe. Então a mãe era o pai e a mãe podemos dizer isso porque realmente foi ela quem... nós era pequeno e eu principalmente não tinha quase nem sequer o entendimento do que deveria ser. Então através dos tempos foi que a gente foi passando, foi começado a quererem saber como aconteceria, como foi, porque aí a gente ficou, né eu me dediquei a dá a minha palavra porque realmente eu só tinha mãe e não tinha pai. E aí a vida continuou, nunca paramos de trabalhar. Eu comecei a trabalhar muito nova também porque das filhas de mãe eu era a mais velha e então, para ajudar ela eu me dediquei a trabalhar na roça. Parei da roça e fui para a escola porque na

escola estava uma necessidade grande aí eu deixei mais o serviço da roça e fiquei com a escola, então fui trabalhar com a criançada na escola José Nêu de Carvalho. Me chamaram para lá e eu fui, eu nunca pude negar a minha palavra, eu era enxada, chamava eu já estava lá porque realmente eu não tinha outra coisa a fazer, né? Eu trabalhava na roça, na escola e na igreja. Eles (as crianças) estavam na escola e da escola eu convidava eles estarem lá comigo na igreja. Eu ensinava o que fosse necessário que eles diziam que não sabiam eu ia ensinando para eles levantarem mais a vista e foi assim. Nós não tinha casa, nós morava era sei lá, as casinhas cobertas de palha e aí tinha lugar que o povo descuidava e tocava fogo nas palhas e saia queimando tudo e aí me deu uma tristeza e me deu uma dor por dentro que aquilo ali não era para que acontecesse isso com a comunidade que a comunidade era grande, era muita gente e a gente via o sofrimento deles. Nós não tinha casa que não tinha mesmo, as casas de nós era um chibunguinho de barro coberta de palha não era nem telha, era palha. Qualquer coisinha passava um fogo pegava fogo na casa e saia queimando tudo. Era um sacrifício, um sofrimento. Aí Dona Creuza mandou me chamar aí eu fui lá ... Generosa, eu queria saber como é que você vê o caso de Conceição das Crioulas com a juventude, com as crianças, aí eu fui contar para ela... a história é comprida demais, se for começar lá do começo roda para ficar doida. Aí eu fiz isso, fomos trabalhar, eu sei que mexia aqui mexia acolá, quando pensamos que não, fizemos as casas. Eu digo eu gostaria e gosto até hoje ainda gosto do que a gente fazia e a gente ainda pode continuar fazendo se tiver a precisão a gente ainda continua fazendo e eu me sinto feliz com isso (Generosa Ana da Conceição, entrevista concedida em 13/08/2023).

Figura 61- Generosa**Fotos: Fábيا Oliveira, 2023.**

5.1.8 JOSEFA: A QUE SE BOTA PARA FAZER

Figura 62- Boneca Josefa



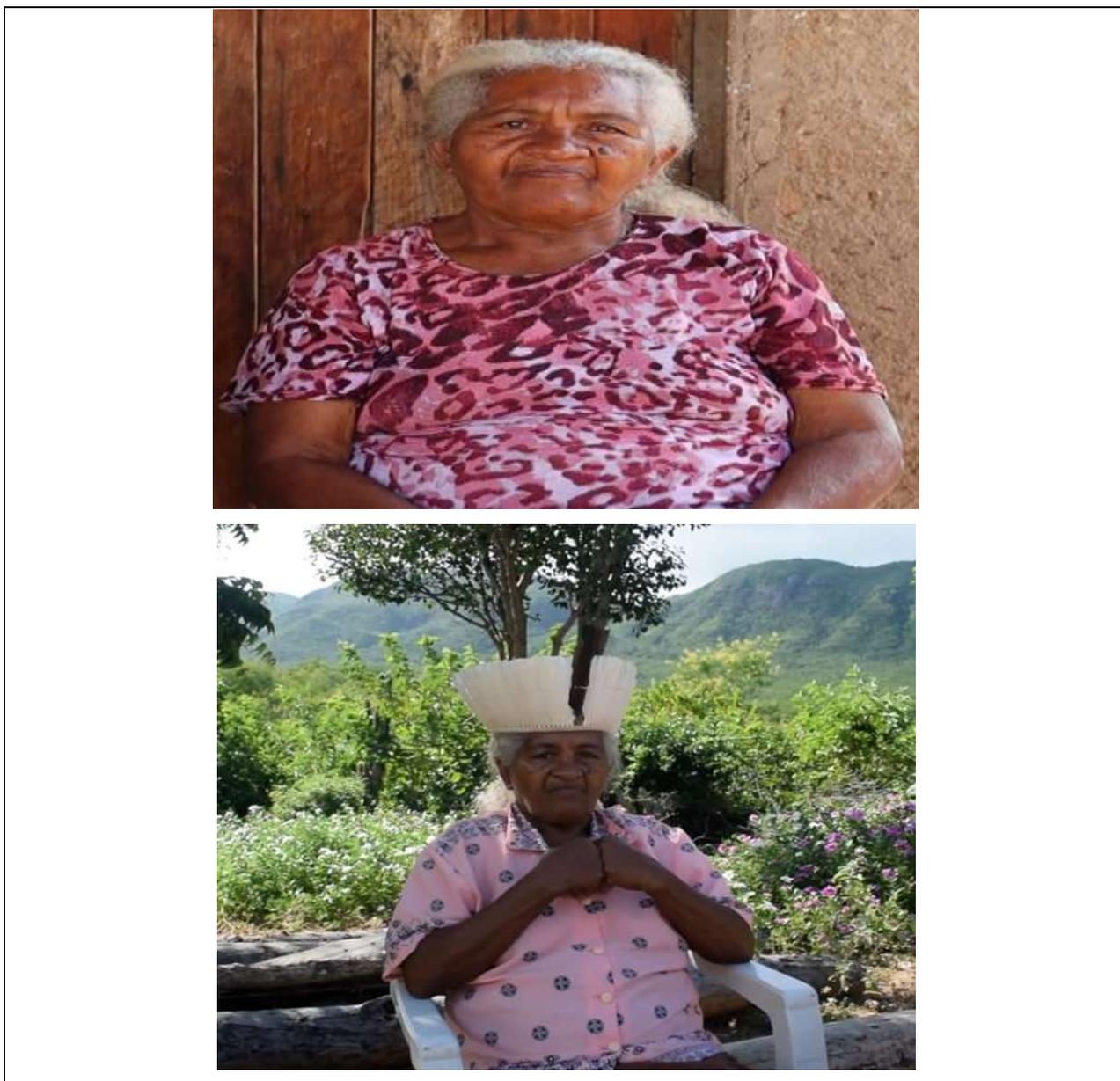
Fonte: Acervo do artista THE WSS,2022.

É artesã da palha do catolé e produz principalmente esteiras, produto muito utilizado pelos antepassados como cama.

Primeiro, bom dia eu sou Josefa Maria da Silva, moro aqui na Aldeia Garrote Morto a 74 anos, na casa do 5. A minha profissão, está com essa temporada toda que eu moro aqui na Aldeia Garrote Morto e a minha profissão é trabalhar na roça. Hoje, agora, eu já estou ficando cansada, já cansei, vou na roça, ainda faço alguma coisa, mas o que eu já fiz a coragem não dá mais para eu fazer, mas eu ainda vou na roça fazer alguma coisa. Eu dou muito valor à palavra agricultor porque foi isso que minha mãe me criou, dessa forma e eu criei meus filhos e hoje eu digo a meus netos que se interesse primeiramente estudar porque a pessoa sem estudar ele não é ninguém não, de jeito nenhum. No meu gosto, no meu haver eu queria que eles tivessem tudo formado porque eu dei toda liberdade. Nós vamos para a roça, mas a chance de vocês estudarem para o futuro de vocês eu estou dando. Não quero vocês só para pegarem em uma enxada não. Mas mesmo assim, eu fico muito satisfeita com a arte que eles trabalham. Então é isso que nos meus 74 anos eu dou muito valor à agricultura, primeiro é a roça, a gente tem que ir na roça porque a gente precisa da alimentação da roça e se não fizer o meio, como é que vem? Foi isso que minha mãe me ensinou e eu passei para eles. Mas a escola e o estudo, esse também é o principal para poder a pessoa ser um cidadão e uma cidadã, então é bem por aí. Eu moro aqui aos meus 74 anos e aí quando fui criando mais conhecimento com as leis aí a minha identidade é indígena. Não é discriminando os quilombolas porque é tudo uma corrente só, mas aí a gente não se nega, enquanto eu puder falar uma coisa que tenha grande importância a gente tá aqui para se ajudar, mas é dessa forma, indígena. Eu sou agricultora e trabalhei muito na roça, mas eu ainda tinha um tempinho, deu ir na serra tirar umas palhas para fazer esteira, que eu aprendi com mãe. Eu via mãe fazer aquelas esteiras e eu tinha vontade de aprender, mas ficava enlinhando a palha, eu não acertava, ia chorar até que eu

aprendi. Gosto muito de participar dos movimentos, só se por acaso não der certo, mas eu gosto de participar e incentivar o meu povo a participar também, porque para a gente ser cidadão e a gente conhecer um pouco das leis, que não seja tudo, a gente tem que participar, ir para a associação para ouvir e também aprender a dizer alguma coisa e saber o que são os direitos da gente porque se a gente não participar, a gente não sabe principalmente quem é da zona rural. Até hoje eu vou para a associação e sou em dia com meus direitos. O que eu tenho a dizer sobre esse símbolo (a boneca), cada pessoa naquele tempo ali que a gente se empenhou e era aquela animação cada um que sabia fazer uma arte, isso era a arte do caroá, era a arte da palha, a imbira, o barro, foram muitas... aquilo era um lazer, isso era muito importante, cada quem trabalhando que nem umas formigas e aí é... é muito importante. Eu lembro desse dia dessas bonecas que João Alfredo chegou, juntou um bucado de senhoras, fazia as bonecas e cada boneca um nome, aí eu concordei e está aí a história. Quando eu não existir mais tem essa história gravada, então estamos aqui. Cada um que participou tem uma coisa a dizer, a contar desse tempo. Foi muito bom, foi um sucesso e tá aí a lembrança das agricultoras e trabalhadoras da palha, do caroá, uma coisa e outra e fica aí a recordação para a gente lembrar que muitas já não existem mais, mas tudo isso é uma lembrança em um tempo também que a pessoa tirava para sair de dentro de casa para fazer alguma coisa em algum lugar, uma parte coletiva (Josefa Maria da Silva, entrevista concedida em 11/06/2023).

Figura 63- Josefa



Fonte: Fotos THE WSS, 2023; Moisés Oliveira, 2022.

5.1.9 VALDECI: A GUERREIRA

Figura 64- Boneca Valdeci



Fonte: Acervo do artista THE WSS, 2022.

Ela é boneca faceira
E tem bastante saber
Sua história é Crioulas
Uma homenagem a merecer
Como não dá pra dizer tudo
Venha aqui conhecer.
(MÁRCIA NASCIMENTO, 2022)

Então, é um prazer muito grande viu, fazer parte desse trabalho tão importante, não só para você, mas para todos nós da comunidade. Meu nome é Valdeci Maria da Silva Oliveira, sou quilombola de Conceição das Crioulas, sempre fui agricultora, né. Sou também artesã, sempre trabalhei com a fibra de caroá, considero o meu trabalho não só um trabalho lucrativo, mas também, trabalho de terapia, de ocupação na minha cabeça, na minha mente, na minha vida. Gosto muito de trabalhar com artesanato, mas também com a história da minha comunidade. Então, a boneca Valdeci, nós temos as 11 mulheres homenageadas na comunidade. Eu sou homenageada, por ser liderança feminina, feminista, né? Trabalho com as mulheres, né, e esse trabalho que eu tenho enquanto mulher, enquanto liderança mulher, é, é fruto de muita força, mas também tem muito sofrimento né, fui uma mulher muito violentada, né? Enquanto meu primeiro marido, mas depois eu comecei a participar do movimento e vi que não era só eu, né? Então precisava aquilo que eu tenha vivido, precisava me fortalecer e fortalecer outras mulheres. Então, me tomei uma liderança mulher de articular, de chamar, de levar tantas outras mulheres para encontrar o mundo lá fora, porque quando a pessoa é violentada, acha que só você passa por isso, né? Então, como eu sofri não queria isso para mim, eu também me sentia na responsabilidade de ajudar outras mulheres. Então eu costumo dizer que não sou eu só, Valdecir, acho que eu sozinha não seria quem eu sou, né? Eu só sou a mulher fortaleza que as pessoas acham, que eu tenho um grupo de mulheres junto de mim, então isso me fortalece e fortalece as outras, né? Então eu não tô falando por mim, tô falando por outras, né? Então eu fui, eu fui homenageada enquanto mulher, movimento de mulher trabalhadora rural, movimento do sindicato, do movimento da Associação Quilombolas de Conceição das Crioulas. Eu costumo dizer que cada uma de nós de Conceição das Crioulas tem o sangue de Francisca Ferreira vivo dentro da nossas veias e enfrentando e, lutando, mas também conquistando, né? Que é por isso que nós estamos aqui, é por isso que nós estamos aqui, porque aquele grupo de mulheres, né? Elas também sofreram né? E para hoje nós dá continuidade a essa luta. Eu sou mulher, negra, quilombola, de Conceição das Crioulas. Eu acho, Fabiana, para novas gerações, eu acho que todos os materiais, que a gente trabalha, principalmente hoje você que tá trabalhando, na, na sua dissertação, que esse trabalho ele seja repassado daqui a uma semana, daqui um mês, e daqui a um ano, daqui a 10 anos, que ele seja repassado, também para outras pessoas, né? Porque o tempo passa e, você pensa, você vai imaginar, que toda vida foi daquele jeito, né? Então, hoje eu posso tá aqui contando a sua, contando a história, daqui a uns cinquenta (50) anos, né? Pode ser que eu não esteja. Mas, a história continua. Então, a gente precisa fazer esse caminho, nunca pode deixar, achar que a pessoa chegou e já começou daqui, porque eu costumo dizer, que a gente só é nós, se nós tiver raiz, se nós só tiver galho, e folha, algum momento nós vamos se perder, nós não vamos saber quem era que tinha, quem foi que fez, quem foi que lutou, de onde foi que a gente veio, e então a gente fica muito frágil, né? O galho sem raiz, ela não vai pra canto nenhum, ela vai murchar, em algum momento, ela tá bonitinha, mas algum momento ela vai perder, né? Então precisa, essa raiz, essa história, esse, de tantas outras pessoas, né? Como eu hoje me referencio a Francisca Ferreira, né? Então tem muitas outras para gente estar contando essa história, e que ela não pare. Acho que é isso. (Valdeci Maria da Silva Oliveira, entrevista concedida em 14/05/2023).

Figura 65- Valdeci



Foto: THE WSS, 2023.

5.1.10 LIOSA: GUARDIÃ DAS HISTÓRIAS ORAIS

Figura 66- Liosa (Emília)



Fonte: Acervo do artista THE WSS, 2022.

Liosa é uma das mulheres que mantém viva a história e a tradição de Conceição das Crioulas.

Se hoje sabemos a história de origem de Conceição das Crioulas, Dona Liosa foi e é até hoje fonte viva de transmissão dessa narrativa e de tantas outras histórias do quilombo. Teve o direito aos estudos negado pela falta de políticas públicas que possibilitassem escolas do Fundamental II e Ensino Médio no quilombo, ausência que não atrapalhou em nada o seu dom nato de uma exímia contadora de histórias: os livros estão na sua mente. Representando a oralidade, ela conta, apontando aqui e acolá, marcos territoriais e pontos de referências que verificam a veracidade da sua fala.

Figura 67- Mestra Liosa e a oralidade



Fonte: Aparecida Mendes, 2019.

Quando a comunidade conquista escola que possibilite a continuidade de seus estudos, ela faz o Ensino Fundamental e, de acordo com os avanços da Educação Básica no quilombo, ela também avança e conclui o Ensino Médio. Sua idade não foi empecilho, as atividades do dia, pois o ensino era à noite, não foi empecilho, a distância que tinha que percorrer, que era aproximadamente 5 quilômetros, em um pau de arara, não foi empecilho.

5.1.11 LOURDINHA: O PATRIMÔNIO VIVO

Figura 68- Boneca Lurdinha



Fonte: Acervo do artista THE WSS, 2022.

Lurdinha é professora e artesã, ela é conhecida na comunidade por valorizar a beleza da mulher negra.

Então, eu sou Lurdinha, sou daqui mesmo do Quilombo de Conceição das Crioulas, sou artesã, sou agricultura orgânica familiar, é, sou vó, sou mãe, tenho cinquenta e cinco (55) anos, sou dessa localidade desde que nasci, a minha identidade é Quilombola, e acho que é isso né? Gosto muito de, por onde eu ando, divulgar não só minha pessoa, mas também divulgar o meu Quilombo, com muito orgulho de pertencer a esse povo de Conceição das Crioulas. Então, para mim é uma honra muito grande, ter sido escolhida pela comunidade e representar quem eu represento, eu gosto sempre também de tá falando de Lurdinha, e em Lurdinha, e com Lurdinha, né? É, e aqui eu gosto sempre de fazer a leitura, né? É, “Lurdinha, professora e artesã, conhecida na comunidade por valorizar a beleza da mulher negra, como professora contribui para o fortalecimento de seus

alunos, enfatizando o saber dos mais velhos e a história de luta de seu povo. Como artesã contribui para a manutenção da cultura tradicional expressa no trabalho com a fibra de caroá”. E aí, uma das coisas mais importantes que eu acho, é, em relação a isso, é que partiu através da educação, né? Foi feito através de uma pesquisa com uma pessoa que é da cidade de Salgueiro, que veio fazer seu TCC, é, e que pedia uma atividade que desenvolvesse, e que gerasse renda, então, é, foi feito o trabalho com outras coisas de caroá, e no ano seguinte, que foi em dois mil e dois (2002), aí foi escolhido a boneca Lurdinha, é, falando da minha pessoa né? É, já por ser esse penteado, eu tenho esse penteado, e a pessoa dizia “Eita Lurdinha, parece uma bonequinha”. Então, foi uma das inspiradoras, né? É, através desse penteado que eu já tinha. Uma das que eu honro muito, é a mais velha, e fico orgulhosa que eu sou a mais nova também pela idade, a boneca Lurdinha, que a mais velha é a Francisca Ferreira, então, é, eu trago isso muito forte na questão da educação, porque, para fortalecer a nossa comunidade, para fortalecer a educação, eu sou uma das mulheres que representa todo o processo da educação na comunidade quilombola, onde as professoras trabalham, e professores trabalham, a questão do se auto identificar, do se gostar, de você ter o seu cabelo do jeito que você gosta que seja, né? Então, trabalhar a questão da autoestima, é uma das coisas que a gente trabalha na comunidade e, eu sempre fiz isso na sala de aula, da gente tá se gostando, né? Porque é uma das coisas que eu sofri muito, foi pela questão do cabelo, a sociedade quando a minha estima era lá embaixo, eu queria, é, responder a sociedade como a sociedade dizia que eu tinha que ser, era com os cabelo liso, né, e aí eu sofri muito, é, colocando quelisa, colocando produtos muito forte, que danificou realmente o couro cabeludo, sofri bastante e, hoje eu vejo com muita alegria, pessoas na comunidade utilizando o cabelo bem alto, utilizando o cabelo como de Fabiana, que é porque ela quer usar desse jeito, não tá agredindo o cabelo dela, para ela fazer isso, e outras pessoas também da comunidade que faz isso, né? Temos muitas meninas novinhas, que hoje, elas não precisam sofrer, o tanto que eu sofri, com os produtos químicos, né? Que, que você faz, que si faz sofrer, né? Então, eu agradeço demais, e sou honrada por isso, né? Me sinto muito honrada. Eu penso que, que nós na comunidade, é, nós já avançamos muito, a gente ainda tem muito avançar, mas pela questão das nossas lutas que não são poucas, são vários tipos de lutas que a gente tem na comunidade, para que a sociedade nos veja, para que os governos nos vejam. Eu sempre tenho dito assim, “nós temos tanta melanina e, ainda somos invisíveis”,[...] [...]é por isso que eu tenho muito orgulho de Conceição das Crioulas, que a gente salta, a gente quebra essas grades, e vamos atrás de pessoas mais velhas para a gente ter um debate com elas e trazer isso para dentro da sala de aula, a gente não fica apenas entre quatro paredes, a gente tá sempre buscando isso fortemente na nossa comunidade e, eu vejo isso como uma fortaleza, né? [...] Então, eu agradeço demais o território quilombola, tipo na pessoa da AQCC, né? Na pessoa jurídica da AQCC, é, pertencer a esse quilombo é uma coisa muito boa, pertencer ao território e, está utilizando três hectares desse território, é muito maravilhoso (Maria de Lourdes da Silva, entrevista concedida em 13/05/2023).

Figura 69- Lourdinha



Foto: THE WSS, 2023.

5.2. Educação quilombola e educação escolar quilombola

Lourdinha é o que eu chamo de patrimônio vivo. Ela representa as professoras e todo o processo de luta e conquista da educação escolar quilombola. Quando a comunidade conseguiu, enfim, a escola de Ensino Fundamental, a Escola Municipal Quilombola Professor José Mendes, Lourdinha foi uma das primeiras pessoas da comunidade a ser professora em um processo de retomada na luta pela educação específica, onde não bastava apenas ter escola, mas os professores e professoras tinham que ser da própria comunidade.

A educação quilombola é a que aprendemos com os nossos mais velhos e mais velhas. São os saberes que são repassados de geração em geração por meio da oralidade e que chamamos de Saberes e Conhecimentos Próprios.

A essa forma de educação chamamos de pedagogia crioula. Sobre esse termo Nascimento (2017) diz que: “A pedagogia crioula, termo criado nas oficinas de revisitação do PPP, se desenvolve embasada no pensamento de uma educação escolar que se firma no fortalecimento da história e da identidade do povo de Conceição das Crioulas” (p.111). Trago ainda a definição de acordo com o PPP das escolas quilombolas:

A pedagogia crioula se desenvolve a partir da ideia de uma educação escolar que se baseia no fortalecimento da história e da identidade do povo de Conceição das Crioulas. Nessa perspectiva, se articula com questões simbólicas e culturais que são presentes no seio da comunidade e que expressam resistência ao sistema colonizador ao qual fomos impostos (Projeto Político Pedagógico de Conceição das Crioulas, 2014, 2015, p. 18).

Já a educação escolar quilombola é aquela ofertada pelo Estado, com sua estrutura e seus meios. São os prédios das escolas formais e os livros didáticos, por exemplo. As duas formas de educação são necessárias, se complementam e fortalecem o nosso povo na busca de melhores condições de vida para o nosso povo.

Temos quatro escolas quilombolas em nosso território: Escola Municipal Quilombola José Nêu de Carvalho e Bevenuto Simão de Oliveira, com a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I; Escola Municipal Quilombola Professor José Mendes, com o Ensino Fundamental II, e a Escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralina

Mendes, com o Ensino Médio. Temos ainda a creche que está em processo de construção. Atualmente, na comunidade, temos escolas com todas as modalidades de ensino. As escolas José Nêu de Carvalho (Vila Centro) e Bevenuto Simão de Oliveira (Sítio Paula), atendem creche, Educação Infantil e Ensino Fundamental I.

Figura 70- Escola José Nêu de Carvalho



Foto: Fábria Oliveira, 2023.

Figura 71- Escola Bevenuto Simão de Oliveira



Foto: Mateus Nascimento, 2023.

A escola Professor José Mendes, marco da luta pela educação, atende aos estudantes de 6º ao 9º ano.

Figura 72- Escola Professor José Mendes: O marco para a liberdade



Foto: Fábria Oliveira, 2023.

A escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralina Mendes recebe os estudantes de 1º ao 3º ano do Ensino Médio.

Figura 73- Escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralina Mendes



Foto: Fábria Oliveira, 2023.

Há também, em processo de construção, uma creche que ampliará a oferta de vagas para o referido público. Outro avanço na comunidade é a discussão sobre de que forma e quando chegará o Ensino Superior.

5.3 O Encontro com as Artes, as Lutas, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas

A discussão sobre a implantação do Ensino Superior é fomentada por meio de uma atividade que realizamos desde 2017, de dois em dois anos, girando em torno do aniversário da associação quilombola local, que tem como data de fundação 17 de julho de 2000. É o Encontro com as Artes, as Lutas, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas.

O encontro é uma realização da AQCC, juntamente com o Instituto de Investigação em Artes, Design e Sociedade da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. O resultado de tudo é compartilhado em um livro onde há escritas das pessoas da comunidade e escrita das pessoas de outras localidades que participam do evento.

Figura 74- Livros do I e II Encontro com as Artes



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

O primeiro encontro aconteceu em 2017, e o segundo em 2019. O terceiro, que deveria ter acontecido em 2021, não aconteceu por causa da pandemia da Covid – 19 e só veio a acontecer em 2023.

A última edição contou com a participação de várias universidades e institutos federais de todo o Brasil, além de representações de Portugal e Cabo Verde. Teve início em 09 de julho, com a acolhida e troca de sabores, seguimos até dia 14, dia em que aconteceu o encerramento. A troca de sabores é a partilha de comidas que cada participante traz de suas localidades para partilhar com as pessoas presentes. O público local traz também a sua culinária para oferecer aos visitantes e, assim, as delícias são compartilhadas.

Figura 75- Troca de Sabores



Fonte: Crioulas Vídeo, 2023.

O que também não pode faltar na abertura é a tradicional Banda de Pífanos.

Figura 76- Tradicional Banda de Pífanos de Conceição das Crioulas



Fonte: Crioulas Vídeo, 2023.

O Trancelim, que é um grupo de dança local, também abre os caminhos para os trabalhos que seguem a semana toda.

Figura 77- Meninas do Trancelim de Conceição das Crioulas



Fonte: Lais Domingues, 2021.

De acordo com a programação, o terceiro encontro contou com dois dias de oficinas nas 36 turmas das quatro escolas quilombolas, acontecendo simultaneamente, ofertadas por estudantes e professores universitários de diversas universidades, a exemplo da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e do Instituto Federal Campus Salgueiro.

É importante que nossos estudantes saibam contar a nossa história de origem, mas é importante também que adquiram outros conhecimentos. O contato com o mundo acadêmico também é uma forma de incentivo para quem quiser continuar estudando além do Ensino Médio.

Figura 78- Oficinas nas escolas quilombolas



Fonte: Moisés Oliveira, 2023.

Os professores e professoras puderam contar também com diversos momentos formativos. A formação específica é uma luta que travamos constantemente com os governos municipal, estadual e federal, que ainda deixam muito a desejar. Nesse sentido, essa formação visa atender a essa demanda tão importante para nossas escolas.

Um momento de encher os olhos foi a oficina oferecida pelas Mestras da comunidade sobre os saberes locais. Asicineiras do caroá, umbu, angu e barro, mostravam desde o processo de colher e preparar a matéria prima até o fazer do produto final.

No Caroá estavam à frente as Mestras Chiquinha e Evânia.

Figura 79- Oficina das Bonecas Vivas de Caroá



Fonte: THE WSS, 2023.

Na de umbu, quem compartilhou seus saberes foram as Mestras Valdeci e Espedita Bernardina.

Na oficina de Angu, Lourdinha e Edinalva disseminaram o que sabiam.

Figura 80- Oficina de Angu com Galinha de Capoeira



Fonte: Edinalva Silva, 2023.

Na de barro, contamos com os ensinamentos das Mestras Mãe Dina e sua filha Maria dos Santos.

Ainda tivemos as noites culturais com atrações locais e de outras comunidades quilombolas, desde o afoxé, coco e maracatu, até o tradicional forró pé de serra.

O quilombo também é composto por riquezas naturais. E o encontro com a natureza também esteve na programação por meio da Visita Guiada aos nossos Pontos Históricos. Nas manhãs, durante toda a semana, os visitantes puderam apreciar nossas belezas naturais e conhecer um pouco das histórias da Roça de Lourdinha, Pedra da Mão, Caldeirão dos Ossos, Pedra do Matame, Pedra Preta e do Açude. A Visita Guiada era muito mais do que um contar histórias: era um momento de fortalecimento através do

contato com elementos essenciais, como as águas, as pedras, a terra, as folhas e o vento que nos alimentam com suas forças vitais.

Tivemos como homenageado do evento o nosso grande líder Andreelino Negão.

Figura 81- Nosso Mestre André Negão



Fonte: Fábria Oliveira, 2023.

Internamente, esta é uma ação organizada pela AQCC por meio da Comissão de Educação e que conta com o apoio, mobilização e acolhimento de todas as pessoas do quilombo. A Comissão de Educação é formada por 05 (cinco) mulheres que lideram as discussões referentes à educação intercultural, específica e diferenciada em Conceição das Crioulas. Atualmente, essas mulheres são: Márcia, Penha, Fabiana(eu), Zélia e Diva.

Figura 82- Comissão de Educação da AQCC



Foto: Wédson Atikum, 2022.

Conceição das Crioulas tem processo seletivo específico, tem concurso específico. O primeiro foi em 2012, o segundo em 2016 e o terceiro em 2020. A especificidade se refere a só concorrer a vagas nas escolas quilombolas quem é de Conceição, conforme edital.

Para que conseguíssemos foi preciso aprovar um Projeto de Lei na Câmara de Vereadores que criasse o cargo Professor Quilombola. A aprovação aconteceu e a partir de então possibilitou esse grande feito. Salgueiro é o primeiro município do Brasil a conseguir e infelizmente, mesmo tendo sido há 11 anos, não temos registro que nenhuma outra comunidade quilombola tenha conseguido a mesma política.

Figura 83- Lei que cria o Cargo Professor/a Quilombola



Fonte: Arquivo da autora, 2023.

Todos os avanços educacionais são frutos de muitas lutas. Há muito tempo já fazemos educação específica, diferenciada e intercultural. Para nós, não basta que nossos estudantes aprendam somente a ler e a escrever. É preciso que eles aprendam a pensar, a mudar suas realidades, a revolucionar o seu mundo.

Para fortalecer nossas práticas educacionais, contamos com a Carta de Princípios da Educação Escolar Quilombola, documento produzido por lideranças estaduais quilombolas e que temos como lei na nossa educação.

Figura 84- Carta de Princípios

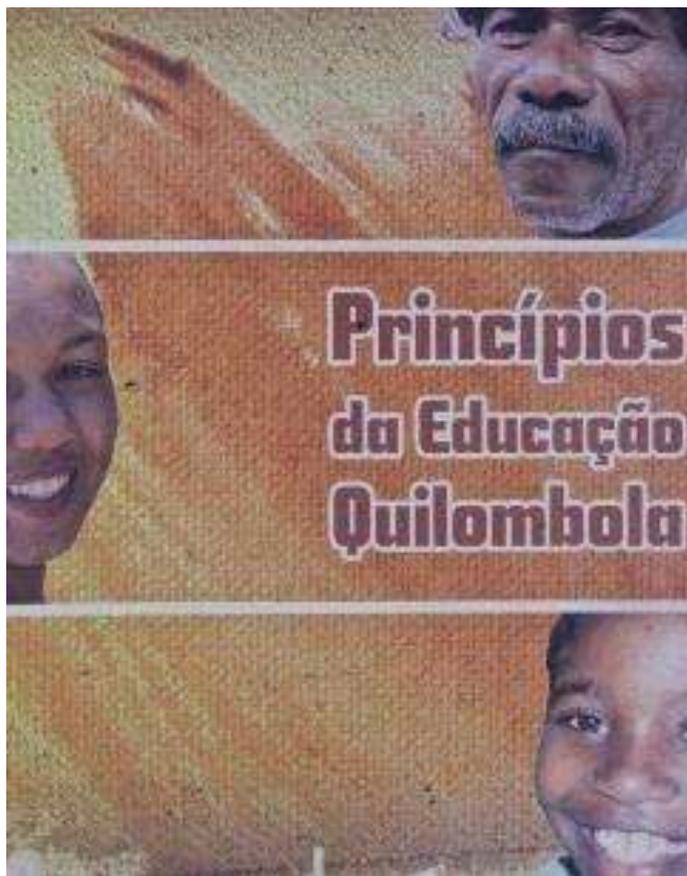


Foto: Arquivo pessoal da autora, 2023.

A Carta de Princípios serviu de referência para a construção das Diretrizes Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, processo em que tivemos duas pessoas da comunidade na construção: as professoras Maria Diva da Silva Rodrigues e Maria Zélia de Oliveira. O parecer foi publicado em 20/11/2012.

À luz das diretrizes nacionais, o quilombo de Conceição das Crioulas, juntamente com a gestão municipal, conselho municipal, lideranças das demais comunidades quilombolas da cidade, escolas quilombolas do território e lideranças locais, construiu as Diretrizes Municipais para a Educação Escolar Quilombola. O parecer de Nº 008/2022 foi aprovado em 22/08/2022. Em Pernambuco, o estado ainda não conseguiu finalizar a construção das diretrizes estaduais. Em nível de municípios pernambucanos, além de Salgueiro, temos as diretrizes em Custódia, Orocó e Mirandiba.

Somos uma comunidade quilombola que temos escolas com todas as

modalidades de ensino da Educação Básica. No estado de Pernambuco só temos duas escolas de Ensino Médio, a primeira foi a nossa, em 2012. Temos Projeto Político Pedagógico coletivo das quatro escolas, produzido por nós, para nós, com todos e todas. Temos 100% dos trabalhadores da educação de Conceição das Crioulas, nas quatro escolas quilombolas. Temos seleção específica e concurso específico. Temos diretrizes municipais. O nosso maior desafio, hoje, é manter tudo que conquistamos e também fazer com que todas essas conquistas cheguem nas demais comunidades quilombolas do município, do estado e do país.

Temos a educação como um ato político, e tudo que fazemos é no sentido de desenvolver nosso lugar e garantir soberania para o nosso povo. A educação quilombola, ensinada e repassada pelas pessoas mais velhas - Pedagogia Crioula, atua juntamente com a educação escolar quilombola e uma serve para fortalecer a outra. Ambas andam juntas e fortalecem a nossa história, identidade, tradições e tudo que é importante para a nossa gente.

Estou no mestrado seguindo os passos de quem veio antes de mim. Temos quatro mestras acadêmicas e um mestre. Em novembro de 2022, tivemos a enorme felicidade de conseguir a nossa primeira doutora acadêmica, que foi Givânia Maria da Silva. Eu sigo os passos dela e outras e outros seguirão meus passos. Um exemplo que trago são os que chamo de filhos da luta. Enquanto meus estudantes, nas escolas quilombolas, incentivei-os a participar das ações do movimento, prática comum de quem é professora militante. Fábia é Pedagoga, Werverton (THE WSS) cursou Tecnologia em Alimentos e Lorena está estudando Psicologia.

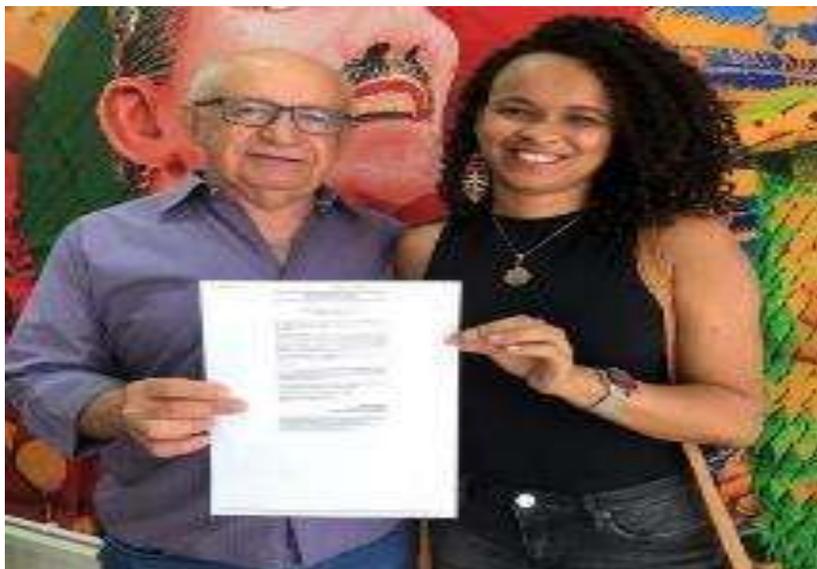
Figura 85- Filhos da luta

Foto: Bianca Oliveira, 2022.

Conseguir estar no mestrado é dizer que nós, mulheres quilombolas podemos chegar onde a gente quiser, é dizer que uma filha de mãe e pai agricultores, pode chegar onde quiser, é dizer que nós, quilombolas, podemos chegar onde nós quisermos. Sou estudante quilombola pelas ações afirmativas e sei que para que este espaço passasse a existir dentro das universidades, muitos tiveram que lutar. As cotas mudaram a universidade e a transformaram em um espaço mais diverso, colorido e plural.

Enquanto professora municipal, lutei para tornar efetiva a lei municipal que prevê afastamento para professores estudantes do mestrado ou doutorado. A lei existe, mas ninguém nunca tinha conseguido sua efetivação. Em 18/11/2022, a portaria que garantia meu afastamento para que eu pudesse somente estudar saiu, e foi um marco no município. Fui a primeira professora da rede pública municipal a conseguir.

Figura 86- Primeiro afastamento concedido pelo município para estudante da Pós-Graduação



Fonte: Carmen Carvalho, 2023.

Figura 87- Portaria de afastamento temporário

<p>ESTADO DE PERNAMBUCO MUNICÍPIO DE SALGUEIRO</p> <hr/> <p>DIRETORIA DE GESTÃO DE PESSOAS PORTARIA N.º 817/2022</p> <p>O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE SALGUEIRO/PE, no uso de suas atribuições legais, constantes da Lei Orgânica Municipal:</p> <p>CONSIDERANDO o art. 27 da Lei Municipal de nº 2.414/2022, a qual dispõe que o Sistema Municipal poderá conceder afastamento temporário aos professores para cursos de Pós-Graduação: Mestrado e Doutorado, desde que não contrarie os interesses da aprendizagem dos estudantes, mediante critérios estabelecidos em legislação própria.</p> <p>CONSIDERANDO o requerimento da servidora e o deferimento do secretário da pasta.</p> <p>RESOLVE:</p> <p>Art. 1º. CONCEDER AFASTAMENTO TEMPORÁRIO a servidora Fabiana Ana da Silva, matrícula nº 160826, lotada na Secretaria de Educação, referente a 559 dias, no período de 21/06/2022 a 31/12/2023.</p> <p>Art. 2º. Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação e seus efeitos retroagem a 21 de junho de 2022.</p> <p>Salgueiro-PE, em 18 de novembro de 2022.</p> <p>MARCONES LIBÓRIO DE SÁ Prefeito</p> <p style="text-align: right;">Publicado por: Ericka Pereira Matias Código Identificador:B668BEB1</p> <hr/> <p>Matéria publicada no Diário Oficial dos Municípios do Estado de Pernambuco no dia 02/12/2022. Edição 3228 A verificação de autenticidade da matéria pode ser feita informando o código identificador no site: https://www.diariomunicipal.com.br/amupe/</p>

Fonte: Arquivo da autora, 2023.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão é que nada há de concluído (Macuxi, 2020, p. 44)

Considerações finais??? Não, não!!! Eu não acredito no finito. Logo, escrevo aqui aquilo que para mim é o começo de uma longa história do meu amor pela escrita. Um amor que sempre tive, mas que pouco demonstro. Vou demonstrar mais, desde que seja uma escrita livre, com vida, pulsante assim como é a vida no quilombo, assim como é a minha vida. Uma escrita que não canse o leitor ou leitora.

Essa roda de conversa que propus e que a academia chama de dissertação. Não quero que fique esquecida nas estantes das bibliotecas ou nos repositórios dos links da vida. Quero que entre nos quilombos, nas escolas de todo o canto do Brasil e do mundo. Quero que transforme, inunde, salve vidas negras, quilombolas e outras vidas que ainda estão na ignorância do racismo, do preconceito e de tudo que não representa essa linda constituição do povo brasileiro.

Eu não sei se você me entendeu, na forma que eu escrevi, porque eu não quero que, para ter um título acadêmico, eu deixe de ser o que eu sou. E eu sou verso, poesia, música e tudo que representa liberdade. Espero que tenha chegado a uma resposta ou a todas as respostas das perguntas que fiz no início.

Também não quero que pense que não aprendi nada com a universidade ou que ela nada serviu para mim. Serviu e eu aprendi muito. Aprendi a importância de ocupar outros espaços, de ouvir outras histórias e de contar a minha. Aprendi que num mundo tão racista sempre e em todo lugar também haverá pessoas antirracistas.

Aprendi que, além de ser uma contadora das histórias do meu povo, me tornei uma pesquisadora e uma investigadora, porque uma coisa é contar as histórias que já estavam em mim, outra coisa foi mergulhar nos livros, nas dissertações e teses e nas memórias de cada museu, de cada biblioteca viva que são nossos mais velhos e mais velhas para aprender a contar mais e mais histórias.

Que os quilombos se unam com as aldeias e que chamem os terreiros, os povos dos rios, das florestas e as favelas para continuar fazendo as transformações que as universidades e todos os outros espaços precisam. A mudança é urgente e gritante.

Por fim, digo que já tenho o maior título, que é ser quilombola de Conceição das Crioulas. Quero que saibam que minha maior escola foi a AQCC – Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. Que estudei e estudo para dizer ao meu povo, que a gente pode chegar onde a gente quiser chegar. Estudei para ser professora quilombola porque disseram que não éramos capazes. Sim, estou no mestrado, vou seguir para o doutorado e para tudo que a minha comunidade me mandar.

Vou continuar adentrando as universidades nacionais, internacionais e todos os cantos e espaços onde a minha voz precisar ser ouvida, que a nossa causa precisar ser visibilizada, pois, para nós, a verdadeira liberdade para o nosso povo, é podermos contar a nossa história.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas** – Um Manifesto. 1ª ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2017.

ANTUNES, Marta de Oliveira. **A terra que volta**: Gerindo territórios, memória e conflitos e normas em Conceição das Crioulas. 2016. 518 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS. **Projeto Político Pedagógico das Escolas do Território Quilombola de Conceição das Crioulas**. Salgueiro/PE, 2008/2014/2015/2016.

ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS/Comissão de Educação. **Nosso Território-Conceição das Crioulas**. Salgueiro/PE, 2011.

ATIKUM, Graça. **Entrevista VII**, concedida em 11/06/2023. Entrevistadora: Fabiana Vencezlau. Quilombo de Conceição das Crioulas, 2023.

ATIKUM, Jeane. **Entrevista VI**, concedida em 11/06/2023. Entrevistadora: Fabiana Vencezlau. Quilombo de Conceição das Crioulas, 2023.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. **Decreto- Lei nº4887/03**, de data. descrição. **Disponível em:** https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm Acesso em 09/02/2023
BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República. Disponível em: <https://cpisp.org.br/constituicao-federal-de-1988-artigo-68/> . Acesso em: 09/02/2023.

CARNEIRO. Sueli. **Mulheres Quilombolas**: territórios de existências negras femininas. São Paulo: Jandaíra, 2020.

CENSO QUILOMBOLA 2022. **IBGE**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=censo+quilombola+2022> Acesso em 21/08/2023.

CONCEIÇÃO, **CINESESI cultural 10 anos**, youtube, 23/abril/2013, 3min.03 seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-sIEg9itD5E>, Acesso em maio, 2022.

CONCEIÇÃO, Generosa Ana da. **Entrevista VIII**, concedida em 13/08/2023. Entrevistadora: Fabiana Vencezlau. Quilombo de Conceição das Crioulas, 2023.

DEALDINA, Selma dos Santos; NAZÁRIO, Gessiane.; ALMEIDA, Carlídia Pereira de. **Mulheres Quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandira, 2020.

DECRETO 4887/03 VOCÊ SABE O QUE É? VEM COM A GENTE. **Conaquilombos**, Brasília, 2023 Disponível em: https://www.instagram.com/p/CoZsUEzuL8m/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng%3D%3D&img_index=1 . Acesso em: 22/09/2023.

DOS SANTOS, Ana. **Pequenos Grandes Lábios Negros**. 1 edição. Belo Horizonte: Editora Venas Abiertas, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência**: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. Ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, Franz. **Peles negras, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GABRIEL PENSADOR. LETRAS. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gabriel-pensador/72839/> . Acesso em 07/08/2023.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla, - 2. Ed. São Paulo. Editora: WMF Martins Fontes, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo** - Diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação** – Episódios de Racismo Cotidiano. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MAKUXI, Jaider Esbell. **Narrativas insurgentes**: decolonizando conhecimentos e entrelaçando mundos. Florianópolis– SC. Rocha Gráfica e Editora, 2020.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da senzala**: quilombos, insurreições, guerrilha. 6. Ed. São Paulo, Anita Garibaldi, 2020.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma História feita por mãos negras**: Relações raciais, quilombos e movimentos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Márcia Jucilene do. **Por uma pedagogia crioula**: memória, identidade e resistência no Quilombo de Conceição das Crioulas – PE. 2017. [Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável, Mestrado em Sustentabilidade junto Povos e Territórios Tradicionais – MESPT]. Brasília: UnB, 2017.

OLIVEIRA, Bernardina Firmiana de. **Entrevista II**, concedida em 13/05/2023. Entrevistadora: Fabiana Vencezlau. Quilombo de Conceição das Crioulas, 2023.

OLIVEIRA, Valdeci Maria da Silva. **Entrevista III**, concedida em 14/05/2023. Entrevistadora: Fabiana Vencezlau. Quilombo de Conceição das Crioulas, 2023.

PROJETO: NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL. **Quilombolas de Conceição das Crioulas**, Fascículo 6. Salgueiro, Pernambuco, Brasília DF, abril 2007.

RAINHO, Rita. **Partilha de Reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas**. Porto: Empresa Diário do Minho, Lda.2017.

RIBEIRO, Matilde. **Políticas de promoção da igualdade racial no Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

RODRIGUES, Maria Diva da Silva. **Política de nucleação de escolas: Uma violação de direitos e a negação da cultura e da educação escolar Quilombola**.2017. [Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável, Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais – MESPT]. Brasília: UnB, 2017.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos** – modos e significados. Brasília, 2021.

SILVA, Ana Claudia Matos da. **Uma escrita contra-colonialista do Quilombo Mumbuca** Jalapão TO. [Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável, Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais – MESPT]. Brasília: UnB,2019.

SILVA, Givânia Maria da. **Educação e luta política no quilombo de Conceição das Crioulas**. 1ª ed.Curitiba: Appris, 2016.

SILVA, Givânia Maria da; SILVA, Romero Antônio de Almeida; DEALDINA, Selma dos Santos; ROCHA, Vanessa Gonçalves da (org.). Educação quilombola: territorialidades, saberes e as lutas por direitos. São Paulo: Jandaíra, 2021.

SILVA, Josefa Maria da. **Entrevista V**, concedida em 11/06/2023. Entrevistadora: Fabiana Vencezlau. Quilombo de Conceição das Crioulas, 2023.

SILVA, Maria da Penha e. **Entrevista IV**, concedida em 10/06/2023. Entrevistadora: Fabiana Vencezlau. Quilombo de Conceição das Crioulas, 2023.

SILVA, Maria de Lourdes da. **Entrevista I**, concedida em 13/05/2023. Entrevistadora: Fabiana Vencezlau. Quilombo de Conceição das Crioulas, 2023.

SILVA, Romero Antônio de Almeida. **Identidade, memória e pertencimento como instrumentos de luta no currículo escolar da comunidade quilombola de**

Trigueiros-PE. Recife: EDUPE, 2022.

SOUZA, Bárbara Oliveira de. **Aquilombar-se** – Panorama sobre o Movimento Quilombola Brasileiro. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2016.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ANEXOS

ANEXO 01

DECLARAÇÃO DE PERTENCIMENTO ÉTNICO



Associação Quilombola de Conceição das Crioulas - AQCC

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas - AQCC

DECLARAÇÃO DE PERTENCIMENTO ÉTNICO

O sentimento de pertença com relação ao território conquistado foi incorporado pelos descendentes das primeiras Crioulas, o que fez com que essas pessoas lutassem corajosamente para defender a herança mais importante deixada por suas ancestrais.

(Trecho retirado do PPP das Escolas do Território Quilombola de Conceição das Crioulas)

Declaro que **Fabiana Vencezlau**, autora da pesquisa que tem como título: **CONTAM OS MAIS VELHOS: ANCESTRALIDADE, ORALIDADE E RESISTÊNCIA NO QUILOMBO DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS – PE/BRASIL**, mestranda na Letras na linha de pesquisa Pós-Colonialismo e Identidades do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é professora quilombola, residente do Quilombo de Conceição das Crioulas e pertence à comunidade quilombola anteriormente citada.

Declaro também que durante o período da pesquisa intitulada: **CONTAM OS MAIS VELHOS: ANCESTRALIDADE, ORALIDADE E RESISTÊNCIA NO QUILOMBO DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS – PE/BRASIL**, a professora **Fabiana Vencezlau** já fez dois momentos de apresentação da pesquisa à comunidade que, de forma oralizada e coletiva, aprovou a pesquisa e não se opôs à divulgação pública das informações e imagens contidas no texto a ser apresentado no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Além disso, várias lideranças são coautoras em conjunto com **Fabiana Vencezlau** no texto **A Voz da Pedagogia Crioula no Quilombo de Conceição - Salgueiro/PE**.

Declaro ainda que a pesquisadora participa da vida social, cultural, educacional e política desse território tradicional, enquanto professora e liderança. Tem experiência de trabalho junto ao território de Conceição das Crioulas desde muito jovem em diversas áreas. É sócia da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas - AQCC. Integra também as comissões de Educação e de Comunicação da referida associação, onde contribui de forma significativa no processo de fortalecimento da história do povo quilombola, como também na divulgação da causa quilombola na luta por direitos.

O sentimento de pertencimento a essa comunidade lhe impulsiona cada vez mais na defesa e na resistência de lutar por dias melhores para o nosso povo também no meio acadêmico onde ela fará a defesa de sua dissertação que escreveu com a intenção de registrar, de forma escrita, as narrativas oralizadas do Quilombo de Conceição das Crioulas.

Quilombo de Conceição das Crioulas, 25 de setembro de 2023.


João Alfredo de Souza

Coordenador Geral da AQCC

CPF: 446.464.964-53 RG: 1.768.763 SSP/PE